UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

FERNANDA MACCARI GUOLLO

A RECEPÇÃO LEITORA DE *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*: DA PROSA ÀS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

TUBARÃO

2011

FERNANDA MACCARI GUOLLO

A RECEPÇÃO LEITORA DE *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS:* DA PROSA ÀS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem

Orientadora: Prof. Dra. Heloísa Juncklaus Preis Moraes

Tubarão

2011

FERNANDA MACCARI GUOLLO

A RECEPÇÃO LEITORA DE *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*: DA PROSA ÀS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 30 de novembro de 2010.

_____

Professora e orientadora Dra. Heloísa Junklaus Preis Moraes
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

_____

Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral
Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina - UNESC

_____

Profa.Dra. Jussara Bittencourt de Sá
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

Aos meus pais pelo infinito amor que nos une.

AGRADECIMENTOS

A Deus pai eterno, que em todos os momentos da minha vida me guia, me ilumina e me protege;

Aos meus pais pelo imenso amor, compreensão, incentivo e apoio em todos os momentos da minha vida e, em especial, na minha trajetória de formação acadêmica;

Aos meus nonos (Fernando e Edvirges) por sempre torcerem pela concretização de meus projetos e, em especial, aos meus avós, *in memoria in* Élia e Lyrio, que já partiram, mas que permanecem eternos em meu coração, meus sinceros agradecimentos e minha profunda saudade.

À minha amiga de todas as horas, Caroline Goulart da Rosa, por sua presteza, colaboração e por todos os momentos que passamos juntas dentro e fora da universidade.

Ao padre Nivaldo Ceron pelos preciosos conselhos e orações que me renovam a cada dia.

À minha professora orientadora, Heloísa Juncklaus Preis Moraes, pela confiança, compreensão, estímulo, carinho, atenção, pelas lições de profissionalismo, de ética, de seriedade e pelo apoio constante no decorrer da composição desta dissertação e pela partilha de saberes que foram agregados a cada encontro que tivemos.

Aos demais professores do corpo docente do mestrado da época Alessandra Soares Brandão (pelos conselhos na banca de qualificação), Eliane Debus (ex-orientadora), Fábio Rauen (pelas orientações metodológicas), Jussara Bittencourt de Sá (estimada professora), Ramayana Lira, Sandro Braga, que compartilharam experiências e conhecimentos no decorrer das aulas.

Ao Colégio Interação que abriu suas portas para a realização desta pesquisa, à diretora Rosângela Colombo e, em especial, à coordenadora pedagógica Ronisi Guimarães meus agradecimentos pela confiança em meu trabalho.

Aos alunos que participaram da Oficina de Leitura, pelo empenho, entusiasmo e cooperação no desenvolvimento das atividades propostas.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

"O significado da obra literária é apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação da obra com a realidade, mas tão-só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe, por assim dizer, na multiplicidade de seus aspectos".

Karlheinz Stierle (2002, p. 120)

RESUMO

Para disseminar o gosto pela leitura literária entre os jovens leitores é necessário averiguar os gêneros que oportunizam o contato do leitor com as narrativas literárias. Esta pesquisa traz à cena a análise da recepção leitora de *Dom Quixote das crianças*, título adaptado por Monteiro Lobato em prosa, que consiste num projeto de leitura embasado na narrativa cervantina *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha* para a literatura infantil em meados do século XX e que é redesenhado para as histórias em quadrinhos (HQs) em pleno século XXI, por André Simas. Estão presentes às linhas deste trabalho a contextualização histórica da literatura infantil, a presença de Monteiro Lobato enquanto adaptador de narrativas direcionadas à literatura para infância, tendo Dona Benta como a personagem mediadora da leitura entre a turma do Sítio e dos jovens leitores que estão em contato com a narrativa lobatiana. Há uma análise do título em estudo em prosa, bem como, do texto (re)adaptado para as HQs, que tem sua historicidade também mencionada. O embasamento teórico está vinculado à teoria da Estética da Recepção por ser primordial à análise da recepção leitora de um grupo de estudantes cuja faixa etária está enquadrada aos 12 anos. Logo, seguem as análises oportunizadas pela Oficina de Leitura proposta para a realização desta pesquisa com o círculo de leitura, ilustrações da narrativa por parte dos estudantes e aplicação de questionários para posterior análise dos dados. Por fim, encontra-se a análise das respostas dos alunos que são reflexos das atividades das leituras realizadas. Assim, a presente pesquisa visa a contribuir para a formação de jovens leitores, favorecendo o incentivo e apreço pela leitura literária entre o público infantil e juvenil com o intuito de oportunizar a ampliação dos desempenhos comunicativos e culturais das crianças, bem como vislumbra novos olhares para a prática leitora dentro e fora da sala de aula.

Palavras-chave: Literatura infantil. Recepção Leitora. Dom Quixote das crianças.

ABSTRACT

In order to disseminate the taste for the literary reading it is necessary to find out which genres provide this contact between readers and the literary narratives. This research brings out the analysis of reading reception in *Dom Quixote das Crianças,* a Monteiro Lobato's adaptation of Cervantes' *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha* for children's literature in the mid-twentieth century and which was also adapted for comics in the 21th century by André Simas. This study presents the historical contextualization of children's book, the presence of Monteiro Lobato and his adaptations, having Dona Benta as a reading mediator character between the children in the *Sítio do Picapau Amarelo* (Yellow Woodpecker Farm) and the young readers who are in touch with Lobato's narrative. ¨There is also an analysis of the book studied and the story adapted for comics, having its historicity mentioned as well. The theoretical background review is based on the Theory of Aesthetics Reception considering its important for the reading reception analysis of a group of students at the age of 12 years old. Then, the study presents the analyses of a Reading Workshop carried out during the research, including a reading circle, narrative illustrations made by students and a questionnaire for further data analysis. Finally, the analysis of students' answers are presented, they are the reflection of the reading activities. Thus, the present research aims at contributing to young readers' education, favoring young readers' encouragement and taste for literary reading with the purpose of promoting and improving children's cultural and communicative performances as well as suggesting new ways to practice reading inside and outside classrooms.

Keywords: Children's book; Reading Reception; Dom Quixote das Crianças.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa do livro *Dom Quixote das crianças*, em prosa (2004). 48
Figura 2 – Capa do livro *Dom Quixote das crianças*, em quadrinhos (2009). 78
Figura 3 – A biblioteca faz parte da primeira cena do livro em quadrinhos. 81
Figura 4 – A composição dos quadrinhos em *Dom Quixote das crianças.* 83
Figura 5 – A presença das legendas na intitulação dos capítulos. 85
Figura 6 – A representação da morte de Dom Quixote nas HQs. 86
Figura 7 – Incentivo à leitura: a última cena dessa história em quadrinhos tem como cenário a biblioteca. 87
Figura 8 – Aluno 1 - Desenho referente à leitura do livro até o décimo capítulo. O aluno retratou Dom Quixote por considerá-lo personagem mais importante do enredo. 102
Figura 9 – Aluno 2 - Desenho que ilustra o cavaleiro andante montado no Rocinante em busca de mais aventuras 103
Figura 10 – Aluno 3 - Desenho retratando as personagens (Emília e Dom Quixote) que na visão dele se destacaram até o décimo quarto capítulo. 103
Figura 11 – Aluno 4 - Desenho referente à leitura até o décimo quarto capítulo. O aluno destacou o cavaleiro andante e aproveitou um desenho presente no livro para reproduzi-lo. 104
Figura 12 – Aluno 5 - Desenho retratando um episódio do livro *Dom Quixote das crianças* (XII - As aventuras na estalagem) em que Sancho Pança colocou seu amo (Dom Quixote) em cima de seu burrinho após ser derrotado. 104
Figura 13 – Aluno 6 – Desenho retratando o cavalo, Rocinante, que enfrentou longas caminhadas com a armadura pesada de Dom Quixote em suas costas. 105
Figura 14 – Alunos do Grupo I confeccionando o cenário para o teatro 115
Figura 15 – Alunos do Grupo I confeccionando o cenário para o teatro sempre com o auxílio do livro em HQs. 115
Figura 16 – Ensaio do Grupo I no pátio da escola. 116
Figura 17 – Ensaio do Grupo I com os alunos empenhados no ensaio. 116
Figura 18 – Grupo I ensaiando o teatro com o livro em HQs sempre às mãos. 117
Figura 19 – Alunos do Grupo I apresentando o teatro. 117
Figura 20 – A luta que Dom Quixote com o Cavaleiro dos Espelhos, que na verdade é Sansão Carrasco. 118

Figura 21 – Alunos do Grupo I apresentando o teatro. 118
Figura 22 – Grupo I - Cavaleiro da Branca Lua convidando Dom Quixote, acompanhado de seu fiel escudeiro Sancho Pança, para um duelo. 119
Figura 23 – Grupo I encenando o teatro sempre com auxílio do livro em HQs. 119
Figura 24 – Aluno 7 - Emília pensando ser Dom Quixote. 136
Figura 25 – Aluno 8 - Ilustração do Cavaleiro da Branca Lua. 136
Figura 26 – Aluno 9 - Emília imitando Dom Quixote 137
Figura 27 – Aluno 10 - Desenho de Sancho Pança. 137
Figura 28 – Aluno 11 - Rocinante se alimentando. 138
Figura 29 – Aluno 12 - Desenho de Emília guardando o caldinho da ciência do Visconde após seu esmagamento pelo livro de Cervantes. 138
Figura 30 – Grupo II confeccionando o cenário. 140
Figura 31 – Grupo II terminando uma parte do cenário. 140
Figura 32 – Escolhendo que partes iriam colocar no texto do teatro. 141
Figura 33 – Grupo II pintando os livros da biblioteca de Dona Benta para usarem no cenário do teatro. 141
Figura 34 – Grupo II confeccionando os moinhos de vento. 142
Figura 35 – Grupo II ensaiando na quadra da escola. 142
Figura 36 – Grupo II encenando o teatro. O cenário se diferencia daquele presente nas ilustrações da HQs. 143
Figura 37 – Os alunos do grupo II se apresentando aos alunos do 8º ano da escola. 143
Figura 38 – Grupo II apresentando para os colegas do 8º ano. Aqui estão Emília, Dona Benta e Tia Nastácia. 144
Figura 39 – Grupo II apresentando da esquerda para direita: Sancho Pança, Dom Quixote, Cavaleiro da Branca Lua e o estalajadeiro. 144

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Procedimentos desta pesquisa: medida antes, variável de inferência e medida depois. 98
Tabela 2 – Estudos que foram realizados por meio da coleta de dados (intervenção). 99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 MONTEIRO LOBATO E SUA PRODUÇÃO PARA CRIANÇAS 18
2.1 LITERATURA INFANTIL À BRASILEIRA: OLHAR HISTÓRICO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA PARA CRIANÇAS 19
2.2 UM PASSEIO PELA VIDA DO ESCRITOR 27
2.3 AS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS ESCRITAS POR LOBATO 32
2.4 DONA BENTA: MEDIADORA DA LEITURA LITERÁRIA DA TURMA DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO 42
***3* O PROJETO DE LEITURA LITERÁRIA NA ADAPTAÇÃO DE *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* 47**
3.1 LOBATO E *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*: ESTRATÉGIA DE INCENTIVO À LEITURA ENTREMEIO ÀS AVENTURAS QUIXOTESCAS 47
4 MONTEIRO LOBATO E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: INOVAÇÃO ESTÉTICA E ESTILÍSTICA EM *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* 63
4.1 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O SEU PERCURSO HISTÓRICO 64
4.2 HQ NA SALA DE AULA 70
4.3 A ADAPTAÇÃO DE *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* PARA AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS 76
5 A TEORIA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E SUAS PREMISSAS 89
5.1 PERCURSO METODOLÓGICO 97
6 A RECEPÇÃO LEITORA DE *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* EM PROSA E EM QUADRINHOS: ANÁLISE EMBASADA NA TEORIA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO 100
6.1 GRUPO EXPERIMENTAL (GRUPO I) 100
6.1.1 Estudo 1: Círculo de Leitura (prosa) 100
6.1.2 Estudo 1: Análise dos dados do questionário pós-leitura (prosa) 107
6.1.3 Estudo 2: Círculo de leitura (HQs) 112
6.1.4 Estudo 2: Análise dos dados do questionário final (resultados dos estudos 1 e 2) 120
6.2 GRUPO DE CONTROLE (GRUPO II) 124
6.2.1 Estudo 3: Círculo de leitura (HQs) 124

6.2.2 Estudo 3: Análise dos dados do questionário pós-leitura do livro em histórias em quadrinhos (HQs) 129
6.2.3 Estudo 4: Círculo de leitura (prosa) 135
6.2.4 Estudo 4: Análise dos dados do questionário final (resultados dos estudos 3 e 4) 145
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 149
REFERÊNCIAS 156
ANEXOS 162
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (MODELO) 163
ANEXO B – CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES (MODELO) 164
APÊNDICES 166
APÊNDICE A – PLANEJAMENTO GRUPO I 167
APÊNDICE B –PLANEJAMENTO GRUPO II 175
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO I (GRUPO I) – REFERENTE À LEITURA DO LIVRO EM PROSA *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*, DE MONTEIRO LOBATO. 183
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO II (GRUPO I) REFERENTE À LEITURA DA NARRATIVA *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* EM PROSA E EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS 187
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO III (GRUPO II) REFERENTE À LEITURA DO LIVRO ADAPTADO PARA AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*, DE ANDRÉ SIMAS. 190
APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO IV (GRUPO II) REFERENTE À LEITURA DA NARRATIVA *DOM QUIXOTE DA CRIANÇAS* EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS E EM PROSA 194

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil é uma vertente literária que obteve reconhecimento nacional no início do século XX entre as crianças brasileiras por representar uma fonte enriquecedora de cultura, divertimento e aprendizagem que se tornou um projeto relevante para os escritores, para o mercado editorial e para o sistema educacional. Essa escrita direcionada às crianças se constitui como um suporte precioso que corrobora com o elo da realidade vivida e com o universo literário ficcional instituído num primeiro momento por quem o escreve e num processo receptivo realizado pelos leitores, neste caso, pelas crianças. Nesta perspectiva, há benefícios evidentes para a compreensão leitora que emergem da prática da leitura de livros que expressem ao mesmo tempo aprendizagem e divertimento em suas linhas e entrelinhas, permitindo que o leitor-criança faça parte constante da narrativa lida. As leituras de títulos que contemplem essas especificidades possibilitam o aguçar do imaginário infantil, que se completa com as expectativas e com o desenvolvimento cognitivo desses leitores iniciantes e em formação. Esse gênero, que se propaga no Brasil, ocupa lugar destacado no âmbito da ficção, por se destinar a uma classe leitora iniciante (seres em formação), o que estimula a escrita de enredos que contemplem o "*caráter pedagógico"* (conscientizador) e *"lúdico"* [...] (COELHO, 2009, p. 164).

Por esse viés, o escritor Monteiro Lobato integra as crianças ao seu público leitor, por perceber um mercado de variáveis profícuas e lucrativo, devendo sua escrita privilegiar os dois eixos primordiais: educar e recrear, fatos esses, desproporcionais à realidade e disponibilidade literária da época, pois as produções existentes, fábulas e contos traduzidos e adaptados provindos do exterior, ou até mesmo os nacionais, não compartilhavam desse pensamento necessário para agradar, cativar e instruir as crianças. Na *Barca de Gleyre* (1951), publicação que reúne 40 anos de correspondências com o amigo Godofredo Rangel, Monteiro Lobato relata que pouquíssimos materiais serviam para a leitura de seus filhos, tendo ele vontade de iniciar traduções e adaptações adequadas à faixa etária das crianças. "As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amoras do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada" (LOBATO, 1951, p. 104).

Se for estabelecido um recorte sincrônico de 1920 a 1945 da introdução, desenvolvimento, reconhecimento e estabilidade da literatura infantil, constata-se que é nesse período que "toma corpo a produção literária para crianças, aumentando o número de obras, o

volume das edições, bem como o interesse das editoras [...] dedicadas quase que exclusivamente ao mercado constituído pela infância" (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 46).

A caminhada de Lobato na escrita de inúmeros livros infantis se inicia pela tradução de textos adaptados e imaginados/idealizados pelo próprio escritor por reconhecer que a leitura enriquece culturalmente os pensamentos e ações da população, que se desenvolve não só pela leitura do texto original, mas pelo acesso à literatura erudita por meio da tradução e da adaptação que dá ao escritor flexibilidade, ou seja, liberdade na composição do texto para a língua traduzida, abrindo espaço para inserções linguísticas, culturais e estéticas da realidade social de cada indivíduo. Adaptar tem como significado ajustar, adequar, moldar ao estilo que o adaptador deseja a sua escrita para presentear seus leitores com uma produção adequada à faixa etária destinada enaltecendo a tríade que norteia a teoria da Estética da Recepção: escritor, obra e leitor. Por isso, um dos recursos mais usados pelo paulista foi o adaptativo, que é um processo de criação que atrai inúmeras crianças para o universo da leitura literária na contemporaneidade.

Assim, o foco desta pesquisa diz respeito à recepção leitora da adaptação do título *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato, para as histórias em quadrinhos (HQs) por André Simas (Editora Globo), já que as crianças brasileiras, em pleno século XXI, ainda apresentam *déficits* na compreensão textual do que leem, às vezes, devido aos gêneros textuais disponibilizados para a leitura, fato que as desmotivam. Infelizmente, essa carência interpretativa pode ser constatada, de modo empírico, pelos professores no decorrer do ano letivo com atividades interpretativas de caráter básico. Devido à esta situação do não entendimento do texto em prosa (contos, crônicas, fábulas, romances, etc.), há a necessidade de procurar novas direções e recursos que contribuam para o desenvolvimento interpretativo dos leitores infanto-juvenis. Por esse viés, esta pesquisa visa a trabalhar com o texto em prosa e em paralelo com as HQs (histórias em quadrinhos) para averiguar quais as contribuições que a ação pictórica (icônica) dissemina na receptividade leitora das crianças da faixa etária dos 11-12 anos, fazendo uso da teoria da Estética da Recepção para orientar a análise, inclusive das perguntas e respostas que emergirão no decorrer do estudo deste caso.

A publicação da obra lobatiana representa, para o mercado editorial da época, um projeto de leitura, com direito a uma tradução de caráter adaptativo. Lobato a insere no universo do Sítio do Picapau Amarelo, tendo como narradora oficial a Dona Benta, que proporciona às personagens, e por conseqüência aos leitores, o contato com a narrativa espanhola em linguajar acessível e atraente. Há fragmentos da narrativa original que, quando

lidos por Dona Benta, geram a dificuldade às crianças do Sítio em entender a linguagem empregada. Assim, Lobato reorganiza os fatos mais relevantes e reescreve a história em linguagem simples (em relação ao original) por meio da tradução e/ou adaptação realizada por Dona Benta para dar ao público juvenil acesso a essa leitura. No início do século XXI, André Simas visita a obra de Lobato e o adapta para os quadrinhos tornando a história mais dinâmica devido às imagens empregadas.

Como objetos desta pesquisa, serão utilizados a adaptação realizada por Lobato e aquela realizada por Simas, em função da relevância da prática da leitura entre as crianças, atendo-se aos aspectos estéticos, a relação intrínseca entre a linguagem escrita, verbal e a imagética às particularidades da relação intertextual que há entre os dois livros e, principalmente, focalizar-se-á na recepção leitora do público infanto-juvenil em contato com as duas produções literárias por meio da intervenção realizada. Logo, esta tem como objetivo geral verificar a recepção leitora de *Dom Quixote das crianças* em prosa[1] e em HQs para averiguar qual o suporte propicia maior incentivo à leitura.

Esta análise, que requer a participação efetiva do público leitor, parte da observação do interesse infanto-juvenil pelos títulos de Lobato, que se manifestam desde o inicio das publicações pelas cartas enviadas ao escritor já naquela época, como a datada de 26 de junho de 1945, evidenciando a recepção positiva desta adaptação pelas palavras como as do leitor-criança Severino de Moura Carneiro Junior, que diz reler *Dom Quixote* sempre com seu fiel escudeiro Sancho Pança. Destaca que Emília vence sempre as batalhas e defende suas travessuras levando outros consigo, como o Visconde, que neste caso é amassado. Lembra ainda da discussão entre Pedrinho e Emília sobre a lança que racha e espeta, na qual a boneca de pano diz que não, "que espada é que racha. Foi um racha não racha danado. Quer dizer: foi uma discussão. Coitado do Visconde! Obedece a Emília porque ameaçou depenar-lhe as pernas e os braços" [...].[2] Há nessas palavras um emaranhado de projeções que ficaram marcadas no imaginário dessa criança que faz com que sua visão das personagens e de sua criticidade quanto às atitudes delas seja despertada.

---

[1] Neste contexto, a palavra 'prosa' remete-se ao texto integral de Monteiro Lobato (*Dom Quixote das crianças).*

[2] Trecho da carta que está arquivada no Arquivo Raul de Andrada e Silva. Caixa 1, pasta 3, carta 76. IEB (Instituto de Estudos Brasilieros)/USP. Informação retirada de JUSTO, Rosa Maria Oliveira. **Os moinhos de vento no Brasil: uma leitura da adaptação de Dom Quixote das crianças de Monteiro Lobato.** Dissertação de mestrado. 2006. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/.../TESE_ROSA_MARIA_OLIVEIRA_JUSTO.pdf> Acessado em 02 de jul 2010.

Inspirado nessa receptividade leitora em meados de 1940, hoje procura-se investigar quais os benefícios da leitura da mesma adaptação lobatiana para as histórias em quadrinhos (HQs) moldurada na contemporaneidade com atrativos dinamizados por meio das cores e traços chamativos dos desenhos.

Esta pesquisa está delineada em seis capítulos: o primeiro capítulo diz respeito à introdução deste trabalho. No segundo, tem-se um relato sobre o escritor Monteiro Lobato e sua trajetória na produção literária às crianças, citando seus feitos originais, traduções e adaptações com o intuito de situar o leitor sobre as origens da vontade do taubateano de propiciar o contato do público infantil (hoje infanto-juvenil) com livros de qualidade; é enfatizada, na seção secundária, uma breve contextualização histórica do surgimento e da propagação da literatura infantil no Brasil, que floresceu a partir das produções literárias originais, mas também das traduções e adaptações de escritores estrangeiros por volta do século XX; a seguir, haverá um passeio pela vida do escritor e, depois, será retratado seu estilo enquanto adaptador, enfatizando suas especificidades adaptativas, seus objetivos e suas expectativas diante do novo encaminhamento que estava vislumbrando, principalmente com o projeto de leitura do título *Dom Quixote das crianças*, por ser a adaptação de um clássico literário tão complexo e memorável para o público universal. Também, será realizado um levantamento sobre a atuação de Dona Benta, personagem mediadora da leitura entre as crianças na instância de tradutora e adaptadora, por representar a sabedoria em pessoa que consegue levar ao público infantil e juvenil títulos da literatura universal de forma simples e contextualizada com a realidade sociocultural de cada leitor/ouvinte.

No terceiro capítulo, o título em estudo escrito por Lobato, *Dom Quixote das crianças,* será analisado para que, em sequência, no quarto capítulo ,se direcione o olhar para a constituição das histórias em quadrinhos (HQs), sua origem e contribuições para o ensino, bem como destacar-se-á a relevância desse gênero no cotidiano escolar e far-se-á a análise da (re)adaptação do enredo lobatiano para os quadrinhos por Simas.

No quinto capítulo será mencionada a contextualização histórica da teoria da Estética da Recepção, incluindo reflexões sobre as sete teses/premissas que nortearão tanto o percurso metodológico da pesquisa quanto a intervenção que investigará o problema em questão. Contribuições teóricas de Hans Robert Jauss (1994), Wolfgang Iser (1996), Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993) terão espaço neste momento, já que salientam em seus escritos a relação "autor, obra e leitor" (produção, recepção e comunicação).

No sexto capítulo será realizada a análise dos dados após a leitura dos dois livros propostos aos estudantes e com isso, averiguar-se-á quais as contribuições ou não da (re)adaptação do livro de Lobato para as HQs. Uma coleta de dados qualitativos resultantes da oficina de leitura, que são frutos provenientes da ação de intervenção da pesquisadora.

A pesquisa caracteriza-se como um *estudo de caso* e terá análise de dados de cunho *qualitativo*, por se preocupar com o "projeto social" da leitura e do percurso interpretativo do título em questão migrado para outro gênero: HQs. Todo o processo de intervenção foi aplicado nas dependências de uma escola particular situada no município de Morro da Fumaça, Santa Catarina, com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, no 2º semestre de 2010. Realizada como uma "oficina de leitura" extraclasse, no período vespertino, em contra turno. Os alunos participaram voluntariamente das atividades. Os 12 alunos que compõem a turma serão divididos em dois grupos distintos com dias alternados de freqüência na oficina para realizarem as leituras e, depois, responderam um questionário para a coleta de dados que irá permitir o procedimento de análise.

Esta pesquisa, leitor, visa a averiguar quais as contribuições dos gêneros textuais: prosa e histórias em quadrinhos (HQs), para com a recepção leitora do público infanto-juvenil que possibilitem estruturar caminhos de incentivo à leitura literária para a efetiva formação de leitores, objetivando melhores desempenhos comunicativos e vislumbrando o desenvolvimento cultural das crianças tão almejado por profissionais da área, professores em geral e por pais e/ou responsáveis.

2 MONTEIRO LOBATO E SUA PRODUÇÃO PARA CRIANÇAS

> *Produto da imaginação criadora do homem,*
> *o fenômeno literário se caracteriza por uma duplicidade intrínseca:*
> *é simultaneamente abstrato e concreto.*
> *Abstrato, porque é gerado por idéias, sentimentos, emoções, experiências de várias naturezas...*
> *Concreto, porque tais experiências só têm realidade efetiva quando nomeadas,*
> *isto é, transformadas em linguagem ou em palavras*
> (COELHO, 2009, p. 64).

A disseminação e o *status* da literatura infantil teve a sua origem no final do século XVII, na Europa, mas foi somente "descoberta" entre as crianças brasileiras, ainda que timidamente, por meio de algumas produções de escritores nacionais como: Olavo Bilac, Figueiredo Pimentel e Carlos Jansen. Entretanto, tais iniciativas de disponibilizar uma literatura acordada com as expectativas do universo infantil não foram recebidas como o imaginado por seus escritores, pois as crianças que tinham acesso aos livros sentiam-se distanciadas da história, devido as traduções, que acarretavam certos costumes e construções frasais que o público infantil daqui desconhecia ou por não estar de acordo com seu desenvolvimento cognitivo. Tais fatos desencadearam a produção literária, no início do século XX, de Monteiro Lobato, a princípio pensando na educação de seus filhos, pois seu pensamento era o de criar histórias para esse público novato, mais especificamente, "livros para crianças. De escrever para marmanjos já enjoei. Bichos sem graça. Mas, para crianças, livro é todo um mundo. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar" (LOBATO, 1951, p. 293). E tanto desejou que os fez.

Desse modo, far-se-ão presentes nas linhas e entrelinhas deste primeiro capítulo, além das particularidades históricas cujas informações foram retiradas de Marisa Lajolo e Regina ZIlberman (2010), Nelly Novaes Coelho (2009), Leonardo Arroyo (1990), Andréia Borges Leão (2001) sobre o percurso introdutório desse novo gênero infantil, um breve relato biográfico da trajetória de Monteiro Lobato com valorosas contribuições de Edgard Cavalheiro (1956), da coletânea de cartas publicadas na *Barca de Gleyre* (1951), correspondências trocadas com seu amigo Godofredo Rangel, que tange não só seus pensamentos e ações, mas seus desejos enquanto empresário, editor e, principalmente, escritor. Colabora, também, Alice Mitika Koshiyama (1982) com detalhes relevantes sobre postura intelectual, empresarial e editorial de Lobato. Finaliza-se esta primeira parte com as contribuições da mediadora/tradutora/adaptadora Dona Benta, que faz a transposição dos

enredos a todas as personagens que moram no Sítio do Picapau Amarelo: a boneca de pano Emília, o Visconde de Sabugosa, Narizinho, Pedrinho, Tia Nastácia, dentre outros. Entretanto, será focalizada a presença e colaboração de sua atuação, principalmente, no título *Dom Quixote das crianças.*

2.1 LITERATURA INFANTIL À BRASILEIRA: OLHAR HISTÓRICO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA PARA CRIANÇAS

Muitas são as acepções da palavra literatura, que, em seu *stricto sensu,* designa: a *"arte que se constrói com palavras"* (SECRETARIA DA EDUCAÇÂO, 2006, p. 52). Consiste num fenômeno artístico vivo, dinâmico e linguístico em evolução, pois estabelece correlações entre a produção literária do passado e a realidade cultural de hoje. Também, a literatura infantil "[...] é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra" (COELHO, 2009, p. 27). Não havia até o século XVII, uma literatura voltada às crianças, com temáticas e linguagem direcionadas ao público infantil. Esta passou a ser reconhecida com a presença do "sentimento de infância" (ÀRIES, 1981).

No livro *Literatura Infantil Brasileira* (2010, p. 15), as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman relatam detalhadamente e de forma precisa a periodicidade da literatura infantil a partir do classicismo francês do século XVII até o século XX. As autoras destacam como os escritores inauguraram esse novo gênero, principalmente Charles Perrault, com os *Contos da Mamãe Gansa* (1697), pois antes disso havia apenas algumas histórias que poderiam ser voltadas ao público infantil, como as *Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694 e *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon (1717). Charles Perrault, no entanto, não assinou seu primeiro título voltado à literatura infantil, e sim atribuiu "a autoria da obra a seu filho mais moço, o adolescente Pierre Darmancourt, e a dedica ao delfim da França" (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 15).

O surgimento da literatura infantil não ocorreu isoladamente na França, mas sim na Inglaterra, "acontecimentos de fundo econômico e social que influíram na determinação das características adotadas" (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 16). Isso porque, no século XVIII, houve a industrialização e a consolidação de uma nova classe social: a burguesia.

Tal fato está relacionado a uma nova formação familiar, centrada num núcleo unicelular, com preocupações voltadas às necessidades das crianças, pois até então a criança não recebia atenção especial no que diz respeito à educação nem era atribuído a ela um papel social. Com isso, é acionada a escola, que "se qualifica como espaço de mediação entre a criança e a sociedade" e solidificação política e ideológica da burguesia (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 17), contribuindo para a frequência das crianças nas aulas, tirando-as do trabalho infantil em fábricas.

Literatura e a escola se engajam em prol do desenvolvimento cognitivo e intelectual do público infantil. Nesse caso, a literatura infantil adentra o mercado editorial na "condição de mercadoria" (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 18) para suprir as lacunas das produções literárias infantis, porém ainda com uma linguagem direcionada aos leitores adultos.

Podem ser citados, como parte notória desta nova fase criadora da literatura infantil, além dos contos de fadas de Charles Perrault, as "adaptações de romances de aventuras, como os já clássicos *Robinson Crusoé* (1719), de Daniel Defoe, e *Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift" (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 20), possibilitando, para a época, a circulação desse gênero.

No século XIX, os Irmãos Grimm, Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1976-1859) coletam dados para a análise das variantes lingüísticas da população da região em que e encontravam. Essas informações geraram um emaranhado de histórias contadas oralmente entre a população germânica. A fim de levantarem esses dados lingüísticos, acabaram por descobrir inúmeros contos de fada popularmente reconhecidos naquela região e de grande valia folclórica. Então, publicaram, em 1812, o livro *Kinder-und Hausmärchen* (Contos de crianças e do lar) (DEBUS, 2006, p. 66).

Ainda no século XIX, a abertura para a escrita da literatura infantil se faz com as histórias fantásticas (o maravilhoso) e pela representação de aventuras em lugares exóticos, seguidas pela intenção de retratar o cotidiano da criança de forma interessante nas narrativas. Lajolo & Zilberman (2010) destacam a produção literária dessa época com seus respectivos autores:

> [...] em primeiro lugar, a predição por histórias fantásticas, modelo adotado sucessivamento por Hans Chistian Andersen, nos seus Contos (1833), Lewis Carrol, em Alice no país das maravilhas (1863), Collodi, em Pinóquio (1883), e James Barrie, em Peter Pan (1911), entre os célebres, Ou então, por histórias de aventuras, transcorridas em espaços exóticos, de preferência, e comandadas por jovens audazes; eis a fórmula de James Fenimore Cooper, em O último dos moicanos (1826), Jules Verne, nos vários livros publicados a partir de 1863, ano de Cinco semanas nun balão, Mark Twain, em As Aventuras de Tom Swyer (1876), ou Robert

> Louis Stevenson, em A ilha do tesouro (1882). Por último, a apresentação do cotidiano da criança, evitando a recorrência a acontecimentos fantásticos e procurando apresentar a vida diária como motivadora de ação e interesse, conforme procedem o Cônego Von Schmid, em Os ovos de Páscoa (1816), a Condessa de Ségur, em As meninas exemplares (1857), Lousie M. Allcott, em Mulherzinhas (1869), Johanna Spiriy, em Heidi (1881), e Edmond De Amicis, em Coração (1886). (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 20-21).

A todos os autores elencados na citação anterior é conferida uma parcela significativa da consolidação da literatura infantil como parte da produção literária da segunda metade do século XIX no mundo (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 20).

No Brasil, a produção literária para a edição de livros voltados ao público infantil contou com um acervo já existente na Europa, mas "respondendo a exigências locais, emerge a vertente brasileira do gênero" (LAJOLO & ZILBERMAN, 2006, p. 21), respeitando a realidade sócio-cultural das crianças brasileiras.

A introdução da literatura infantil no Brasil é marcada pela acelerada urbanização do fim do século XIX e o começo do século XX. Na época, o comércio livreiro era dominado por estrangeiros, como Garnier (francês) e Francisco Alves (português). O fluminense Pedro da Silva Quaresma resolveu comprar de Serafim José Alves, em 1869, a Livraria do Povo, inaugurando uma nova fase da edição e comercialização de livros. Quaresma, editor, planeja "abrasileirar o comércio de livros", iniciando pela literatura infantil, principalmente por meio das traduções e adaptações dos contos de fadas (LEÃO, 2001, p. 121-123). Para isso, Quaresma encomenda a Figueiredo Pimentel não apenas um livro, mas uma "biblioteca infantil", com a preocupação de não serem apenas didáticos, mas de cunho, primordialmente, lúdico; "deveriam ser livros recreativos de destinação doméstica, ainda que úteis para a instrução" (p. 123).

Assim, nessa época, as obras literárias estrangeiras só foram possíveis de serem apreciadas pelas crianças brasileiras devido ao trabalho de tradução e adaptação de Figueiredo Pimentel e Carlos Jansen.

> Graças a eles, circulam, no Brasil, *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusoé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), As *aventuras do celebérrimo Barão de Münchhausen* (1891), *Contos para filhos e netos* (1894) e *D. Quixote de La Mancha* (1901), todos vertidos para a língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são divulgados nos *Contos da Carochinha* (1894), nas *Histórias da avozinha* (1896) e nas *Histórias da baratinha* (1896), assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 29).

É relevante salientar que, anteriormente às publicações desses dois escritores, havia apenas publicações esporádicas e de circulação precária de livros direcionados às crianças.

O cronista do jornal *Gazeta de Notícias*, Figueiredo Pimentel, sob o aval de Quaresma, inaugura a coleção Biblioteca Infantil do Quaresma, no ano de 1894, possibilitando a circulação entre as crianças brasileiras, das histórias de Perrault, dos Irmãos Grimm e de Andersen. Este fato resultou numa relação lucrativa. Os livros serviam para educar e, com isso, "a escola além de emprestar seu prestígio de instituição às histórias de fadas, é também o espaço onde encontram os leitores-consumidores visados pelo projeto" (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 31).

As adaptações provindas da Europa que eram disponibilizadas ao público brasileiro por meio de Portugal não foram direcionadas apenas aos contos de fadas. Houve um maior envolvimento nesse "projeto educacional e ideológico que via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos" (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 32).

Em 1905, Quaresma publica a revista infantil *O Tico-Tico*, que foi um sucesso, obtendo outras re-edições (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010). Publicou-se também *Através do Brasil,* de Manuel Bonfim e Olavo Bilac, e *Saudades*, de Tales de Andrade. Podemos acrescentar mais um e dos mais importantes: *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, incentivando a presença da leitura que pode "transcender o simplesmente pedagógico" (ARROYO, 1990, p. 187). E assim, seguem as publicações brasileiras voltadas ao intelecto infantil ainda que timidamente, até chegar ao período da intensa produção literária infantil de Monteiro Lobato que contempla uma postura lúdica em relação ao papel da criança na sociedade.

> O apelo *À Imaginação* em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e lingüísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar. Fase essa expressa, geralmente, num português já de si divorciado do que se falava no Brasil. (ARROYO, 1990, p. 198).

A produção dedicada à literatura infantil está marcada pela adaptação dos contos europeus que até então tinham somente a função de recrear, ou as que estavam vinculadas às questões da pátria, valores de comportamento que visavam a apenas educar. Lobato quebra essa linha de produção ao possibilitar o recrear e o educar conjuntamente, de forma híbrida, ao lançar, em 1921, o seu livro *A menina do Narizinho Arrebitado,* que trouxe para a literatura

infantil o universo do Sítio do Picapau Amarelo. Dentre suas produções para o público adulto e infantil, obteve maior reconhecimento com os leitores mirins, e "o sucesso de Lobato na criação da literatura infantil atesta sua sintonia com o mundo moderno de seu tempo" (LAJOLO, 1983, p. 47).

Nelly Novaes de Coelho faz algumas reflexões plausíveis sobre essa divisão na produção literária infantil que enfatiza dois segmentos relevantes: recrear e educar. A autora questiona se a literatura infantil é arte literária ou pedagógica. "Instruir ou divertir?" (COELHO, 2009, p. 46). Esse novo gênero literário pertence ao estilo "didático ou lúdico?" A dicotomia presente na composição do livro infantil está relacionada com as "doses" empregadas por parte do escritor. Lobato já salientava isso em seu artigo "A criança é o futuro da humanidade*"* (1959), no qual descreve as atividades realizadas na *Public Library* da 5ª Avenida (NY), que reúne centenas de crianças por disponibilizarem "contadeiras especializadas" que contam as histórias do jeito que os leitores infantis e juvenis querem que contem. Esse artigo traz o pensamento do escritor sobre a infância e seu processo leitor, deixando claro que as publicações impressas para crianças devem ser pensadas e produzidas para crianças e "nunca para homens de pouca idade", que "gostem de ler. E por que gostam as crianças de ler êsses livros? Talvez pelo fato de serem escritos por elas mesmas através de mim. Como as coitadinhas não sabem escrever, admito que me pedem que o faça" (LOBATO, 1959, p. 255).

O enredo de um livro deve ter conteúdo e ser autêntico, penetrar nos interstícios da psique infantil, corresponder à expectativa do universo da criança. Para isso, "compreeende-se, pois, que essas duas atitudes polares (literária e pedagógica) não são gratuitas. Resultam da indissolubilidade que existe entre a intenção artística e a intenção educativa incorporadas nas próprias raízes da literatura infantil" (COELHO, 2009, p. 48).

Numa das cartas ao amigo Godofredo Rangel, datada de 8 de setembro de 1916, Lobato destaca a sua vontade de escrever para as crianças e investir nas traduções adaptadas de fábulas que explorem as ambientações e aspectos do cotidiano brasileiro: "A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa" (LOBATO, 1951, p. 104).

Embora sejam as primeiras manifestações referentes à ação de traduzir/ adaptar, o escritor já impõe a maneira como devem ser reescritas as fábulas com objetivo de filtrar as informações mais adequadas, com linguagem acessível aos olhos dos pequenos leitores, para que os enredos se tornem atrativos no decorrer da leitura. O escritor tem olhares para a

recepção da obra experimentando em 1920, com *A menina do nariz arrebitado,* um discurso inovador para a época:

> [...] não apenas o léxico é ludicamente recriado no veio que chega à profusão em Guimarães Rosa, mas toda a linguagem – basta acompanhar a macunaímica Emília. O imaginário é perpassado pelo simbólico, com a diluição do tempo/espaço; a fantasia do Reino das Águas Claras transforma-se em fantástico n'A Chave do Tamanho; e a apropriação de certas passagens, históricas ou ficcionais, para sua reescritura, aproxima-o do antropofágico sem manifesto. (YUNES, 1983, p. 53-54).

Monteiro Lobato deixou em seu legado literário títulos originais, adaptações e traduções. No livro *Paranoma Histórico da Literatura Infantil e Juvenil* (1991, p. 230-231), Coelho lista as publicações lobatianas voltadas à infância:

1. **Dos títulos originais**: *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920); *Narizinho Arrebitado* – 2º Livro de Leitura e *O Saci* (1921); *Fábulas*[3] e *O Marquês de Rabicó* (1922); *A Caçada da Onça* (1924); *A Cara de Coruja; As aventuras do Príncipe, Noivado do Narizinho* e o *Circo de Cavalinho* (1927); *A Pena de Papagaio* e *O Pó de Pirlimpimpim* (1930); *As Reinações de Narizinho* (1931); *Viagem ao Céu* (1932); *As caçadas de Pedrinho* e *Emília no País da Gramática* (1933); *Geografia de Dona Benta* (1935); *Memórias da Emília* (1936); *O poço do Visconde* (1937); *O Picapau Amarelo* (1939); *A chave do Tamanho* (1942).
2. **Das adaptações:** *O irmão de Pinóquio, O Gato Félix* (1927), As aventuras de Hans Staden (1927)[4]; *Peter Pan* (1930)[5], *História do Mundo para Crianças* (1933); *História das Invenções* (1935); *Dom Quixote para Crianças* (1936); *Os Serões de Dona Benta e Histórias de Tia Nastácia* (1937); *O Minotauro* (1939); A mitologia grega na série *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944): *O Touro de Creta, A Hidra de Lerna, Hércules e Cérbero, Leão de Neméia, O Javali de Erimanto, A Corça de Pés de Bronze, As Cavalarias de Augias, Os Cavalos de Diomedes, os Bois de Gerião, O Cinto de Hipólita, As Aves do Lago de Estinfale* e *O Pomo de Hespérides.*
3. **Das traduções:** Nos anos de 1930, publicou as seguintes traduções: *Alice no País das Maravilhas,* de Lewis Carroll; *Mowgli, o Menino lobo e a Jacala, o Crocodilom,* de Ruyard Kipling*; Os Negreiros da Jamaica,* de Maine Reid; *Caninos Brancos*, *O Lobo do Mar, A Filha da Neve e O Grito da Selva,* de Jack London; *O Homem invisível,* de H. G. Wells; *Pinóquio,* de Collodi*; O Doutor Negro,* de Conan Doyle; *As Aventuras de Huck, de* Mark Twain*; Pollyana e Pollyana Moça*, de Eleanor Porter; *Novos*

[3] *Fábulas* está posto nos títulos originais, entretanto se analisado com mais atenção pode ser enquadrado nas adaptações por receber modificações em sua composição estrutural desde a linguagem às moralidades.

[4] Inclusão da autora.

Contos, de Andersen; *Contos de Fadas*, de Perraut; *Tarzã, o Terrível e Tarzã no Centro da Terra,* de Edgar Rice Burroughs; dentre outras.

Todos os títulos acima mencionados e outros que por ventura não foram listados contribuíram para a disseminação do projeto literário de levar ao conhecimento de uma classe esquecida pela sociedade durante muitos séculos a possibilidade de fertilizar a imaginação, enriquecer o vocabulário, aprender a criticar a realidade em que os pequenos estavam inseridos, tornando-os ativos e presentes na sociedade.

Uma nova época estava se instaurando no convívio entre as pessoas, em que se reconhecia a presença das crianças como precursoras das ações futuras no meio social. Assim, Lobato anuncia duas concepções apontadas perante a criança. Uma a designa "como um homem em miniatura e pede que se dê a ela o mesmo alimento mental e moral que se dá ao homem, com redução apenas de dose" e outra, a vê "como um ser especialíssimo, do qual o homem vai sair, mas que ainda tem muito pouco de homem. [...] o seu alimento mental há de ser, nunca uma redução da dose, mas de algo especial [...] e pede uma qualidade neste alimento que a sustenta" (LOBATO, 1959, p. 249-250).

O necessário é entender o imaginário infantil e contemplá-lo com suas expectativas, pois é através da imaginação que se pode atrair não só o leitor adulto como o leitor infantil. Já que, para as "crianças do mundo inteiro quando não possuem livros com as histórias que querem ou não acham em casa quem as conte como é *mister*, dispensam livros e contadores. Passam a imaginar por si mesmas as historinhas indispensáveis àquele mundo da psique" (LOBATO, 1959, p. 253). O despertar da imaginação infantil é um dos objetivos do escritor, sendo primordial pensar e reconhecer o universo infantil para conseguir encantar os leitores.

O ato de ler não deve ser forçado e sim, apreciado, deve partir do leitor. O gosto pela leitura parte do individual, da experiência profícua de leituras precedentes que os instigam.

> Há homens que passaram a vida sem ler um livro, fora dos ambientes escolares, justamente por não terem tido em criança o ensejo de ler um só livro que lhe falasse à imaginação. Já os que têm a felicidade de na idade própria entrarem em contato com livros que 'interessam', esses se tornam grandes ledores e por meio da leitura prolongam até o fim da vida o progresso auto-educativo. Quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos Diálogos de Platão, mas quem sofre na infância a *ravage* dos livros instrutivos e cívicos, não chega até lá nunca. Não adquire o amor pela leitura. (LOBATO, 1959. p. 253-254).

---

[5] Inclusão da autora.

Ainda em 1916, decepcionado com a precária existência de livros infantis adequados para a prática da leitura de seus filhos, Lobato escreve a Rangel, em carta de 8/9/1916, que "é de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos" (LOBATO, 1951, p. 104). As crianças brasileiras mereciam um material mais interessante e de fácil compreensão: "em linguagem bem simples, sempre na ordem direta e com toda a liberdade" (LOBATO, 1951, p. 232).

O escritor, Lobato, pede a Godofredo Rangel que traduza uma série de livros para crianças, como **Gulliver e Robinson Crusoé**, em 17/6/1921, demonstra a preocupação em dar "leveza" e "desliteraturalizar" a língua, para a constituição de seus livros, pois admite que "a desgraça da maior parte dos livros é sempre o excesso de 'literatura' (LOBATO, 1951, p. 233). Lobato escreve pensando em dois eixos primordiais para a recepção leitora: a linguagem deixa de ser rebuscada, adotando uma escrita condizente com o intelecto infantil (não perdendo ou diminuindo a grandeza vocabular, mas a adequando ao público que irá recebê-la), e o estilo adotado na feitura do livro (pensado e repensado para envolver as crianças) criando um ambiente harmônico.

Lobato "abre o período com um *best-seller* (Narizinho Arrebitado), o sucesso não o abandona; nem a ele, nem ao gênero a que se consagra, o que suscita a adesão dos colegas de oficio, a maior parte originária de recente geração modernista" (LAJOLO & ZILBERMAN, 2010, p. 46). Dessa forma, tem-se na literatura lobatiana o rompimento do "modelo tradicional de literatura infantil, ao criar novas expectativas e adequá-las à preocupação com a recepção de seus textos" (FILIPOUSKI, 1983, p. 103).

Monteiro Lobato produz uma literatura infantil enquadrada nas aspirações da contemporaneidade, e sua aceitação entre os leitores advém das ações no decorrer de suas histórias manifestadas em suas proposições de "[...] estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia [...]" (COELHO, 2009, p. 151), deixando-o a par dos acontecimentos para atuar na sociedade de forma consciente e crítica.

Dessa forma, repensando a intensa produção literária de Lobato destinada às crianças, sua ação enquanto escritor sempre esteve correlacionada com sua vida de pai (pela preocupação em reservar aos filhos títulos literários de qualidade), de fazendeiro (pela vivência na fazendo de seu avô ainda na infância que deu asas à sua imaginação criando o Sítio), de editor (pelo acesso às publicações dos livros) e, principalmente, de cidadão

(compromisso patriótico), de ser brasileiro e querer oportunizar o desenvolvimento intelectual das crianças promovendo um futuro promissor para o país.

2.2 UM PASSEIO PELA VIDA DO ESCRITOR

Monteiro Lobato (1882-1948) faz parte do cânone da produção literária para crianças no país, sendo um indivíduo perspicaz desde a sua atuação como promotor, intelectual, escritor, editor e patriota. Natural da cidade de Taubaté (SP), é filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato, e desde cedo apresentou idéias próprias. A exemplo, pode ser citada a sua intenção em usar a bengala de seu pai com as iniciais J.B.M.L. Para adequar seu nome da bengala, o menino José Renato resolve fazer a troca de seu segundo nome para Bento: Pelos familiares e conhecidos, era carinhosamente chamado de Juca.

A mãe foi a responsável pela alfabetização de Lobato, incentivando-o a estudar, pois presenciava o fascínio que o menino tinha pelos livros de seu avô, o Visconde de Tremembé. Aos sete anos, recebeu aulas com um professor particular e posteriormente, no ano de 1895, ingressou no Instituto de Ciências e Letras, no qual, segundo Cavalheiro (1956, p. 46), soube ultrapassar e vencer certos obstáculos, ficando abalado somente com a reprovação em Português.

Falecido o pai em 1897, quando o escritor tinha apenas 16 anos, e a mãe no ano subseqüente, Lobato fica sob os cuidados do avô. Quando ingressa no ensino superior, tem em mente cursar as Belas Artes, mas o avô o orienta para que escolha uma profissão de destaque para época: médico ou advogado. Ele fica com a segunda opção. Como afirma Campos (1986, p. 3*)*, Lobato "cumpria um ritual obrigatório para os jovens de sua origem social".

Azevedo (1998, p. 4) informa que, em meados de 1902, juntamente com alguns amigos, Lobato, já na universidade, forma o grupo "Cenáculo", que passaria a ter reuniões no "Café Guarani e na República Estudantil do Minarete, no bairro paulistano do Belenzinho". Sua produção começa a ser requisitada. Em 1903, participa da elaboração do *Jornal Minarete*, e escreve para o jornal *O Povo*, de Caçapava, em São Paulo. Como sempre participou de vários jornais, umas das características do início da produção lobatiana era a utilização de pseudônimos. Dantas (1982) listou alguns utilizados pelo escritor: "Hélio Bruma;

Lobatoyewski; Antão Magalhães; Rodando Cor de Rosa; Osvaldo; Guy d'Hã; Manoel de Souza; Pascalon, o engraçado; Yewski; Enoch Villa Lobos; B. do Pinto; Oscarino; Yan Sada-Yaco; [...] Ed Schelling; Olga de Lima; Bertoldo; etc. [...]" (1982, p. 85).

Bacharel em Direito em 1904, é, em 1907, nomeado promotor em Areias (SP). Nesse período casa-se com Maria Pureza da Natividade, com quem constituiu uma prole composta pelo primogênito Edgar, Guilherme, Marta e Rute. Mesmo com o ofício de promotor, não deixou seu ofício de escritor de lado, escrevia sempre para os jornais das pequenas cidades da região.

Morto o avô em 1911, herda a fazenda de Buquira, passa de promotor a fazendeiro. É nesse período que ele escreve o artigo "Velha Praga", em que aparece pela primeira vez a personagem Jeca Tatu. Sempre valorizando a pátria, seus recursos naturais e os indivíduos que nela nascem, vivem, trabalham e que dela dependem para sobreviver, percebe-se que "foi um dos que se empenharam a fundo nessa luta pela descoberta e conquista da brasilidade ou do nacional. A princípio na área da Literatura, seja para adultos ou para crianças; mais tarde, no campo econômico e político" (COELHO, 1991, p. 226).

De personalidade inconfundível, sempre demonstrou, para Coelho (1983), que:

> De um lado, o *impulso individualista* de raiz romântico-liberal, aprofundado pela filosofia nietzschiana, do Super-Homem; e de certo momento em diante, intensificado pelo *pragmatismo norte-americano* (pelo "struggle-for-life" que fez do homem, um gigante ampliado pela máquina, e construiu a sociedade tecnológica-progresista, cujo modelo acabou se impondo a todo o mundo civilizado). E por outro lado, a *consciência crítica*, alerta para os equívocos, hipocrisias e injustiças vigentes, e também tocada pelas transformações propostas pelo socialismo em marcha, sem contudo aderir às proposições político-economicas que o Comunismo vinha concretizando ou propondo. [...] (COELHO, 1983, p. 720).

Além das influências e conturbações do meio social, econômico e político da época, Lobato consegue se postular como um indivíduo ímpar, uma figura importante no cenário cultural brasileiro, "o renovador do conto brasileiro, o criador da literatura infantil do Brasil" (BUENO, 1973, p. 168), promotor da prática da leitura por meio da estruturação editorial considerada a mais moderna para a época.

Dedicou-se a esse ramo editorial efetivamente entre os anos de 1918 e 1925. Tudo se inicia com a compra da *Revista do Brasil* e, apesar das dificuldades econômicas em que a empresa encontrava-se, Lobato fez o empreendimento prosperar. Nessa época Lobato lança *Urupês* que comportava vários contos seus já publicados em revistas, livro que foi um dos primeiros sucessos literários de Lobato. E com a ajuda de seu colaborador Octalles Marcondes Ferreira, posteriormente, fundaram, em 1920, a editora Monteiro Lobato & Cia.,

que publicou obras de inúmeros escritores, dentre eles os modernistas: Oswald de Andrade, Lima Barreto, Menotti Del Picchia, Ribeiro Couto e Guilherme de Almeida, dentre outros. O investimento foi bem aceito no mercado e "em pouco tempo de existência a editora de Lobato era o fato cultural mais importante do país" (NUNES, 2000, p. 43).

A vida de Lobato-editor foi também uma forma de divulgar seus próprios feitos enquanto escritor, ou seja, "tornou-se empresário de sua produção intelectual [...] e buscou inovações para a empresa de livros no Brasil" (KOSHIYAMA, 1982, p. 67). Com intuito de expandir as vendas dos livros editados, Lobato resolve aumentar seus distribuidores, entrando em contato com cerca de 1.200 endereços comerciais propondo que os livros de sua produção fossem acolhidos de forma consignada dando-lhes 30% do valor para cada título vendido e com frete quitado pelo editor (KOSHIYAMA, 1982, p. 73).

Em 1922, amplia sua editora devido às produções excessivas, pois percebe, no decorrer das partidas de xadrez e conversas sobre autores e obras, que a literatura pode também ser concebida como "mercadoria": "[...] incluindo e privilegiando no enfoque que dá aos livros a perspectiva editorial, isto é, a de quem *banca* a publicação da obra, tornando-se intermediário entre o fornecedor de uma das matérias-primas do livro (o escritor) e o consumidor do produto (o público)" (LAJOLO, 2006, p. 32).

Em carta de 9/5/1922, o escritor avisa Rangel que estão se mudando novamente, mas agora com maquinário próprio:"[...] felizmente está agora tudo arrumado e já em pleno funcionamento. Venham, pois, os teus contos. Faremos o livro em máquinas nossas. Vivo a publicar bagaceiras, porque as coisas boas se retraem" (LOBATO, 1951, p. 246).

Entretanto, em fins de 1923, houve quedas nas vendas dos livros, devido à instabilidade economia no país, reflexo da crise econômica internacional que atingiu empresários da agricultura, do comércio e da indústria. Esse fato prejudicou o desempenho da editora. Mesmo assim, Lobato não desistiu e resolveu ampliar seus negócios, construindo seu próprio prédio na Rua Brigadeiro Machado, no Braz. Lobato descreve o prédio sendo um monstro de "cinco mil metros quadrados de área coberta, tudo cheio de máquinas; entre elas novidades: os primeiros monotipos entrados em S. Paulo" (LOBATO, 1951, p. 264). Essa implementação dos novos maquinários possibilitou a utilização de muitos recursos gráficos e a ampliação das atividades.

Mesmo com esses investimentos, o paulista não abandona sua atividade rotineira da escrita e "é nessa maré montante de sucesso editorial e de inquietude realizadora, que Lobato decide escrever *A Menina do Narizinho Arrebitado,* (1921), [...] volta-se para o setor mais descurado da Literatura: o da chamada "literatura infantil" (COELHO, 1983, p. 718).

No entanto, mesmo o título sendo bem aceito entre os leitores infantis da época, Lobato desabafa em carta (7/4/1924) ao amigo Rangel sua preocupação em relação à instabilidade financeira, afinal era um investimento altíssimo para a época: “às vezes me dá um medo. E se o arranha-céu desaba? Nós, que lá na Boa Vista não devíamos um vintém, agora devemos milhares de contos” (LOBATO, 1951, p. 264). Entre dívidas e publicações, tentou o máximo que pode estar no comando da editora.

O escritor/adaptador, além de editor, trabalhava com outras vertentes comerciais e, por volta de 1929, resolveu aplicar investimentos altíssimos na bolsa de valores quando, infelizmente, suas expectativas quanto ao lucro falharam, deixando-o impossibilitado de estar à frente da editora. Assim, vendeu suas ações a Octales: “começou comigo aos 17 anos e é o dono único da Editora Nacional [...]” (1951, p. 329). Sem rendimentos estáveis, Monteiro Lobato não vê outra solução a não ser fazer uso de suas produções, traduções e adaptações como fonte de renda para a sua família. Começa, então, com a ajuda de Octales, que lhe encomenda algumas re-escrituras, a por em prática seus projetos quanto às publicações pertencentes ao universo literário infantil que era um público necessitado de atenção, um mercado editorial fértil para a época: “é, pois, a década de trinta que vê um empobrecido Lobato apontando lápis e planejando livros para sobreviver” (LAJOLO, 1994, p. 96).

Monteiro Lobato viveu nos Estados Unidos entre os anos de 1927 a 1931, e nesse país ficou fascinado com o progresso norte-americano. Segundo Cavalheiro, “o que faz nesse período é ver e comparar – ver de perto o progresso americano e compará-lo com a lentidão do nosso desenvolvimento econômico” (CAVALHEIRO, 1956, p. 334). Ao regressar, em 1931, empreende uma campanha em prol dos recursos naturais brasileiros, em particular a extração do petróleo. Com isso, ganhou inimigos no campo político, sendo preso e sofrendo inúmeras críticas por acreditar que o petróleo seria um benefício para o desenvolvimento da população brasileira.

Sempre esteve envolvido em questões referentes ao acesso e à comercialização dos recursos naturais como o ferro e o petróleo, dentre outras atividades e, principalmente, com a sua própria produção literária, e agora dependia dela para sobreviver. Fez vários negócios no decorrer da vida, mas não se sobressaiu em nenhum deles, a não ser na literatura infantil que produzia. Resolveu, então, deixar a vida de empresário de lado e se dedicar à escrita de títulos infantis: “Em 46, muda-se para Buenos Aires, onde vários livros seus já haviam sido traduzidos, com grande sucesso entre a meninada” (COELHO, 1983, p. 1983).

Em 23/3/1943, Lobato encaminha a Godofredo Rangel o sentimento a respeito da aceitação de seus títulos entre as crianças e diz que se identifica com o público infantil e que percebe a necessidade de dar atenção a esta nova classe de leitores.

> Ah, Rangel, que mundos diferentes, o do adulto e o da criança! Por não compreender isso e considerar a criança "um adulto em ponto pequeno", é que tantos escritores fracassaram na literatura infantil e um Andersen fica eterno. Estou nesse setor há já vinte anos, e o intenso grau da minha "reeditabilidade" mostra que o meu verdadeiro setor é esse. A reeditabilidade dos meus livros para adultos é muito menor. Não posso dar a receita. (LOBATO, 1951, p. 347).

Até o final de sua vida, em 1948, Lobato, contabilizando seus feitos, percebeu que, as traduções e adaptações estavam constantemente em seus escritos, concluindo que "é o caminho da salvação. Estou condenado a ser o Andersen desta terra" (LOBATO, 1951, p. 345), por estar motivado com a recepção e aceitação do público infantil.

Marisa Lajolo (2006, p. 94) lista a produção literária de Monteiro Lobato na seguinte ordem, primeiro **Literatura Geral,** que compreende seus escritos direcionados ao público adulto, como *O saci-pererê* (1918); *Urupês* (1918); *O problema vital* (1918); *Cidades mortas* (1919); *Idéias de Jeca Tatu* (1919); *Negrinha* (1920); *A onda verde* (1921); *Mundo da lua* (1921); *O macaco que se fez homem* (1923); *O presidente negro* (1926); *How Henry Ford is regarded in Brazil* (1926); *Mr. Slang e o Brasil* (1927); *Ferro* (1931); *América* (1932; *Na antevéspera* (1933); *O escândalo do Petróleo* (1944); *A barca de Gleyre ,* 2 vols. (1944); *Prefácios e Entrevistas* (1946); *Zé Brasil* (1947); *La nueva Argentina* (1947); *Literatura do Minarete* (s/d); *Conferências, artigos e crônicas* (s/d); *Cartas escolhidas*, 2 vols. (s/d); *Crítica e outras notas* (s/d); *Cartas de amor* (s/d).

Ao lado dessa relação, Lajolo (2006, p. 94) apresenta ao leitor as publicações que envolvem a **Literatura Infantil**, citando-as em ordem cronológica e sem separação por títulos originais, traduções e adaptações[6].

A literatura infantil trouxe ao escritor o prazer de contemplar a recepção de seus escritos, principalmente por intermédio das cartas que recebia. Estas eram mais do público infantil do que do adulto. E sobre a receptividade de sua obra, o escritor fora reconhecido por seus milhares de leitores e sabia do carinho e admiração que eles o tinham por ele: "E disso teve testemunhos até o fim da vida, pelas demonstrações pessoais e pelas muitas cartas

---

[6] Todos esses títulos já foram aqui mencionadas no capítulo 2.*1 Literatura infantil à brasileira: olhar histórico da produção literária para crianças,* sob a criticidade e levantamento do acervo lobatiano realizado por Coelho (1991, p. 230). Sendo assim, não será incluída a listagem neste espaço novamente.

recebidas como as mais afetuosas confissões de encantamento com o mundo que ele soube criar" (COELHO, 1991, p. 231).

Na Véspera de São João, Lobato escreve a Rangel a última carta publicada na *Barca de Gleyre*, dizendo que está preparado para a chegada da morte: "estou com uma curiosidade imensa de mergulhar no Além! Isto aqui já está mais do que sabido e já não me interessa mais. [...] A morte me parece a maior das Maravilhas [...] Não mais tosse, nem pigarros, nem (*ilegível*) da coisa orgânica" (LOBATO, 1951, p. 362). Ainda ao comentar sobre a morte de seus filhos (Guilherme e Edgar), em carta de 20/2/1943, relata a Rangel que não se desespera "com mortes porque tenho a morte como um alvará de soltura. Solta-nos deste estúpido estado sólido, para o gasoso dá-nos invisibilidade e expansão, exatamente o que acontece ao bloco de gelo que se passa a vapor" (LOBATO, 1951, p. 344). E em 4 de julho de 1948, Lobato, vítima de um espasmo vascular, deixa este mundo para, metaforicamente, participar da "grande viagem" para a eternidade.

2.3 AS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS ESCRITAS POR LOBATO

Apreciar e ter acesso à literatura universal é uma possibilidade de aprendizagem, de ampliação cultural, de desenvolvimento cognitivo e de aperfeiçoar inúmeros conhecimentos pertinentes ao convívio social e ao intelecto humano, independente da faixa etária de cada indivíduo. O acervo literário que compõe a vida das pessoas é peça marcante para a sua constituição enquanto sujeito. Então, é interessante delinear e experimentar desde a infância leituras prazerosas e que peçam uma releitura mais acentuada na fase adulta.

O escritor italiano Ítalo Calvino destaca no livro *Por que ler os Clássicos* (2009) que o engrandecimento que procede da leitura de clássicos provém dos livros que "chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes" (CALVINO, 2009, p. 11).

Para Monteiro Lobato, o modo de deixar ao alcance dos pequenos uma literatura conceituada, universalmente conhecida, acordada com a realidade cognitiva das crianças brasileiras e enriquecendo culturalmente seus pensamentos e ações se concretizou por meio da tradução e da adaptação. Assim, a presença da adaptação na produção literária de Lobato é o

elo propulsor para a renovação da literatura infantil, que aborda agora, além do aspecto de divertir, um projeto pedagógico de instruir os leitores, porque até o momento o que tinham para ler era quase nada, resumindo-se, de acordo com o escritor, a títulos como o *Menino Verde,* álbum colorido, cuja personagem era companheiro de *João Felpudo*. E assim, conclui sua fala: "Pobres das crianças daquele tempo! Nada tinham para ler. Ando com idéias de entrar por esse caminho [...]" (LOBATO, 1951, p. 293), ou seja, de escrever para o público infantil.

O escritor se coloca no lugar do leitor e ressalta que tem bem viva as suas primeiras leituras, principalmente as do Robinson Crusoé, "o meu Robinson dos onze anos" (LOBATO, 1951, p. 345). Ainda fala sobre a recepção leitora nessa faixa etária: "a receptividade do cérebro infantil ainda limpo de impressões é algo tremendo" (LOBATO, 1951, p. 345-346). Entretanto, reconhecia a necessidade de proporcionar aventuras novas, mas usando as mesmas personagens dos contos infantis, contextualizando, pois "Lobato reconhecia o problema do envelhecimento dos códigos estéticos e a barreira que geraria para os novos leitores" [...] (BÖHN, 2001, p. 87).

Entender o universo infantil foi uma estratégia para, assim, escrever às crianças sempre levando em consideração o lado lúdico e educativo desde seus primeiros feitos até chegar aos anos de 1930, quando teve uma intensa produção de adaptação que lhe agradava muito, por dar ao escritor flexibilidade (liberdade) na composição do texto para a língua traduzida, entendido que "adaptar" advém do latim *v. tr.* "adāptāre", que significa "ajustar" (FARIA, 1975, p. 32), ou seja, adequar de modo a que o público se identifique mais com a leitura que realiza.

A adaptação se constitui em um conjunto de operações linguísticas em exercício contínuo de "transformar, transpor, modificar, harmonizar" a leitura que se faz de uma obra consagrada. Quando se quer analisar uma adaptação, é necessário refletir sobre quais as aspirações que o adaptador teve ao reescrever um título literário, pois, para proporcionar uma leitura prazerosa, "o adaptador deve adotar uma vigilância quanto à sua atitude de reescritor" (BATISTA, 1996, p. 11).

Dessa forma, entende-se que no feito adaptativo se busca uma visão textual que esteja de acordo com os interesses do público, como se propusera Lobato, estruturando, em primeiro momento, as relações entre o autor e o adaptador que estão vinculadas ao objetivo de ajustar, transformar e adequar o texto em questão. Num segundo momento, tem-se o jogo entre adaptador e leitor que enfoca o ato de transpor um discurso de maneira atrativa e didática, onde o adaptador encontra-se no momento da redução do texto, desencadeando a

preocupação entre texto e leitor, até que se tenha o título publicado e acompanhar a relação dos dois elementos em questão: leitor e texto (BATISTA, 1996, p. 39)[7].

> Fazer uma adaptação não é trair uma obra: a adaptação não se propõe a substituir o original; estabelece, isto sim, uma graduação de leitura que possa habilitar o leitor a lidar com as convenções propostas pelo autor. Com isso, consegue repor a obra em circulação num dado contexto, que será sempre diferente, dada a multiplicidade das construções sociais da humanidade e a complexidade que caracteriza as relações entre essas múltiplas construções e o processo histórico em que estão envolvidas. Nesses termos, não pode ser generalizada nenhuma prescrição ao contexto, exceto que cada situação demandará uma adaptação diferente. (AZEVEDO, 1999, p. 134).

Ainda sobre o feito adaptativo, há quatro modalidades de adaptação que são de suma importância descrever aqui. A **adaptação de assunto** que está direcionada aos temas que fazem parte do conhecimento de mundo ds leitor retratados pelos autores, assim como idéias e problemas incutidos no enredo, pois "a presença de um conteúdo doutrinário que estimule o leitor do ponto de vista comportamental e conduza-o à aceitação de valores que colaborem na sua integração ao meio social" (ZILBERMAN, 1998, p.50) é fundamental para seu desenvolvimento cultural. A **adaptação de forma**, que se caracteriza por apresentar linearidade e personagens que possuem traços identificáveis com os leitores, sem extensas descrições. A **adaptação de estilo**, que corresponde à escolha adequada dos vocabulários e de estruturas sintáticas coerentes com o cognitivo do público receptor. Tem-se também a **adaptação pelo meio** em que será transmitido o texto, o veículo que leva as informações aos leitores, ou seja, o livro em diferentes formatos e tamanhos para agradar os seus leitores e, principalmente, as ilustrações, aparato de extrema relevância que é esteticamente atrativo, com traços delineados, tamanhos condizentes e atraentes aos olhos dos leitores infantis.

> O lugar da adaptação na literatura infantil é de natureza estrutural, na medida em que atinge todos seus aspectos e determina o tratamento do enredo, estilo, aparência do livro, etc. Outrossim, ela procura amenizar o outro lado da assimetria de que provém, qual seja, a maciça influência do adulto, que é o criador, sobre a criança. (ZILBERMAN, 1998, p. 53).

Num de seus textos publicados postumamente, em *Conferências, artigos e crônicas* (1959), Lobato revela suas experiências envolvendo textos de outros autores, para

---

[7] O livro *Teoria da Adaptação textual: pragmática da adaptação textual para narrativas infato-juvenis* (1996) aborda certos conceitos pertinentes à introdução do estudo sobre adaptação textual que se encaixa neste momento. Entretanto, seu enfoque no decorrer do livro abrange não só o pragmatismo, mas também, as particularidades linguísticas em si que compõem todo o processo adaptativo. Nesta produção do pesquisador Batista, há uma busca de estruturar uma nova teoria para a análise desse processo.

aguçar o gosto pela leitura entre os leitores infanto-juvenis, que proporcionaram o seu entusiasmo em reescrever obras universais, como os contos de Grimm. Ora, o resultado foi o esperado, o menino, observado pelo pai, estava deitado no chão a ler um livro, o pai ouve que aquele, sim, era o tipo de livro que ele queria ler. Assim, o escritor conclui que "o defeito dos livros impróprios e, portanto, refugados pelas crianças está em que retarda o advento do gosto pela leitura" (LOBATO, 1959, p. 253).

Percebe-se que os planos de Lobato já migravam para uma tecitura textual destinada a oferecer subsídios para a formação intelectual, cultural, social e política dos leitores infantis e, esse caminho foi descoberto por meio da criação de títulos inéditos, mas também, pelas traduções e adaptações que, com as personagens do Sítio, encantaram o imaginário infantil brasileiro da época.

Lobato deve prestar atenção e enquadrar em seu trabalho quatro pontos essenciais para a utilização do recurso adaptativo coerentemente: levar em consideração a contextualização; o emprego lexical-estrutural das orações no decorrer do enredo; o nível sociocultural na/da história e de seus receptores; e a dimensão psicointelectiva do leitor (BATISTA, 1996, p. 15).

O contexto sempre preocupou o escritor, tanto que Martinez (2007), em seu artigo intitulado "Monteiro Lobato: tradutor ou adaptador?", analisa o contexto histórico, social e cultural da sociedade da época em que o escritor taubateano realizou a tradução do livro *The thin man* (1933), destacando os limites entre os conceitos de "traduzir" e "adaptar". Ressalta que "Lobato assumia uma postura antropofágica dos modernistas em relação à sua estratégia tradutória: a de apropriar-se do original estrangeiro e adaptá-lo à realidade e às necessidades do público brasileiro. [...] muito mais evidente na obra infantil" (MARTINEZ, 2007, p. 4).

No uso lexical e estrutural do texto, Lobato sempre priorizou a "desliteraturização", bem como a aproximação sociocultural à realidade brasileira das obras importadas, por não retratar em particularidades do cotidiano linguístico e cultural do país. Tais aspectos podem ser observados em alguns momentos, como em 1925, registrado na *Barca de Gleyre* (1951):

> Já mandei os originais do Michelet. Os cantos extraídos de Shakespeare vão para que escolhas alguns dos mais interessantes e os traduzas em linguagem bem singela[8]; pretendo fazer de cada canto uns livrinhos para meninos. Traduzirás uns três, à escolha, e mos mandarás com o original;quero aproveitar as gravuras. Estilo água do pote, hein? E ficas com liberdade de melhorar o original onde entenderes. O *D. Quixote* é para ver se vale a pena traduzir. Aprovado que seja esse resumo italiano, mãos á obra. [...] Lembra-te que os leitores vão ser todos os Nelos deste

[8] Grifo da autora.

> país e escreve como se estivesse escrevendo para o teu. Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras. Que traduções galegais! Temos que refazer tudo isso – abrasileirar a linguagem. (LOBATO, 1951, p. 275).

Muitos foram os caminhos a percorrer com a nova classe leitora, o público infantil, que impulsionaram Lobato a escrever e a produzir passagens em que pede ajuda ao amigo Godofredo Rangel para dar conta de refazer as traduções existentes. Fica evidente sua vontade de iniciar as traduções e adaptações principalmente de clássicos da literatura universal. Nessa perspectiva, Lobato, tornou-se "um modelo na construção de um novo olhar sobre a infância [...] Ao lado da inquietude, do espírito aventureiro, aparece um caráter iconoclasta que questiona o mundo adulto, apontando as suas contradições" (GOUVÊIA, 1998, p. 61). Quebrando paradigmas, sem lapidar palavras, questiona ações das quais discorda na sociedade da época, visando, por meio da literatura, vislumbrar novos horizontes sociais e culturais para as crianças que se tornarão cidadãos atuantes na sociedade de amanhã. Assim, o escritor apresenta na composição de sua obra uma postura crítica e livre de censura por parte das personagens, pois:

> [...] a obra infanto-juvenil lobatiana apresenta dois níveis distintos: num deles, a criança pergunta e recebe informações que a instrumentam para a crítica; no outro, vê criticamente aspectos reais, os quais têm como característica infantil a absoluta falta de limites com acontecimentos irreais. Tudo é possível. As noções de tempo e espaço são eliminadas. Tudo é natural, nada é sonho, ou melhor, o próprio sonho é vivido e não sonhado. (FILIPOUSKI, 1983, p. 102).

Lobato compreende e dribla a realidade da época quanto ao acesso ao livro e ao ato de ler. Na época, poucas pessoas tinham o privilégio de manusear livros, somente pessoas que obtinham poder (*status*) faziam uso dos livros e da leitura, ocasionando uma barreira entre o objeto e o receptor. De acordo com Pina (2008, p. 136) "a escrita detém o poder e o acesso ao livro implica a partilha desse poder". A leitura abre caminhos para a reflexão sobre o tempo em que se vive.

Numa retrospectiva histórica, Fanny Abramovich (1982, p. 154), ao se posicionar sobre a obra de Monteiro Lobato, salienta que não há literatura infantil nem antes nem depois de Lobato, mas sim a partir dele, pois é considerado um autor fundante ao criar um mundo e uma linguagem que agrada o público juvenil.

Lobato entrega-se à literatura infantil e o faz perfeitamente, critica valores e recorre a "adaptações" na transcrição da língua portuguesa para atrair o interesse do público infanto-juvenil, retratando a língua como uma entidade viva e em constante transformação, partindo da necessidade dos falantes de cada região.

Para que o leitor conseguisse estar em contato com a literatura, o recurso mais utilizado entre os períodos de 1920 e 1944 foi recorrer à adaptação. Nessa transição, há o envolvimento de dois sujeitos distintos: aquele "que faz" (escritor) e "para quem faz" (receptor – leitor).

Também, pelas palavras de Nunes (1998, p. 233), percebe-se que Lobato compartilha do pensamento de que a própria criança é autora da história que lê ou ouve, "introduzindo nela o que a sua mente e o seu modo de ser desejavam". Fala também, sobre a teoria da literatura infantil, diz que se deve fazer a experiência de contar uma história aleatória a qualquer criança, e suas reações ao receber as informações devem ser estudadas, pois as constrói em seu imaginário de acordo com as suas aspirações e, "se o contador possui a necessária inteligência para atender a essas reações, a história modifica-se até cair em ponto de bala [...]" (NUNES, 1998, p. 233).

O paulista consegue compreender as necessidades do intelecto infantil, e as contempla por meio das traduções e adaptações que foram percebidas pela falta de livros adequados aos seus filhos. Afinal é ainda na "infância que, constitui o paraíso perdido, cujo resgate se torna possível pela literatura" (GOUVÊIA, 1998, p. 61) na mente dos pequenos leitores. Com isso, resolve reescrever fábulas, contos e histórias em geral, em meio a publicações inéditas para as crianças, projeto idealizado desde 1918, como se pode observar:

> Ando com várias idéias. Uma: vestir a nacional as velhas fábulas do Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veiu-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural [...] Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. (LOBATO, 1951, p. 104).

Com essa preocupação de instituir uma literatura brasileira voltada ao público infantil, olhares foram lançados para essa classe de leitores, pois as crianças tinham direito de serem envolvidas pelos caminhos literários construídos inicialmente por escritores que não fossem brasileiros, mas que por meio do processo adaptativo remodelassem o enredo original à cultura e às expectativas do seu público-leitor, neste caso, as crianças. Para isso, Lobato resolve dar um lugar diferenciado para o adulto em seus escritos, tendo apenas dois seres mais velhos: Dona Benta e Tia Nastácia, "sendo que experiência, maturidade e responsabilidade, enquanto propriedades específicas do adulto são atributos exclusivos da primeira, a avó" (ZILBERMAN, 1998, p. 55). As outras personagens que participam das histórias são, "realistas (Pedrinho e Narizinho) ou fantásticas (Emília, Visconde), os animais mágicos (o

rinoceronte Quindim, o Burro Falante)" (ZILBERMAN, 1998, p. 55), dando as características ficcionais ao enredo.

Assim, com aspirações lucrativas e pensando no leitor-criança, o escritor começa a estruturar o seu projeto literário de incentivar a leitura de clássicos entre as crianças brasileiras, mesclando cultura, tradição e linguagem coloquial, fazendo uso das adaptações, tornando-se, assim, um mediador (mediador-observador, mediador-escritor, mediador-leitor). Tais aspectos elucidam a tríade escritor, obra e leitor. A recepção da história lida é fundamental para que se concretize o benefício do que se lê. Nos escritos de Lobato, verifica-se que:

> A criança não necessita maior esforço ou imaginação para se mover no mundo das maravilhas ou no país do Barão de Münchhausen, ou para se encontrar com Esopo e La Fontaine e conversar com muitos bichos, ou viajar a regiões fabulosas, acompanhando Narizinho e seus companheiros, quando para lá se dirigem graças ao pó mágico do Pirlimpimpim.
> A grande sabedoria de Lobato foi saber contar, com vivacidade, colorido, simplicidade. A atração não se limita às figuras e sua ação, as crianças acompanham o que escreve, sentem sua maneira de dizer, partilhando assim diretamente a realidade literária que lhes oferece. (ALMEIDA, 1986, p. 213).

A saga lobatiana conta com a transfiguração da cidade onde se localiza o sítio do Picapau Amarelo, passando a ser o berço natal das personagens realistas e fantásticas do escritor, fato relevante, por redesenhar uma referência real do sítio, fazendo uso do mesmo espaço numa viagem literária idealizada, mesclando um diálogo contínuo com outras obras por meio da intertextualidade. Encontra-se nesse espaço narrativo inúmeros personagens dentre os quais o Capitão Gancho, da Branca de Neve, de Chapeuzinho Vermelho, do Peter Pan e de Dom Quixote (personagens da literatura européia), e nos espaços mágicos descritos, como o da mitologia clássica em *O Minotauro* ou *Os doze trabalhos de Hércules*, e ainda a presença de São Jorge, em *Viagem à Lua*, sempre, incutindo personagens e contextos diferenciais que migram para o sítio na busca de aventuras ou para sair delas (ZILBERMAN, 1998). Essa relação imaginária entre personagens universais com a cultura e o ambiente brasileiro faz com que haja "a retomada da tradição literária, recriando-a, passando-a a limpo, fecundando sua significação quer pela irreverência em relação a seu contexto tradicional, quer pela sua imersão em outro contexto, agora moderno e nacional" (LAJOLO, 1983, p. 48) do sítio de Dona Benta.

Suas adaptações priorizam dois aspectos bases para o sucesso alcançado em seus escritos, pois respeita a obra original conduzindo sua adaptação, sem perder os valores da original e tem como personagem mediadora da leitura a avó das crianças, pessoa carismática,

de sabedoria ímpar entre aqueles que a conhecem e a ouvem contar histórias em seus serões. Dessa forma, Lobato propõe uma escrita:

> [...] de modo que ficassem fortemente vinculadas, amalgamadas, à produção de obras originais. Para tanto, lançou mão de dois importantes artifícios. Em primeiro lugar, há a configuração de um universo narrativo facilitador da inserção de outras histórias e da construção de uma instância narrativa propícia à apresentação de outros textos.É a criação do Sítio do Picapau Amarelo como o local por onde transitam livremente as mais diversas personagens. Em segundo lugar, há a participação de Dona Benta como leitora que se torna narradora-adaptadora, mediando as leituras de seus netos e, por extensão, dos leitores em geral. (PRADO, 2008, p. 331).

Observando as criações lobatianas, percebe-se a presença de personagens e contextos provindos do folclore nacional, como o Saci, a Cuca, dentre outros, que estão presentes nos enredos de inúmeras histórias que compõem a literatura infantil. O sítio passa a ser um espaço ficcional que é "invadido por personagens literárias de diferentes extrações" (LAJOLO, 2006, p. 3) e participam da discussão do estatuto de ficção em que se encontram inseridos, podendo "ganhar foros de realidade que conduzem seu leitor a pisar devagarinho nos [...] limites da fantasia e realidade, autor e narrador, ficção e história, personagem e pessoa" (p. 3).

Assim, o feito adaptativo sempre acompanhou Lobato, por ser um recurso estilístico viável para a época, entrelaçando jogos de originalidade, intertextualidade e adaptação que paralelamente transitam pelos seus títulos.

Trata-se de entender o que é a feitura literária adaptativa lobatiana, ou melhor, compreender a escrita adaptativa de Lobato que propicia o primeiro contato com clássicos literários a partir da infância, fato, essencial para envolver as crianças na busca de futuras leituras, quando adultos, dos textos originais. O criador de Emília investe nas produções de caráter tradutório e adaptativo como forma rentável e também por desejar instruir e divertir as crianças.

O pioneirismo lobatiano, para a pesquisadora Nelly Novaes Coelho (2009, p. 138), "abriu caminhos para que as inovações que começavam a se processar no âmbito da literatura adulta (com o Modernismo) atingissem também o infantil". Das adaptações, é relevante destacar as de cunho europeu, como *Peter Pan* e, especialmente, *Dom Quixote,* que é objeto de estudo desta pesquisa.

O livro *Peter Pan*, fruto da adaptação lobatiana do original inglês escrito por James M. Barrie, tem, já de início, as propriedades adaptativas visíveis, pois o escritor o introduz com lembranças da leitura de *Reinações de Narizinho*, quando ocorre o sumiço de

um dos palhaços do circo, fato que aconteceu no próprio Sítio. Imediatamente, o Gato Félix acusa *Peter Pan*: "Mas, quem era Peter Pan? Ninguém sabia, nem a própria Dona Benta, a velha mais sabida de quantas há" (LOBATO, 2009, p. 12). Assim, Emília pressiona a vovó das crianças a buscar informações sobre essa história.

> Dona Benta calou-se, achando que era mesmo uma vergonha que o Gato Félix soubesse quem era Peter Pan e ela não – e escreveu a uma livraria de São Paulo pedindo que lhe mandasse a história do tal Peter Pan. Dias depois recebeu um lindo livro em inglês, cheio de gravuras coloridas, do grande escritor inglês J. M. Barrie. O título dessa obra era *Peter Pan and Wendy.* (LOBATO, 2009, p. 12).

Dona Benta, muito curiosa, senta-se na cadeira de pernas serradas e inicia a história a seu modo: "Era uma vez uma família inglesa...". Foi interrompida por Tia Nastácia, que ainda estava na copa. Assim, todos esperaram para que Tia Nastácia pudesse ouvir a história também e, assim, deu continuidade Dona Benta: "Havia na Inglaterra uma família inglesa composta de pai, mãe e três filhos [...]" (LOBATO, 2009, p. 14). E a leitura prossegue por meio da atuação de Dona Benta como mediadora da história. O enredo de Barrie, adaptado por Lobato, influenciou tanto o imaginário infantil dos leitores, que Pedrinho ficou com vontade de nunca crescer, e Peter Pan adentrou no Sítio para não mais sair das aventuras dessa turminha, pois vira e mexe Lobato cita-o em suas histórias. O mesmo ocorreu com Dom Quixote, que, por meio da adaptação da obra original cervantina, Lobato apresenta e inclui no Sítio, o Cavaleiro da Triste Figura, um enredo também contado por Dona Benta.

A personagem central de Cervantes, Dom Quixote, não apenas fez-se presente na adaptação do original lobatiano, mas também encontra-se presente permeando outros enredos, por ser considerado um exemplo de sonhador e idealizador, devido a suas andanças, ao seu amor platônico por Dulcinéia, e às aventuras com seu fiel escudeiro Sancho Pança. Por isso, Lobato o introduz em títulos como: *Memórias de Emília* (1936), publicado no mesmo ano da adaptação cervantina, onde inspira a boneca de pano Emília a contracenar com Shirley Temple uma peça teatral em *Hollywood*. Marca presença, também, no *Sítio do Picapau Amarelo* (1939), tendo a desculpa de pedir hospedagem no Sítio, já que não encontrava nenhuma estalagem para descansar os ossos e Dona Benta, como havia combinado com o Pequeno Polegar que todas as personagens das *Fábulas* podiam morar ali, permitiu que D. Quixote morasse por ali, mas para lá da cerca na choupana (LOBATO, 1986, p. 15). E há a sua aparição também em *Peter Pan* (obra original de James M. Barrie) numa discussão com o Capitão Gancho, ambos questionam como são "injustiçados" pela história deles narrada, respectivamente em *Peter Pan* e em *D.Quixote.*

O Cavaleiro da Triste Figura foi mencionado e de forma breve em outros títulos como em *Histórias Diversas* (s/d), onde Emília tenta explicar qual a diferença entre gente e personagem e faz uso de Dom Quixote para exemplificar a dicotomia questionada: "Quem lembra dos fidalgos gente do tempo de Cervantes? Todos morreram, desapareceram da memória dos homens. Mas D. Quixote e Sancho, que são dessa mesma era, continuam perfeitamente vivos, são citados a toda hora [...]" (LOBATO, s/d, p. 76); *História do mundo para crianças (1973)*, no capítulo dos "Tempos da Cavalaria", onde Emília faz bigodinhos em todas as personagens do livro de *Dom Quixote,* de Narizinho, o que deixa Dona Benta muito irritada. Ela até compara os bigodes que a boneca fez com os de portugueses de venda e pede para ela ir desfazendo os bigodes com o uso da borracha (LOBATO, 1973b, p. 102). Em *Os 12 Trabalhos de Hércules* (1944) Emília compara o cavalheirismo e o jeito com que Hércules trata a rainha Hipólita com os modos como "Dom Quixote lida com as damas" (LOBATO, 1973d, p. 180).

Toda a turma do Sítio e os leitores infanto-juvenis se divertem e aprendem muito com a intertextualidade de personagens, contextos e histórias (re)criadas por Lobato, principalmente por meio das adaptações. E nesse processo adaptativo há a participação de dois sujeitos: o emissor (escritor, normalmente adulto) e o receptor (público-alvo = crianças). Segundo Böhn (2004, p. 58), três pontos devem ser observados: o sujeito adaptador (o escritor), o objeto adaptado (texto) e o sujeito alvo dessa adaptação (receptor, destinatário), os quais se entrelaçam com os princípios da teoria da estética da recepção, de Hans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (1996), sendo a qual o receptor, em especial, deve interagir de modo efetivo na leitura que faz, e tal fato parece visível aos olhos do que observam os leitores de títulos lobatianos.

No Sítio do Picapau Amarelo quem possibilitava o contato com os títulos mais conhecidos e interessantes era a tradutora/adaptadora, ou melhor, a mediadora de leitura das personagens, a Dona Benta. Essa era uma senhora de idade, sensata, que mantinha uma relação intrínseca com os livros da prateleira de sua biblioteca particular e com os encomendados em livrarias da capital, trazidos pelo correio da cidade até o Sítio. Assim, Dona Benta abre caminhos para que todos os que a ouvissem tivessem os conhecimentos culturais ampliados, aguçando a imaginação da criançada e dos personagens fantásticos, como bem salienta Zilberman (1998), fazendo com que os receptores das leituras viajassem nos enredos ali contados pela avó das crianças. A seguir, discutiremos as características dessa senhora que é personagem-chave que permeia a maioria dos títulos adaptados de Lobato com a função de mediadora da leitura.

2.4 DONA BENTA: MEDIADORA DA LEITURA LITERÁRIA DA TURMA DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

No livro *Reinações de Narizinho*, que inaugura a fase literária destinada à infância por Monteiro Lobato, há dizeres iniciais que trazem à cena a descrição da avó de Lúcia (Narizinho) e de Pedrinho, uma senhora simpática chamada Dona Benta. Essa parte introdutória situa o leitor sobre que personagens farão parte da história que se inicia e, por ser as avós mais apegadas aos netos, Dona Benta ganha espaço garantido nas escrituras que compõem a obra lobatiana, deixando sua marca como contadora de histórias. Dessa forma, sua presença é relevante no decorrer de vários enredos tanto originais, traduzidos e, em especial, os adaptados; por ser fluente em língua inglesa, traduz naturalmente as mais diversas histórias para seus netos, deixando a linguagem acessível e atrativa. Assim, sempre atenta aos acontecimentos, as novas publicações e aos comentários de todos que por ali passam, Dona Benta torna-se uma verdadeira mediadora da leitura entre todos que moram no Sítio.

> Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de outro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando: - Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto... Mas, engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós [...]. (LOBATO, 1970, p. 11).

Embora o Sítio esteja situado no interior, Dona Benta não se sente sozinha, afinal sempre está acompanhada tanto pelos integrantes do Sítio, quanto pela bagagem cultural que adquire ao contemplar em suas leituras as mais variadas histórias nacionais e universais que permeiam a vasta lista de personagens presentes nas páginas dos livros lidos e dispostos em sua biblioteca particular. O isolamento sugerido não caracteriza a vida cotidiana de Dona Benta, sempre preocupada em cuidar dos netos e da turma do Sítio, levando-se em consideração suas leituras e releituras que agregaram a ela conhecimentos indispensáveis para o acervo literário, também, da criançada.

Na concepção de Lobato, suas "personagens foram nascendo ao sabor do acaso e sem intenções" (LOBATO, 1951, p. 340), como que com naturalidade. Dona Benta é um exemplo disso. Nasceu das lembranças que tivera quando estudava no Colégio Paulista, em Taubaté. Lá conheceu Pedro de Castro, um dos "maiores" da escola e que morava numa cidade desconhecida para todos dali, o que lhe dava *status*. Lobato como era dos "menores",

vivia a observá-lo e uma das coisas que mais lhe chamava atenção era que Castro sempre falava de sua avó, Dona Benta. A princípio Lobato achou o nome curioso, mas em sua memória o guardou e quando precisou batizar a avó de Narizinho, recordou desse nome e, assim, nasceu a avó leitora e contadora de histórias do Sítio.[9]

Dona Benta Encerrabodes de Oliveira é a proprietária do Sítio do Picapau Amarelo. Esse ambiente rural é descrito como "um lugar muito bonito". Lá está a casa antiga de Dona Benta, com cômodos espaçosos e frescos. O quarto de Dona Benta era o maior da casa, pertinho do quarto de sua neta órfã, Narizinho. Havia também quarto especial para Pedrinho, neto de Dona Benta, filho da filha dela, Dona Tonica quando lá passava suas férias, e um para Tia Nastácia, a cozinheira e "faz-tudo da casa". Infelizmente, Emília e Visconde não possuíam quartos na casa, porque moravam num cantinho do escritório, pertinho dos livros e da mesa de estudo de Narizinho. A sala de jantar era bem espaçosa, ventilada por meio das janelas que davam para o jardim, logo tinha a copa e a cozinha. Havia a sala de visitas para recepcionar as pessoas e eventuais visitantes. Neste espaço da casa havia um piano, sofá de cabiúna, duas poltronas e seis cadeiras. A mesinha de centro era de mármore, com pés de cabiúna com vários enfeites de decoração, como: "três casais de içás vestidos, vários caramujos e estrelas-do-mar, duas redomas com velas dentro, tudo colocados sobre os "pertences" de miçangas feitos por Narizinho" (LOBATO, 1972, p. 201).

Na entrada havia "a sala de espera que abria para a varanda". Como era um sítio, um jardim e um pomar eram cultivados pela própria Dona Benta, que tinha muito ciúme deles, tanto que não deixava ninguém arrancar nenhum galhinho do que ali havia sido plantado, a não ser apreciar as belezas das flores, algumas raras, como "esporinhas, damas-entre-verdes, suspiros, dois pés de jasmin-do-cabo e outro muito velho, de jasmim-manga" (LOBATO, 1972, p. 200-201). Ou ainda podia-se comer as frutas que eram colhidas em seu pomar, como as jabutibacas, que Narizinho tanto adorava, sempre na companhia do leitão guloso, o Rabicó: "cada vez que soava lá em cima um *tloc!* Seguido de um *pluf!* Ouvia-se cá embaixo um *nhoc!* Do leitão abocanhando qualquer coisa. E a música da jabuticabeira era assim: *tloc! pluf! nhoc! – tloc! pluf! nhoc!...*" (LOBATO, 1970, p. 26).

Dona Benta apreciava o cantar dos pássaros entre as suas árvores e flores. Tanto que descreve a Pedrinho que no "tempo das laranjas o pomar enchia-se de sabiás de peito vermelho, os sanhaços [...], as saíras azuis e as graúnas pretíssimas [...]" (LOBATO, 1972, p.

---

[9] Informações publicadas no livro *Prefácios e Entrevistas* (LOBATO, 1969), onde comenta em clima harmônico sobre sua produção literária para as crianças e respectivamente a criação de suas personagens, em entrevista a Silveira Peixoto.

202). Ela não permitia que ninguém machucasse os pássaros dentro da sua propriedade, assim, mantinha a confiança deles em sempre encher o pomar com cores e cantos.

Muito entusiasmada em viajar pelas leituras que fazia, Dona Benta nunca estava contente com os livros que tinha e sempre fazia pedidos para as livrarias da capital. O compadre Teodorico dizia que ela era do tipo novidadeira: "Dona Benta parece velha, mas não é, tem o espírito mais moço que o de jovens de vinte anos" (LOBATO, 1973e, p. 103). Mas, de que forma ela conseguia fascinar seu público ouvinte, sendo eles tão diferenciados (duas crianças, um sabugo de milho, uma boneca falante, um leitão, uma cozinheira, dentre outros)? Sua mágica secreta estava nos procedimentos metodológicos. Sim, Dona Benta percebia as necessidades tanto lúdicas quanto pedagógicas das crianças e, com isso, modulava sua forma de levar a leitura, o entretenimento e principalmente o conhecimento a eles.

Sabia como cativá-los e conduzir o enredo que estava a traduzir e adaptar (a adequação quanto ao enredo, à estrutura vocabular e sintática, deixando-os familiarizados e instigados pela leitura e na leitura que fazem). Ela chamava a atenção para a origem do título e contextualizava os autores ou tradutores para seus leitores.

No exemplo de *Dom Quixote das crianças* (2004), podemos perceber a importância da contadora/mediadora que traz outras informações, além da narrativa, e contextualiza a história para seus ouvintes.

> Este livro – disse ela – é um dos mais famosos do mundo inteiro. Foi um escrito pelo grande Miguel de Cervantes Saavedra... Quem riscou o segundo *a* de Saavedra?
> Fui eu disse Emília.
> Por quê ?
> Porque sou inimiga pessoal da tal ortografia velha coroca que complica a vida da gente com coisas inúteis. Se um *a* diz tudo, para que dois?
> Mas você deveria respeitar esta edição, que é rara e preciosa. Tenha lá as idéias que quiser, mas acate a propriedade alheia. Esta edição foi feita em Portugal há muitos anos. Nela aparece a obra de Cervantes traduzida pelo famoso Visconde de Castilho e pelo Visconde de Azevedo. [...]
> O Visconde de Castilho foi dos maiores escritores da língua portuguesa. É considerado um dos melhores clássicos, isto é, um dos que escreveram em estilo mais perfeito. Quem quiser saber o português a fundo, deve lê-lo – e também Herculano, Camilo e outros. (LOBATO, 2004, p. 10).

Dona Benta se torna um excelente exemplo de mediadora da leitura, "ela é uma *mediadora* exemplar, como precisam ser os adultos aos quais cabe a iniciação dos jovens em leitura", pois discute com respeito todas as interpretações dos netos remetendo-as às discussões presentes no livro (LAJOLO, 2006, p. 5).

> Se, por um lado, ela relativiza a simbólica arrumação da estante e cede aos desejos dos netos e da boneca, ao adaptar o livro para seu auditório, por outro, coloca todos em seus lugares, apontando a necessidade de mediação, por não terem os interlocutores o repertório que lhes permitiria compreender o livro e ressaltando, de forma indireta, a relevância de uma assimetria entre leitores comuns, leitores "preparados" e obra, implicitamente definindo o ato da leitura como atividade adequada apenas a iniciados. (PINA, 2008, p. 137).

Lobato, por meio de Dona Benta não faz apenas a tradução do título em *Dom Quixote das Crianças* (1936) e sim a reconstrói com as passagens aventurescas mais relevantes. Na época a tradução original para adultos era de Visconde de Castilho, com registro linguístico próprio do português de Portugal. Dona Benta, ao ler as primeiras palavras do livro, percebeu a aversão dos netos e de Emília para com a linguagem ali presente. Então, resolveu contá-la a seu modo, com cuidado nas escolhas dos recortes que interessassem aos ouvintes demonstrando didática na mediação leitora que estava propondo e *feeling* na escolha dos vocábulos simples e de fácil interpretação para ajudar as crianças a adentrarem na história e se divertirem na trajetória que se iniciava sem perder as especificidades que a obra original retrata.

Pensando por essa perspectiva, talvez o pensamento de Lobato em relação à adaptação estivesse vinculado ao entendimento de que:

> [...] contar a história de um livro é uma estratégia para superar a transitória incapacidade de os jovens entenderem um clássico na integra. Talvez por isso Dona Benta não se nivela a seus ouvintes nem rebaixa a história que conta: conta-a mantendo-a, muitas vezes, alguns termos do original, talvez como estratégia para educar lingüística e literariamente seus ouvintes. (LAJOLO, 2006, p. 6).

Assim, acabava estimulando-os a realizarem a leitura do livro de Cervantes, se não no original castelhano, na sua tradução em língua portuguesa de acesso linguístico viável ao léxico que as crianças iam conquistando com as vivências das leituras literárias que partilhavam no decorrer de suas vidas até a fase adulta.

A participação de Dona Benta é fundamental, porque sua intervenção acontece de forma lúdica e interativa: lê, mas repassa aos ouvintes sua interpretação. Contudo, permeia nessa atuação a associação entre leitura, interpretação e conhecimento, que gera poder perante seu público. Esses fatores são percebidos pelas intervenções das crianças e por meio das "diferentes formas de apropriação das histórias representadas no livro", sempre ressaltando nesse "processo a viabilização de certa liberdade imaginária" (PINA, 2008, p. 137).

Dona Benta participa ativamente de variados títulos da obra de Monteiro Lobato e é entre as personagens, a que domina o conhecimento literário daquele Sítio, com os

parâmetros adequados para tradução e adaptação sugeridos por Lobato e colocados em prática pela contadora de histórias. A criançada desfruta dos mais fantásticos enredos, podendo interagir constantemente em meio à linguagem acessível e sempre visando à compreensão e ao desenvolvimento da criticidade de seus leitores.

Há nessa escrita dois pontos convergentes de aceitação do livro e das obras literárias (da tradução/adaptação que migra para a oralidade na voz Dona Benta): o que desencadeia a façanha de encantar não só quem a ouvia na época (seus netos e demais habitantes do sítio), mas também quem hoje a lê, tendo sempre sua presença nas histórias que foram adaptadas por Lobato. Desta forma, Dona Benta é a peça fundamental de Lobato para cativar e incentivar o ato da leitura de uma gama infanto-juvenil de leitores por instituir dentro daquele convívio familiar do sítio o contato com a prática da leitura naquela época por meio da oralidade. E hoje, por meio da leitura da obra lobatiana escrita em prosa com algumas modificações estéticas (de formato, de diagramação, cores, dentre outras) e devido à exigência do público leitor infanto-juvenil do século XXI já se encontra sendo dissipadas em outros gêneros, como nas HQs (histórias em quadrinhos) de *Dom Quixote das crianças* a seguir.

3 O PROJETO DE LEITURA LITERÁRIA NA ADAPTAÇÃO DE *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*

> *Ler rápida e eficazmente, decifrando com velocidade os signos escritos era, e continua sendo, uma das necessidades da sociedade moderna, em que a apreensão veloz da mensagem escrita torna-se a única maneira de lidar com a profusão de impressos em circulação e com a proliferação de escritas que demarcam os usos nos universos social, urbano e do trabalho. Constituir leitores era, assim, para a escola das décadas de 1920 e 1930, produzir decifradores de uma cultura urbana cada vez mais associadas a signos escritos; de uma cultura do trabalho relacionada com informe e manuais e de uma cultura social caracterizada pala profusão de informações por jornais e rádios e pela explosão de imagens permitida pelo cinema*
> (VIDAL, 2000, p. 353).

Pesquisar a respeito dos feitos adaptativos de Monteiro Lobato é direcionar as atenções para a sua narrativa, seu estilo enquanto escritor, suas personagens e a linguagem que ali se faz presente. Seus títulos são lembrados e lidos em pleno século XXI, por conter traços da modernidade linguística, cultural e social desmistificada no decorrer dos anos. Em especial, será analisada a adaptação do título *Dom Quixote das crianças*, "por se notar que D. Quixote é das personagens mais constantes na extensa obra lobatiana para crianças. Com ele, o universo da ficção adulta clássica e canônica ingressa no sítio" (LAJOLO, 2006, p. 3). Essa presença aflora a ação intertextual de Dom Quixote, que está permeando títulos de Lobato e, principalmente, a sua presença na (re)adequação a um gênero em expansão como a literatura infantil, migrando para as histórias em quadrinhos (HQs). **N**este capítulo visar-se-á à ação que ocorre paralelamente ao projeto de leitura que representa esta produção lobatiana e o incentivo para formação de leitores nesta nossa era midiática que se prolifera também por meio das HQs.

3.1 LOBATO E *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*: ESTRATÉGIA DE INCENTIVO À LEITURA ENTREMEIO ÀS AVENTURAS QUIXOTESCAS

Por considerar relevante para a formação de indivíduos críticos e atuantes na sociedade, os livros de caráter universal ganham espaço nas mãos de Lobato, que adapta vários títulos oriundos da literatura clássica, em especial. *Dom Quixote das crianças* (1936),

publicado pela editora Brasiliense, uma adaptação da obra castelhana de Miguel de Cervantes Saavedra, *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha* (1605-1615). [10] A versão lobatiana ganha desde o título, que passa a ser *Dom Quixote das crianças*, o cuidado com a recepção leitora, como destaca Marisa Lajolo (2006), pois mantém o nome da personagem central (protagonista = Dom Quixote), agora destinado às crianças, tendo a semelhança sonora dos vocábulos Mancha/crianças ainda, "em vez da origem geográfica do herói, o tìtulo brasileiro marca tanto a destinação do livro, quanto a apropriação do herói pelos pequenos leitores" (LAJOLO, 2006, p. 4), tornando-se um enredo envolvente que traz para o contexto literário infantil uma parcela significativa da literatura universal.

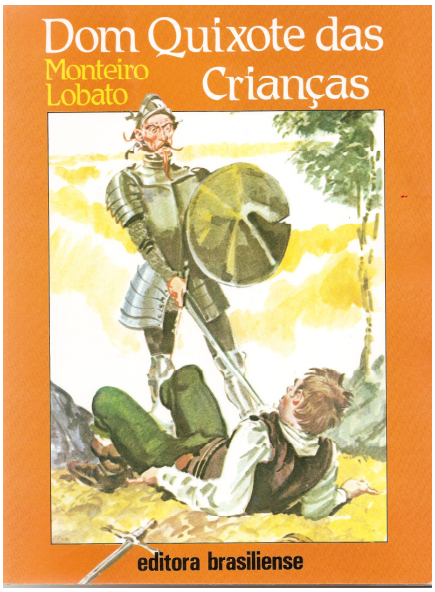


Figura 1 – Capa do livro *Dom Quixote das crianças*, em prosa (2004).

Fonte: LOBATO, Monteiro. **Dom Quixote das crianças**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Uma das referências que se tem conhecimento sobre a vontade de adaptar *Dom Quixote* encontra-se em uma carta de 1921 ao amigo Godofredo Rangel, onde Lobato pede que vá traduzindo algumas obras de Shakespeare em linguagem bem simples, ordem direta e o máximo de liberdade. E segue colocando sua vontade de analisar uma possível adaptação "Quanto a *Dom Quixote*, vou ver se acho a edição do Jansen" (LOBATO, 1951, p. 232), indicando que está interessado em atualizar a obra para as crianças. No entanto, realiza esse

[10] Este título éí da produção cervantina, a mais destacável, embora Cervantes tenha produções também teatrais, mas esta novela com linguagem picaresca e humorística obteve maior aceitação entre os leitores. Esta é a melhor novela escrita em língua espanhola e a segunda obra mais lida no mundo depois da Bíblia. Foi publicada em Madrid em dois momentos: Primeira parte em 1605 e a segunda, em 1615. O enredo é fascinante e os acontecimentos não ocorrem com linearidade, pois os fatos são circulares com as saídas e os retornos à casa, pelo protagonista, *Don Quijote* (LOPRETE, 1976).

feito somente em 1936, cuja publicação "teve uma tiragem de 10.625 exemplares e a segunda edição, de 1940, contou com uma tiragem de 5.025 exemplares" (PRADO, 2007, p. 57).

Não é fácil escrever para um público tão exigente como as crianças. Tem de haver um envolvimento contínuo entre o texto e o imaginário infantil, e é preciso jogar com elas. Uma solução é colocá-las num universo de viagens e, principalmente, de constantes aventuras, juntamente com as personagens. Surge, então, a questão da sedução para com o leitor. É necessária uma adaptação lúdica, de cunho reflexivo, e para isso, o taubateano faz uso do recurso adaptativo da obra consagrada de Cervantes, apropriando-se das peripécias de D. Quixote e Sancho inserindo-as no Sítio.

Prado (2007) relata que a adaptação de Lobato ganha *status* por se apropriar do texto de Cervantes e em paralelo conseguir a inclusão das personagens do sítio já na introdução de sua re-escritura, deixando a narração por conta de Dona Benta, que seleciona as cenas, conta-as, ouve os comentários das crianças e faz comentários pertinentes no decorrer da leitura conseguindo envolver as crianças com sua experiência leitora e pela administração do modo como conta história em seus serões. Tal modo de elaborar a escrita da história ultrapassa a tradução passando a se integrar nas características de texto adaptativo, "já que o texto mescla a narração das aventuras do herói com fatos ocorridos no sítio, alterando duas instâncias narrativas" (PRADO, 2007, p. 57-58). Além de se tratar de uma adaptação, faz reflexões quanto à condição dos leitores, dos livros, da leitura em si e da literatura (LAJOLO, 2006, p 8).

Lajolo (2006, p. 7) ressalta a presença da **metaleitura**, na reescritura lobatiana, que além de frisar os aspectos mencionados no parágrafo anterior faz alusão à questão da autoria e da circulação de livros. Ainda toma como base a transculturação, que se propaga por meio do que ela denomina "paródia da paródia", das atitudes de Emília dando tom irônico para a história.

> Este Quixote parodiado por Lobato é, por assim dizer, tropicalizado: se no original de Cervantes Quixote já representa uma paródia dos heróis da cavalaria, em sua versão brasileira ele é duplamente parodiado: Emília rebaixa ainda mais a imagem que dele se constrói, como se vê, por exemplo, quando ela aproxima as dificuldades de D. Quixote alimentar-se na estalagem (episódio efetivamente presente no original e fielmente recontado por Lobato) de soluções caseira para alimentar um pintinho doente. (LOBATO, 2006, p. 7).

O diálogo proposto por Lobato ao escrever suas adaptações ajuda seus leitores a terem o primeiro contato com o enredo de clássicos universais. O escritor se posiciona como porta-voz das crianças e a mercê delas no ato da escrita de suas histórias e permanece a dizer

que não são seus os méritos por agradar o público infantil, mas, sim, das próprias crianças, porque ouve delas o que querem ler (LOBATO, 1959).

Lobato utiliza não só o recurso adaptação como a intertextualidade, pois dialoga diretamente com o enredo original, com o público leitor, pelas inferências de Pedrinho, Narizinho e Emília ao recontar a história do cavaleiro andante para a turma do sítio por meio da voz de Dona Benta. Entretanto, nas linhas e entrelinhas de sua escrita, oportuniza a introdução a essa leitura, mas que cada criança, ao crescer, deve ler a história na íntegra. E que sua preocupação, além de levar a conhecimento deles essa história, também tem o cuidado de retirar dela "só o que divirta a imaginação infantil" (LOBATO, p. 70, 2004).

A presença do livro de *Dom Quixote* entre as crianças do sítio acontece com uma travessura de Emília, que escolhe o livro de Cervantes para ler, ou melhor, para pedir que Dona Benta leia a história para eles. Contudo, esse livro estava ocupando um lugar na última prateira da biblioteca da avó, no alto da estante e era um dos mais pesados. Então, a boneca de pano pede ajuda ao Visconde, que tem a ideia de usarem uma alavanca para derrubar o livro lá de cima, porém o livro despenca e esmaga o sabugo de milho. Como os clássicos eram lidos apenas pelos adultos, ficavam armazenados nas prateiras mais altas, afinal a linguagem empregada era erudita e os livros pesados demais para o público infantil.

Quando ocorre o esmagamento do Visconde pelo volume de Cervantes, Justo (2006, p. 41) afirma que Lobato direciona a ação para os Viscondes de Castilho, pois a sua versão portuguesa da obra era antiga e volumosa, dando a entender eventualmente que a partir daquele momento haveria a substituição da tradução existente por um Dom Quixote inovador e de acordo com as expectativas dos leitores mais jovens. A boneca de pano instaura com essa atitude de buscá-lo, para uma leitura que rompe com a distância cultural e linguística que separava os clássicos literários universais das crianças brasileiras por meio da adaptação realizada na hora de contar a história por Dona Benta.

Logo, Dona Benta chega com os netos (Narizinho e Pedrinho) e avistam a cena que Emília protagonizou: um sabugo de milho esmagado por um clássico da literatura universal, mas a boneca de pano não se comove, apenas guarda o caldinho da ciência de Visconde e vai a riscar um dos "aa" do sobrenome de Cervantes por acreditar que apenas um dos "aa" faz o mesmo efeito (LOBATO, 2004, p. 8).

A linguagem é um dos eixos norteadores para que haja uma boa recepção da obra por parte dos leitores. Prado (2007) retrata que o distanciamento temporal entre a escritura e a leitura pode gerar dificuldades. "A linguagem do texto original, já não é facilmente compreendida, assim como as características culturais da época em que foi escrita a obra. Para

que seja efetivamente lido e compreendido será imprescindível uma adaptação" (PRADO, 2007, p. 24). No início do serão de Dona Benta, há a leitura das três primeiras linhas da obra cervantina, e o resultado não foi satisfatório para as crianças, principalmente para Emília:

> — *"Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo dos de lança em cabido, adarga antiga e galgo corredor."*
> — Ché! — exclamou Emília. — Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! Vou brincar de esconder com o Quindim. "Lança em cabido, adarga antiga, galgo corredor"... Não entendo essas viscondadas, não... (LOBATO, 2004, p. 10).

Nesse ponto Emília demonstra insatisfação pelo que ouve, e essa passagem evidencia "[...] o trocadinho possível entre tantos viscondes: o de Sabugosa, do sítio, e os de Azevedo e de Castilho, tradutores da obra" (LAJOLO, 2006, p. 5). Ao ler *Dom Quixote de La Man*cha, percebe-se que a linguagem é rebuscada e requer um público adulto para entendê-la. A própria Emília reage a esse primeiro contato com a história dizendo que se o livro "for essa perfeição de língua, até logo!" (LOBATO, 2004, p. 20). Sendo assim, quando Lobato faz a adaptação, a preocupação primordial é com a linguagem acessível, não deixando de ser centrada no texto original, o que facilita e entretém o leitor mirim, pois somente as particularidades essenciais vão ser usadas pelo adaptador, ou seja, o texto original sofre adequações, cortes, dando ênfase aos conhecimento de mundo e aos aspectos culturais do leitor, fazendo modificações necessárias para adentrar o universo literário do público-alvo.

A atuação de Lobato enquanto tradutor/adaptador não consiste em apenas "[...] adaptar livremente o enredo", mas também "apresenta a história através de um contador de história, Dona Benta" (VIEIRA, 2004, p. 106), já que na sociedade da época poucos tinham o privilégio de freqüentar escolas para aprenderem a ler, e esse saber sempre foi um diferencial, e ele brinca também com as fronteiras desse objeto de distinção social, que é o livro. Desta forma, houve a necessidade de introduzir uma pessoa mediadora da leitura e ninguém melhor do que Dona Benta.

A avó conversa sobre o estilo de escrita de Cervantes e se propõe a contar a história de forma mais acessível, fato que Emília gosta aplaude e diz: "Os viscondes que falem atravessados lá entre eles. Nós que não somos viscondes nem viscondessas, queremos estilo de clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido. Comece" (LOBATO, 2004, p. 10).

Dessa forma, Dona Benta conquista a atenção de seu público e inicia a história a seu modo: "Em certa aldeia da Mancha (que é um pedaço da Espanha), vivia um fidalgo, aí duns cinqüenta anos, dos que tem atrás da porta, adarga antiga, isto é, escudo de couro, e

cachorro magro no quintal – cachorro de caça" (LOBATO, 2004, p. 10). Esclarecendo os vocábulos desconhecidos e facilitando a compreensão textual. Dona Benta ainda situa Emília sobre características do *status* social da época respondendo à pergunta da boneca sobre a lança e o escudo que representavam "[...] sinal de que esse fidalgo pertencia a uma velha linhagem de nobres dos que antigamente, na Idade Média, usavam armaduras de ferro e se dedicavam à caça como sendo a mais nobre das ocupações" (LOBATO, 2004, p. 10). Apresenta o protagonistas das aventuras que irão compartilhar: "D. Quixote, um homem magro, alto, muito madrugador e amigo da caça. E mais amigo de ler. Só lia, porém, uma qualidade de livros – os de cavalaria" (LOBATO, 2004, p. 10). Destaca que naquela época o gênero literário era da cavalaria (muito utilizado na era medieval, mas que estava em desuso), explicando a Narizinho que chamavam os cavaleiros andantes desse modo, porque viviam andando a cavalo, correndo o mundo em busca de aventuras.

Dona Benta contou por partes a composição que Afonso Quijana, Dom Quixote, planejou para assim, tornar-se um cavaleiro andante. Segundo suas leituras, teriam de ser três coisas: um cavalo, uma amada e uma armadura. E assim se fez: havia um cavalo magríssimo em sua estrebaria, mas que aos olhos de D. Quixote parecia com o Babieca, de *Cid Campeador,* e com o Bucéfalo, de Alexandre, o Grande. Então, batizou o nome do velho e magro cavalo de Rocinante. Para ocupar um lugar em seu coração, lembrou-se de uma camponesa chamada Aldonça, só que a moça teria de ter um nome lindo, pois Dom Quixote iria jurar seu amor eterno. Logo, mudou o nome da camponesa para Dulcinéia Del Toboso e, por fim, foi buscar a armadura enferrujada de seu bisavô. Com tudo preparado na madrugada, sai a aventurar-se mundo a fora. Não vai muito longe em sua primeira saída, logo retorna, e reconhece que precisa de um companheiro. Nisso pensa em Sancho Pança, cuja personalidade se enquadra à de um fiel escudeiro. Contudo, para convencê-lo a deixar sua esposa e partir com o cavaleiro da Triste Figura, promete a ele o governo de uma ilha e, devido à ingenuidade misturada com ambição, Sancho parte com Dom Quixote pelas mais pitorescas aventuras na região da Mancha (LOBATO, 2004).

Os leitores passam a se envolver com a escrita e com o enredo do livro. Conseguem imaginar a ambientação e passam a vivenciar o contado, devido à figura intermediadora da leitura, Dona Benta, que estimula seus leitores ouvintes a interessarem-se pelo enredo de *Dom Quixote* por meio da adaptação que faz na transposição oral da leitura que realiza. De maneira didática, reestrutura os acontecimentos da narração a seu modo, tendo como preocupação o entendimento do enredo por parte das crianças. Para isso, acrescenta

informações necessárias à contextualização do enredo contado, estratégias aplicadas para ensinar bons valores éticos e morais, disponibilizando o acesso ao conhecimento da história.

Por exemplo, no capítulo *Primeiras Aventuras*, em que Dom Quixote quer ser armado cavaleiro e Emília questiona a atitude dele, pois ele já teria armadura e armas para combater os inimigos que encontrasse pelo caminho, a vovó aproveita este momento para explicar e introduzir no imaginário infantil daqueles ouvintes alguns aspectos sociais, culturais (costumes) e práticas vinculadas à Idade Média que vão ao encontro de outras cenas do enredo, assim como o uso de expressões de linguagem não correntes para aquelas crianças, deixando-as a par que "ser armado" nada mais era do que "receber o grau de cavaleiro" (LAJOLO, 2006).

> D. Quixote já não estava armado? – observou Emília. Ser "armado cavaleiro" é coisa diferente de um cavaleiro armar-se com a armaduras e armas. Ser armado cavaleiro é receber grau de cavaleiro andante, dado por outro cavaleiro. (LOBATO, 2006, p. 43)

Com essa colocação, salienta Lajolo (1994, p. 99), a avó caracteriza-se como leitora madura e competente, que se faz iniciadora de seus ouvintes na leitura: à sua maneira, ela também os arma cavaleiros, isto é, leitores, por situá-los no enredo e dar-lhes subsídios para a compreensão do texto ali traduzido/adaptado e ouvido. O envolvimento da platéia para com a leitura é progressivo, "percurso de ida e volta entre texto e vida" (LAJOLO, 1994, p. 99), desencadeando a proximidade entre o que se vive e o que o texto traz para assim fazer sentido aos leitores.

Pedrinho faz a relação intertextual da obra de Cervantes com as Cruzadas, sobre as quais já havia lido (*Carlos Magno e os Doze Pares da França*). A narradora concorda com o comentário que o menino faz, porque em ambos a temática central é a cavalaria e anuncia que, depois de lerem *Dom Quixote,* irão procurar o célebre italiano *Orlando Furioso*, de Ariosto, por se tratar da mesma temática. Pedrinho já estava preparado para receber aquela nova história iniciada por Dona Benta, conseguindo correlacionar leituras anteriores. A leitura foi proveitosa e se encontra em sua memória, fazendo essa relação intertextual.

Dessa forma, Dona Benta apresenta a temática da cavalaria e o escritor Cervantes, que escreve a obra para satirizar a cavalaria andante, que genialmente transforma-se numa criação literária mais famosa que poderia imaginar, por ser "um maravilhoso estudo da natureza humana" e, em seguida, descreve as características do protagonista da história: Dom Quixote, um fidalgo "generoso, leal, honesto que quer ver o bem da humanidade, que vinga os

fracos e oprimidos", mas de tanto de leu livros de cavalaria acaba com o "miolo mole", ou seja, enlouquece e sai à procura de aventuras com seu fiel escudeiro Sancho Pança (LOBATO, 2004, p. 11).

Todos os que ali estão a ouvir a história se envolvem com ela, principalmente a boneca de pano, que acaba por se vestir como um cavaleiro andante e faz estripulias no quintal do Sítio do Picapau Amarelo, ultrapassando a instância da leitura indo-a para o campo imaginário. Lajolo (2006, p.7) destaca que esse fato remete a um Dom Quixote mais popular, de características brasileiras.

Outra artimanha empregada pelo escritor para tornar a obra acessível é a ênfase na oralidade representada pelo modo de Dona Benta transmitir as narrativas. Em contraste com *Peter Pan* (1930) cuja literatura era recente para a época e tendo como destinatário o público infantil, *D. Quixote das Crianças* pertencente aos cânones da alta literatura universal. A presença constante da oralidade já havia sido observada por Marisa Lajolo que, ao estudar o livro *Histórias de Tia Nastácia,* ressalta:

> [...] a oralidade se manifesta estruturalmente também em outras obras de Lobato, nas quais o escritor recorre à moldura da narração oral, como *D. Quixote das crianças* e *Peter Pan*. Nestes livros, porém, o recurso à oralidade constitui estratégia adotada por Dona Benta [...] para facilitar o ingresso das crianças – ouvintes no mundo da leitura. Ou seja, em D. Quixote das crianças e em Peter Pan, se a enunciação mimetiza o mundo da oralidade, o enunciado vem do moderno mundo da escrita, ao qual se subordina o da oralidade, mero instrumento deste para aquele. (LAJOLO, 2008, p. 71).

É relevante salientar aproximação do linguajar oral na escrita de Lobato. Não abandonando as peculiaridades que constituem a escrita, mas readaptando-a para o contexto da interação com o público leitor infantil que por vezes não estão acostumados ou desconhecem certos vocábulos, mas possuem um conhecimento de mundo, às vezes, além do que está presente nas linhas e entrelinhas do texto que estão lendo. Claro, não no caso de Lobato que consegue obter essa aproximação com o imaginário infantil por meio da linguagem simplificada para as crianças daquela época e descritiva atendendo às expectativas da maioria dos leitores.

O estilo do escritor é marcado pela simplicidade: frases curtas, com palavras acessíveis para o leitor infantil e juvenil daquele século, "economia nas orações subordinadas" (MARTINS, 2004, p. 150) e períodos simples. Quando Dona Benta fala sobre a escrita da língua portuguesa da época da tradução dos Viscondes e daquela que estava a ser usada explica:

> Hoje usamos a linguagem a mais simplificada possível, como a de Machado de Assis, que é nosso grande mestre. Aos escritores portugueses, que chamamos clássicos, usavam uma forma menos singela, mais cheia de termos próprios, mais rica, mais interpolada...

Emília quase nem espera a vovó terminar e já reclama das palavras difíceis que ela usa em seu discurso, referindo-se a "interpolada". Dona Benta acha graça, ri e explica o significado, que consiste na combinação de várias orações na mesma frase. Entretanto, para ser mais didática e fazer todos entenderem, ela abre o livrão que está a ler e escolhe um exemplo do episódio dos galeotes algemados:

> [...] tamanha foi a revolta, que os guardas, já para terem mãos nos galeotes, que se estavam soltando já para se avirem com D. Quixote que as acometria a eles, não puderam fazer coisa que proveitosa lhes fosse .
> Que embrulhinho! – berrou Emília. – Que "interpolação" levada da breca...
> Dona Benta explicou:
> Nesse período há muitos verbos e portanto muitas orações, umas interpoladas com outras, isto é, metidas entre outras.
> Um picadinho de orações, uma salada – disse Emília. – Eu gosto dos períodos simples, que a gente engole e entende sem o menos esforço. Esses assim até dão dor de cabeça. São charadas. (LOBATO, 2004, p. 86).

Há, também, pouca utilização da voz passiva, tornando mais atuante a voz ativa que, segundo Martins (2004, p. 150), serve para "dar mais dinamismo e realidade ao texto, até porque a participação da platéia sugere essa leitura mais viva", reafirmando, assim, o discurso direto, oportunizando a troca de construções frasais extensas por diálogos breves, deixando sempre em uso a oralidade com o jogo adaptativo lançado pelo escritor de dar voz ativa à personagem mais sábia do Sítio, Dona Benta.

Observa-se, também o uso das figuras de linguagem por Lobato (2004), como as comparações e as metáforas que proporcionam maior reflexão e aprimoramento da compreensão leitora para entender as analogias, além das onomatopéias, figura responsável pelos sons de objetos e ruídos por meio de fonemas, que dão ares de realismo às cenas: Brolorotachabum! (p. 8), lepte! lepte! (p. 17), fluqt!, fluqt! (p. 24).

Lajolo (2006), no artigo "Monteiro Lobato e Dom Quixote: viajantes nos caminhos" da leitura que publicou para a comemoração dos 400 anos da obra cervantina e para o septuagésimo aniversário da adaptação brasileira e publicada pela Cia Editora Nacional, menciona que o escritor segue os parâmetros da escritura do gênero adaptação infantil, por "condensar a obra, se apropriando apenas de partes mais relevantes da aventura do fidalgo, fazendo um entrelaçamento delas com as histórias da leitura que os 'picapauzinhos' fazem do livro que a avó lhes conta" (LAJOLO, 2006, p. 4).

Na adaptação de *Dom Quixote das Crianças* (2004), Lobato não esmiúça todo o enredo original, faz recortes sincrônicos que destacam o tom aventureiro das personagens, bem como a loucura, a generosidade e as artimanhas do cavaleiro andante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, dando ênfase à estética, à cultura e ao desempenho intelectual tanto das personagens quanto dos leitores mirins. O criador do Sítio do Picapau Amarelo, ao fazer as adaptações, colocava-se dentro do texto, por vezes, na voz de Dona Benta, da boneca Emília, com pinceladas marcantes de seu estilo.

Lobato priorizava a informação aos leitores, dando diversas explicações para contextualizar o assunto que tratava no livro. Um fator interessante e que evidencia a preocupação do escritor em instruir seu público leitor foi a descrição da relevância e dos formatos em que os livros que as crianças lêem estão constituídos. O comentário parte da pergunta de Pedrinho se Dona Benta estava contando o livro inteiro ou só em partes. A avó explica que conta apenas recortes das aventuras quixotescas, ou seja, resumidamente e ressalta que, se fosse contar a obra por completa, iria levar muito tempo: "Essa obra de Cervantes é bem comprida; passa de mil páginas numa edição in-16. E Pedrinho indaga: In-16, vovó? Que quer dizer isso?" A narradora começa a explicar: "É uma medida do formato dos livros. Os livros são feitos de papel, como você sabe. O papel vem da fábrica em folhas. Em cada folha imprime-se um certo número de páginas" (LOBATO, 2004, p. 70). Nessa parte, para que as crianças entendessem, Dona Benta utiliza o exemplo de um suporte conhecido: o jornal, que coloca em cima da mesa e pede a Pedrinho para ir executando os comandos de dobraduras que ela pede (em 4 partes, explica que é o formato in-fólio, tamanho padrão para a impressão de livros; depois Pedrinho dobrou mais uma vez, e ficou com 8 páginas. A narradora explica que ali pode-se ter um formato de livro in-oitavo e assim continuou):

> Pedrinho dobrou o papel mais uma vez e contou 32 páginas.
> Justamente. Um livro impresso nesse formato é um livro in-trinta e dois ou in-32. Dobre mais uma vez.
> Pedrinho dobrou e viu que dava 64 páginas.
> Isso mesmo. Um livro impresso nesse formato é um livro in-sessenta e quatro, ou in-64.
> E se eu dobrar mais um vez, teremos o formato in-128, que é o dobro de 64; não é assim? – perguntou o menino.
> Exatamente.
> Ora veja vovó, uma coisa tão simples e eu não sabia! Vou ensinar a Narizinho. (LOBATO, 2004, p. 70).

Nesta passagem, encontra-se o caráter lúdico e pedagógico que é parte da estratégia de ensino de Dona Benta, mesclando assim, a teoria com a efetiva prática. Pedrinho

entende (aprende) a dimensão dos formatos dos livros, se diverte e ainda quer ensinar o que aprendeu à Narizinho incentivando os leitores a também repassarem essa novidade que dá corpo aos livros que lêem para as demais pessoas, partindo de um suporte acessível que acolhe as notícias do cotidiano deles: o jornal.

As formas do livro são discutidas no enredo para agregar conhecimentos quanto à materialidade desse objeto, que leva consigo um jogo de *marketing* já mencionado por Vieira (2004) em sua tese de doutorado que discute acepções e analogias entre as traduções e adaptações do título *Viagens de Gulliver* e com isso, traz inúmeras contribuições para a academia.

A materialidade das adaptações de clássicos, sua circulação e aceitação entre os leitores infantis estão em evidência devido à sua apresentação estética e às influências que os escritores conquistam, embora necessitem conter um enredo que encante o leitor. Monteiro (2002), em sua dissertação, aborda esses aspectos salientando como é atrativa e benéfica a presença do escritor nesse primeiro contato visual do leitor diante do livro na contemporaneidade, fato este que chama atenção, porque na época de Lobato era diferente, os tradutores/adaptadores, dependendo de seus *status* entre a população, eram até mais aceitos que os escritores do enredo original.

> Na capa, na folha de rosto e na lombada dos livros, era o nome de Monteiro Lobato a chamar o leitor e a promover a venda. Ao contrário do que ocorre atualmente. Hoje, no esquema das editoras de didáticos, quem detém o valor de grife para promover a adoção escolar é o autor da obra original. (MONTEIRO, 2002, p. 41).

A noção estética na composição do livro literário deve ser mencionada por suas particularidades de atrair o leitor em primeira instância: as cores, a diagramação e ilustração, a linguagem acessível, o diálogo intertextual que a obra apresenta com o cotidiano do leitor, a adaptação de textos ditos "adultos" para o universo infantil, como faz Lobato e, assim, dar subsídios para a atuação de seus protocolos, como a presença efetiva da leitura na escola, em bibliotecas infantis, em casa, enfim. Böhn (2004, p. 60) ressalta que "é, portanto, a obra infantil o principal objeto passível de adaptação na era do capitalismo em ascensão". A venda dos clássicos literários tornou-se mercadoria para o capitalismo na sociedade do século XXI.

Entretanto, no início do século XX não havia esse jogo de marketing ou *"valor de grife",* como menciona Monteiro (2002, p. 41). A escolha do título dessa obra, *Dom Quixote das Crianças,* é considerada ambiciosa por parte de Lobato, por desencadear uma nova apropriação da obra, pertencente ao seu público-alvo: as crianças, como salienta Prado (2008,

p. 328): "*Dom Quixote* passa a ser das crianças e não mais de Cervantes ou de Lobato. Nem mesmo 'de La Mancha', já que virá a terras brasileiras, por ocasião da mudança das personagens do mundo da fantasia para o Sítio [...]".

Constata-se de imediato a intenção de Lobato em semear o gosto pela leitura literária e de incentivar a apreciação pelos grandes clássicos da literatura. Desde o primeiro capítulo o leitor já é envolvido pela biblioteca e pelo acervo ali presente, pois mesmo fazendo recortes Dona Benta quase no primeiro parágrafo do penúltimo capítulo do livro ressalta que é uma lástima ela estar contando apenas algumas partes da história original: "Um dia, quando vocês crescerem e tiverem a inteligência mais aberta pela cultura, havemos de ler a obra inteira nesta tradução dos dois viscondes, que é ótima!" (LOBATO, 2004, p. 85).

A maioria dos episódios contados por Dona Benta possui descrições que situam o leitor e dão suporte para que seu imaginário ganhe formas. Por exemplo, no episódio da queima dos livros de cavalaria que compuseram a biblioteca particular de Quixote, a descrição da cena contada por Dona Benta permite que o leitor, nesse caso ouvinte, consiga imaginar a seu modo o acontecimento. E o mais interessante no título analisado é que quase todas as cenas permitem o trabalho particular de construir sua própria Mancha num mundo imaginário que constantemente dialoga com espaço do Sítio, bem como fazer uma analogia entre as personagens originais da história de Cervantes e a turma do Sítio. Como exemplos, há no decorrer da história: um leitor assíduo que de tanto ler acaba enlouquecendo. Quem lê no Sítio livros específicos? Visconde. Quem impõe seus ideais e tenta realizar suas fantasias no Sitio? Emília. Quem Emília usa para substituir Rocinante? Rabicó. E assim sucessivamente. Há vários pontos característicos que convergem entre a construção do enredo original e a adaptação estruturada por Dona Benta, na função de aproximar os leitores do universo literário clássico.

Uma das cenas mais famosas do original é quando Dom Quixote avista os moinhos de vento e os confunde com gigantes, tanto que diz a Sancho que a ilha prometida está mais próxima do que eles imaginavam. Dona Benta reconstrói esta parte da narrativa da seguinte forma:

> Estavam a conversar sobre a futura ilha de Sancho, quando viu ao longe uns vinte ou trinta moinhos de vento.
> "Sancho, meu caro, Sancho! – A fortuna começa a favorecer-nos. Não vês lá ao longe aquele exército de gigantes?"
> "Gigantes? Repetiu o escudeiro voltando-se para todos os lados. – Não vejo nem sombra de gigantes, senhor..."
> "Oh, senhor! – Aquilo nunca foi exército de gigantes. Não passa duns moinhos de vento. Nada mais" (LOBATO, 2004, p. 24).

Dona Benta situa o leitor no cenário real, mas recorta as falas das personagens para que os leitores/ouvintes entrem em contato com a cena original, proporcionando a dimensão idealizada por Dom Quixote e a presenciada por Sancho Pança, dois lados que se convergem constantemente no decorrer das aventuras vividas pelos dois.

Essa adaptação reproduz passagens atrativas, proporcionando interesse pela leitura, a aproximação dos leitores com a literatura ao trazer para o Sítio a loucura de D. Quixote na pele de Emília e as colocações de Pedrinho sobre o que aprecia na personagem. É, também por meio de Pedrinho que Lobato intertextualiza a história com o livro *Doze Pares de França*, de Carlos Magno, evidenciando o dialogismo da obra, as paradas reflexivas que Lobato faz para que todas as personagens falem o que pensavam a respeito das ações do cavaleiro andante.

> O que gosto em D. Quixote – observou Pedrinho – é que ele não respeita cara. Medo não é com ele. Seja clérico, seja moinho de vento, seja arrieiro, ele vai de lança e espada em cima, como se fossem carneiros.
> Valente ele é – concordou Narizinho – Pena que não vença todas às vezes. O tal Cervantes era mau. Judia muito desse personagem.
> Isso é para equilibrar outras histórias de cavaleiros andantes – explicou Dona Benta – nas quais os heróis venciam sempre. Havemos mais tarde de ler algumas.
> Como a dos Doze Pares de França – observou Pedrinho. – Aquilo é que é dar pancada. [...]
> Comecei a ler e fui me esquentando, me esquentando, me esquentando até que não pude mais. Minha cabeça virou – ficou assim como a de D. Quixote. Convenci-me de que eu era o próprio Roldão. (LOBATO, 2004, p. 43-44).

A adaptação de Lobato é exercida com acréscimo de informações pertinentes ao enredo original, mesmo fazendo uso da síntese, quando mescla as reflexões de suas personagens no embalo da disposição oral da história e faz com que a diversão tome conta do início ao fim, das atitudes bisbilhoteiras de Emília à incorporação da loucura de Dom Quixote pela boneca de pano, deixando transparecer o bom coração de Emília, pois ela se sensibilizou com o estado do cavaleiro andante.

Os leitores do sítio se envolvem no enredo de forma tão concreta que a boneca de pano acaba por levar a sério as aventuras de Dom Quixote e incorpora a loucura quixotesca, tirando Rabicó para ser seu Rocinante na realidade vivida na cozinha de Tia Nastácia pela astuta boneca de pano, o que causa um grande transtorno ao Sítio. Tia Nastácia conta à Dona Benta o acontecido: “cheia de armas pelo corpo, com uma lança e uma espada, e uma latinha na cabeça que diz que é o ‘ermo’ de Mambrino“ (LOBATO, 2004, p. 75), com direito a espetadas e gritos de Emília culpando um mágico, que o chama de, “miserável”, “pérfilo” e “infame encantador”. A sorte de Tia Nastácia foi que jogou umas cascas de abóbora e Rabicó

muito guloso, foi correndo comer. Uma cena evidencia a força com que a história se desenvolveu na cabecinha da boneca.

> Dona Benta foi espiar pela janela e de fato viu as estrepolias que a Emília Del Rabicó estava fazendo no quintal. Vestidinha de cavaleira andante, toda cheia de armaduras pelo corpo e de elmo na cabeça, avançava contra as galinhas e pintos com a lança em riste, fazendo a bicharada fugir num pavor, na maior gritaria. Até o galo, que era um carijó valente, correra a esconder-se dentro dum caixão. (LOBATO, 2004, p. 75).

Por vezes, Dona Benta tentou trazê-la à realidade, pedindo que voltasse a si, mas foi inútil porque "a boneca fora tomada dum verdadeiro delírio de heroísmo" (LOBATO, 2004, p. 75).

Lobato ignorou temas que estão presentes na obra original como: morte, prostituição, sexo, comportamentos agressivos que estão de encontro com as aspirações almejadas para a educação das crianças, para dar espaço a assuntos mais relevantes para a formação cultural das crianças, tal qual a presença do heroísmo desenfreado do protagonista. Também, há o pitoresco que aflora por meio do caráter humorístico que Lobato resgata de Cervantes, complementando o enredo com as artimanhas e peripécias da turma do sítio, a compreensão da loucura vivida por Dom Quixote, sua incessante busca pelo que idealiza como ajudar os fracos e oprimidos, demonstrando solidariedade e querendo que seja feita justiça para com todos.

E assim, a história é recheada por acontecimentos atraentes e hilários, como quando Pedrinho tem a ideia de prender Emília em uma gaiola, como fez o cura a Dom Quixote. Logo, Tia Nastácia reapareceu com a gaiola e ali ficou presa. E, muito esperta, interrompe Dona Benta no capítulo que segue e diz que como eles deram a ela o mesmo tratamento que recebeu o cavaleiro, Emília anuncia que, ao sair da gaiola, botará fogo em tudo, na casa, no sítio. Nem Dom Quixote escapará, assim como fizeram com os livros da biblioteca.

Observando a atitude ofensiva daquela pobre engaiolada, Dona Benta reconhece que tomaram uma atitude muito errônea, porque "para os perturbados a violência não é remédio. Vamos soltá-la e experimentar outro tratamento" (LOBATO, 2004, p. 76). E assim fizeram. Entretanto, percebe-se que, nesse momento, a narradora passa a ser conselheira da turma do sítio, demonstrando bom senso e prudência, repassando uma lição para todos.

E as cenas ocorrem, as aventuras mais variadas possíveis até o final do livro, que traz triste notícia da morte do cavaleiro, o que deixa Emília inconformada, demonstrando a indignação do leitor, pois de alguma forma, no imaginário infantil, Dom Quixote não deveria morrer. Afinal, recupera a memória, faz seu testamento e... morre.

Nesse momento, Lobato faz a analogia das duas dimensões: da expectativa da recepção leitora para com a vida de Quixote e a versão escrita por Cervantes, que o coloca no patamar de um ser mortal, eternizado somente na literatura universal, nas páginas do livro. Todas as crianças ficaram comovidas, e quem não aceitou esse final foi Emília. Mesmo Dona Benta contando com o maior cuidado a notícia e confortando-os, dizendo que é doloroso ver alguém partir, e principalmente se eles tivessem lido o original de Cervantes, mas que "tudo na vida tem que ter um fim. Cervantes não podia conservar D. Quixote vivo a vida inteira". Entretanto, Emília retrucou:

> Por que não? – objetivou Emília. – Eu, se fosse o Saavedra com dois aa, não o mataria nunca. Deixa-lo-ia como uma espécie de judeu errante – eternamente vivo. Para que matá-lo? Para que deixá-lo morrer?
> [...] Podia ficar para semente [...] ser uma exceção. A senhora não vive dizendo que todas as regras têm exceção? (LOBATO, 2004, p. 90).

Dona Benta explica que é a lei da natureza e nela não se pode interferir. Todavia, não adianta a boneca de pano não querer que o cavaleiro da Triste Figura morra, até diz não querer mais ouvir a história, por querer guardar consigo a imagem do protagonista vivinho dentro da sua mente (LOBATO, 2004). Essas palavras fizeram Dona Benta parar de falar por uns instantes e refletir, até que Narizinho pediu que fosse retomado o trágico final do fidalgo. Ela relatou que Alonso Quijana ficou vários dias de cama e veio a falecer.

Todas essas reações expressam como a história foi recebida por parte dos leitores/ouvintes, seus envolvimentos com o enredo e com as peripécias do aventureiro fidalgo, mostrando a interação entre escritor, obra e leitor. As personagens, assim como Dom Quixote, enriquecem-se culturalmente pelo contato direto com as leituras que realizam nos serões de Dona Benta e expressam por meio de suas ações críticas toda a experiência que elas oferecem. Assim, há uma profusão de saberes e experiências que se entrelaçam entre campo real (vivido) *versus* campo imaginário (idealizado) criado pelas histórias lidas/ouvidas.

Ao refletir sobre *Dom Quixote das Crianças*, deve-se entender que é uma adaptação da original cervantina, que está condicionada não só a uma adaptação do enredo, mas de todo um emaranhado linguístico, de reformulação conceitual sobre a cultura e *status* sociais em que crianças entram em contato com aquela realidade pela primeira vez. A ação mediadora de Dona Benta nas linhas e entrelinhas do enredo elaborado por ela ganha destaque por meio das alternâncias de suas leituras e contações. Este (o enredo) foi reestruturado por Lobato, na expectativa de preparar o leitor, de incentivar a prática da leitura, o contato com o campo literário de qualidade que propiciasse a adesão de leitores descobrindo o mundo

fantástico do universo literário desconhecido, uma literatura que possa comportar adaptações que se julguem necessárias para cativar o público leitor-alvo: as crianças.

A publicação dos títulos de Lobato, em particular, *Dom Quixote das crianças,* faz aflorar um projeto de leitura, de tradução e de adaptação que, ao longo do tempo, ganha espaço em publicações de variados gêneros textuais por meio da evolução midiática. Dentre outros suportes, o título lobatiano foi (re)adaptado para as HQs (histórias em quadrinhos) que trabalham com a noção pictórica, com desenhos que dinamizam a imaginação desde o primeiro contato do leitor infanto-juvenil com a obra. Essa nova reestruturação será analisada no próximo capítulo, por ser relevante recordar que "um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele reconhece logo o seu lugar na genealogia" (CALVINO, 2009, p. 14). Sobre a reformulação do enredo para as HQs, analisar-se-ão possíveis diferenças na recepção leitora das crianças atualmente, levando em consideração essa imersão na história escrita em 1936 e redimensionada para outro gênero literário, das HQs (histórias em quadrinhos) na contemporaneidade.

4 MONTEIRO LOBATO E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: INOVAÇÃO ESTÉTICA E ESTILÍSTICA EM *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*

> *[...] reconhecer e utilizar o recurso de quadrinização como ferramenta pedagógica parece impor-se como necessidade, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, associam-se para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos*
> (MENDONÇA, 2002, p. 207).

A leitura literária deve ser praticada para gerar conhecimentos de cunho cultural, social, linguístico e servir como ponte para a ampliação da visão de mundo dos estudantes, pois é pelo contato com a literatura que há uma ação humanizadora que ajuda os indivíduos a entenderem certas ações e períodos passados pela humanidade e, ao mesmo tempo, aqueles que são vividos no hoje, assim como o primordial: entenderem suas próprias atitudes, emoções e os limites éticos e morais que os regem. Os textos literários que devem circular entre os leitores podem ser encontrados em outros gêneros textuais além da prosa em si, devido à ação midiática que se propaga na contemporaneidade. As histórias em quadrinhos, gênero de que tratará este capítulo, é um reflexo dessa nova geração que convive e participa deste desenvolvimento tecnológico contínuo, o que possibilita o trabalho dinamizador dos textos literários dentro e fora da sala de aula.

As histórias em quadrinhos estão no *ranking* dos recursos adaptativos mais utilizados, assim como as *charges*, caricaturas e os cartuns, todos produtos da cultura de massa difundida e veiculada por jornais, revistas e de fácil acesso pela Internet, também. Aspectos esses, que as colocam num patamar precioso no que se refere à sua imersão nas práticas pedagógicas das novas tendências educacionais, porque, devido à sua boa aceitação no mercado, são de fácil acesso e encontram-se de forma corriqueira circulando pela sociedade afora. Contudo, nem sempre foi assim como poderá ser constatado no contexto histórico desse gênero na sociedade mundial.

Assim, será delineada a presença das histórias em quadrinhos, que têm relações intrínsecas com a imagem (que ganha seu espaço com a introdução do cinema), com a escrita e com a narrativa seqüencial, que interage constantemente com o recurso adaptativo, quando direcionadas a repassar os enredos de clássicos literários a seus moldes, possuindo uma aceitabilidade positiva entre os jovens leitores, tornando-se um meio de comunicação de

massa que ao mesmo tempo interage com a subjetividade interpretativa do leitor, já que a leitura realizada por cada indivíduo é uma atividade dialógica e individual.

Por esse viés, este capítulo traz à luz um breve levantamento histórico do percurso realizado pelas HQs, até chegarem ao gosto popular dos brasileiros e a sua incorporação no ensino, pois está presente no contexto escolar dos alunos permeando os materiais didáticos. Depois, será comentada a adaptação do título *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato, que é um dos objetos desta pesquisa e que foi reconstituída através de recortes para as HQs, (re)adaptação realizada por André Simas (Ed. Globo, 2009). Posteriormente, sua atuação entre os jovens leitores será averiguada por meio do trabalho de intervenção para saber de que forma a adaptação lobatiana de 1936 é recebida entre os leitores infanto-juvenis de hoje na primeira década do século XXI, se contribui ou não para o incentivo da prática da leitura entre os estudantes do Ensino Fundamental II, com base nos pressupostos teóricos desenvolvidos por Hans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (1996), dentre outros, que pesquisam a respeito da recepção leitora embasados nos parâmetros que regem a teoria da Estética da Recepção.

4.1 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O SEU PERCURSO HISTÓRICO

As histórias em quadrinhos, ou HQs, são constituídas pela presença da imagem gráfica, uma das formas mais antigas de comunicação que acompanha o ser humano desde os primórdios, como se tem conhecimento por meio das pinturas rupestres, e pela inclusão da linguagem escrita, representação gráfica da fala (os signos linguísticos). Com a evolução midiática esse gênero tornou-se reconhecido na sociedade com grande aceitação por parte do público leitor nas últimas décadas do século XX, porque atua como literatura gráfico-visual, permitindo que sua narrativa contemple o desenvolvimento da interpretação textual e ao mesmo tempo sirva de reflexão/análise para a formação dos jovens leitores.

O início de sua introdução no mercado editorial e, consequentemente, na sociedade foi conturbado e a concepção de sua função foi tratada por vários profissionais, pais e do sistema escolar da época, pois teve como cenário de origem a Inglaterra, da década de 1950. Esse período após o término da Segunda Guerra Mundial viu o surgimento de novos gêneros como o de terror e suspense se apropriando das HQs com certas temáticas de gosto duvidoso e representações realistas, o que agradou o público infantil e juvenil e desagradou a

sociedade, principalmente a norte-americana, que estava "preocupada com sua enorme influência sobre os leitores infantis" (VERGUEIRO, 2008b, p. 11).

Os conflitos não pararam no período de pós-guerra, pois logo houve o início da chamada Guerra Fria, que foi o bastante para que um clima de desconfiança se instalasse em relação ao conteúdo dos quadrinhos. O psiquiatra alemão que estava radicalizado nos EUA, Fredric Wertham, foi contra a leitura das HQs, principalmente as de suspense e terror, pois segundo sua experiência psiquiátrica era maléfica aos leitores baseado nos atendimentos que fazia de jovens problemáticos e com isso, relatava em seus discursos os aspectos negativos desse novo recurso adaptativo, explicando às crianças e jovens em suas palestras as variadas anomalias que poderiam deturpar o comportamento desses leitores. Com tais colocações e pedidos também, por parte de associações de pais, mães e bibliotecários, a *Comics Magazine Association of America* elaborou um código ético para reger as publicações das histórias em quadrinhos. Com isso, as publicações tornaram-se "pífias e sem grandes pretensões criativas, que realmente pouco contribuíram para o aprimoramento intelectual de seus leitores (VERGUEIRO, 2008b, p. 11). Essas críticas também eclodiram em diversos países ainda que não tão severas, como Itália, Alemanha, Japão (com o *mangá*) dentre outros, até chegar ao Brasil, onde os editores, preocupados, "elaboraram um código próprio e aplicaram às revistas um selo semelhante" ao imposto pelos americanos (VERGUEIRO, 2008b, p. 13-14).

Com isso, as camadas da sociedade ditas "pensantes" estigmatizaram esse novo gênero, porque para eles esse tipo de leitura distanciava as crianças de "objetos mais nobres" impossibilitando o acesso ao "mundo dos livros" e ao estudo de "assuntos sérios", pois as HQs poderiam causar prejuízos no rendimento escolar, inibindo o raciocínio lógico, desencadeando "dificuldades para a apreensão de idéias abstrata e o mergulho em um ambiente imaginário prejudicial ao relacionamento social e afetivo de seus leitores" (VERGUEIRO, 2008b, p. 16).

A percepção de que as HQs nos dias atuais serviriam de fios condutores para uma aprendizagem significativa não tinha sido percebida. Desde meados de 1940, os autores e editores das primeiras revistas de quadrinhos publicadas de cunho educativo, nos Estados Unidos, como: *True Comics, Real Life Comics* e *Real Fact Comics*, já articulavam em seus enredos "personagens famosos da história, figuras literárias e eventos históricos", demonstrando a utilidade desse novo gênero, que traz condições de mobilizar o leitor e o levar ao enriquecimento cultural, linguístico e social. (VERGUEIRO, 2008b, p. 18-19). O governo de Mao Tse-Tung (partido comunista) percebeu os benefícios pedagógicos, e as HQs

passaram a fazer parte das campanhas educativas na China, com o intuito de dar exemplo aos seus leitores (VERGUEIRO, 2008b, p. 18).

Na época, as histórias em quadrinhos difamadas por inúmeras pessoas quase foram "responsáveis por todos os males do mundo, inimigas do ensino e do aprendizado, corruptoras das inocentes mentes de seus indefesos leitores" (VERGUEIRO, 2008b, p. 16). Entretanto, com as pesquisas voltadas ao desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais, no início dos anos de 1980, começou-se a repensar a relevância da prática da leitura dentro da sociedade. Esse novo olhar fez com que "meios de comunicação passassem a ser encarados de maneira menos apocalíptica, procurando-se analisá-los em sua especificidade e compreender melhor o seu impacto na sociedade" (VERGUEIRO, 2008b, p. 17). Nesta nova perspectiva, as HQs começaram a conquistar seu espaço perante a sociedade, principalmente como narrativa profícua na construção do conhecimento e amadurecimento dos jovens leitores favorecendo sua presença no âmbito escolar, sendo utilizadas com diversificadas práticas pedagógicas.

No artigo *Uso das HQs no Ensino,* Vergueiro (2008) apresenta o que os pais e professores pensavam a respeito das HQs e de seu uso no cotidiano: "desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das HQs", por entenderem que essa nova forma de leitura poderia desviar as crianças e jovens leitores das "leituras profundas", impossibilitando o amadurecimento intelectual dos leitores e assim, proporcionando o afastamento deles das obras originais. Contudo, com o passar do tempo, essas discordâncias foram se esclarecendo, atenuando-se para a empregabilidade das HQs, também, em sala de aula.

Segundo Vergueiro (2008b, p. 20), a aceitabilidade e a inclusão das HQs nos materiais didáticos ocorreram timidamente. A princípio, foram inseridas como recurso ilustrativo de conceitos ou características específicas das matérias estudadas, o que antigamente era explicado por meio do texto escrito. As HQs apresentavam-se de forma restrita nas folhas dos livros didáticos, porque poderiam ser um obstáculo para o uso do material. Entretanto, com os resultados positivos de sua a utilização, sua presença tornou-se recurso frequente na composição dos materiais didáticos.

Esse quadro em pleno século XXI, se apresenta revertido no que diz respeito à aceitação das histórias em quadrinhos, pois Quella-Guyot (1990, p. 7) observa que "essa produção abundante dirige-se aos mais jovens e aos mais adultos por meio de séries bastante diferenciadas em termos de concepção e de tratamento".

Campos e Lomboglia (1984) salientam que as histórias em quadrinhos conquistaram um espaço significativo nos meios de comunicação de massa, devido à sua ação perante o universo infantil, já que o contato com esse gênero mescla "entretenimento, jogo, fantasia, uma forma ativa de passar o tempo (e, para isso, não há limite de idades). Mas, além desta função distrativa, podem e devem informar, formar, enfim, educar" (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1984, p. 17). Os pontos ressaltados pelas pesquisadoras enfatizam o trabalho lúdico e pedagógico iniciado por Lobato desde as suas primeiras adaptações, gerando uma concordância de preocupações tanto entre textos como entre o gênero utilizado.

Os paradigmas negativos que geraram toda a discussão sobre os possíveis efeitos degenerativos das histórias em quadrinhos não ocupam mais espaço no cenário atual, já na primeira década do século XXI, devido à boa aceitação das histórias em quadrinhos entre "os mais jovens e aos mais adultos por meio de séries bastante diferenciadas em termos de concepção e de tratamento" (QUELLA-GUYOT, 1990, p. 7).

Agora, tratando da circulação das histórias em quadrinhos no Brasil, pelo que se tem conhecimento, de acordo com o artigo "HQ no Brasil: sua História e luta pelo mercado", de Lchtermacher e Miguel (1984), a primeira revista foi *O Tico-Tico*, em 1905, planejada pela editora O Malho, que estava a par do sucesso alcançado pelas publicações desse gênero na Europa e também da sua presença nos jornais dominicais nos Estados Unidos. Lchtermacher e Miguel (1984, p. 44) relatam que "estas histórias, eram, então, simplesmente decalcadas por artistas nacionais e transmitidas para o público brasileiro sem qualquer alteração no enredo". Era um trabalho que não tinha tantas preocupações com as qualidades dos desenhos e sequências quadrinhísticas, apenas copiavam os quadrinhos "chegando mesmo a eliminar alguns deles por conta própria" (LCHTERMACHER; MIGUEL, 1984, p. 44).

As personagens que compuseram essa primeira publicação eram os heróis Buster Brown e seu cachorro Tige, criações de Richard Outcault e que, na versão brasileira, foram batizados de Chiquinho e Jagunço. Havia a presença de personagens criados por desenhistas nacionais como o Zé Macaco e Faustina, de Alfredo Storni, além de Réco-Réco, Bolão e Azeitona, criados por Luiz Sá. Contudo, é interessante mencionar que o protagonista, Chiquinho, não trazia consigo as características de um menino brasileiro, mas sim todos os traços americanos (LCHTERMACHER; MIGUEL, 1984). Ou seja, não havia preocupação com a valorização dos aspectos culturais, sociais e linguísticos, embora o pensamento dessa editora fosse destinar as publicações às crianças brasileiras.

Gradativamente, as histórias em quadrinhos foram sendo inseridas entre os leitores em adaptações das publicações de outros países. Em 1929, o *Gato Félix*, de Pat

Sullivan, foi publicado no primeiro número da *Gazeta infantil* ou *Gazetinha*, esta também publicou títulos como *O Sonho de Carlinhos* (*Little Nemo in Slumberland*), de Windsor Macay, reconhecido por seus desenhos, e ainda *As aventuras do Fantasma*, de Lee Falk (LCHTERMACHER; MIGUEL, 1984).

Em 1930, o lançamento do *Suplemento Juvenil*, idealizado por Adolfo Aizen, marca um grande avanço para a presença das histórias em quadrinhos no cenário nacional, trazendo para a cena famosos heróis como Flash Gordon, Jin das Selvas, Tarzan, Mandrake, dentre outros, que foram distribuídos até 1939 pela King Features Syndicate. Após o cancelamento do contrato com Aizen, os heróis passam a ter nova publicação em *O Globo Juvenil* (LCHTERMACHER; MIGUEL, 1984).

Na década de 1940, inaugura-se a produção de revistas de HQs entrelaçando texto e desenhos de artista brasileiros, porém ainda com traços estilísticos e sociais importados, como a escolha de nomes estrangeiros para as personagens e hábitos e rotinas não compatíveis com os nossos. Entretanto, uma inovação surge em meados dessa década, as Edições Maravilhosas, da Editora EBAL, "que quadrinizava obras literárias brasileiras" (LCHTERMACHER; MIGUEL, 1984, p. 46). Esse primeiro manifesto da inserção dos aspectos nacionais quadrinizados também continuaram nos anos de 1950 com a introdução de personagens do rádio, da televisão e do cinema inclusos nas HQs.

> Passava-se a ver nas bancas revistas com caras conhecidas quadrinizadas e que tiveram boa aceitação, principalmente pela penetração dos meios de comunicação de onde foram tiradas. Neste caso estão Grande Otelo e Oscarito, Mazzaropi e outros. Mas a maior parte da produção nacional de quadrinhos continuava a seguir modelos americanos com super-heróis, detetives de seres espaciais. (LCHTERMACHER; MIGUEL, 1984, 46-47).

Muitas iniciativas foram lançadas no decorrer dos anos de 1950, surgindo nessa época produções de HQs de mestres do desenho nacional com o intuito de disponibilizar nas bancas de revistas e jornais, mais heróis brasileiros, como: Sérgio do Amazonas, de Jaime Cortez, O Anjo, de Flávio Colin, e Raiumundo, o Cangaceiro, de José Lancelotti. Foi um período de intensa produtividade, entretanto, a presença dos produtos importados predominou deixando a produção quadrinhística nacional em segundo plano (LUYTEN, 1984).

Importantes acontecimentos no cenário artístico, em que a música popular brasileira da Bossa Nova e de João Gilberto ganhava espaço nos meios de comunicação da época, valorizam o clima de nacionalismo. Isso implica a integração de modelos tipicamente brasileiros para serem incutidos em todos os movimentos culturais da época, e assim, nasce *O*

Pererê, de Ziraldo, um dos marcos da produção de quadrinhos, que traz à cena uma das figuras mais ilustrativas do folclore nacional: o Saci. Em outubro de 1960, é lançado *O Pererê*, que:

> [...] teve a capacidade de aglutinar toda uma ambiência brasileira, a "Mata do Fundão" e as propostas temáticas inspiradas em nossos costumes e superstições. Os próprios personagens são muito típicos: Saci Pererê – símbolo folclórico brasileiro, Tininim – o índio, Galileu – a onça pintada, e o Compadre Tonico – o caipira do interior do Brasil. Todos reunidos num bom desenho, uso eficiente de técnica de quadrinização e um conteúdo compatível com a realidade brasileira. (LUYTEN, 1984, p. 76).

Também na década de 1960, Henfil produz *Os Fradinhos*, que é reconhecido como o "marco da crítica social através dos quadrinhos" (LCHTERMACHER; MIGUEL, 198, p. 47). Além dessas produções, houve um gênero que se instalou no Brasil e que permeou as HQs, o terror. Só no Brasil, em 1963, havia 37 revistas circulando com esse gênero. Este fato se deve à influência das revistas publicadas nos Estados Unidos e traduzidas para o público leitor brasileiro. E não parou por aí, "o terror foi-se adaptando ao clima tropical e os ambientes sobrenatural e fantástico foram de cheio ao gosto brasileiro" (LUYTEN, 1984, p. 77). Dos títulos que circulavam na época, são relembrados *O Estranho Mundo do Zé do Caixão, Histórias Caipiras de Assombração, Histórias que o Povo Conta, Sexta-feira 13*. Entretanto, a censura que predominou a partir de 1972 tirou de circulação várias revistas desse tipo, já que algumas delas mesclavam atos pornográficos em seus quadrinhos, o que contribuiu para a inibição da circulação e aceitação das HQs pela maioria da sociedade (LUYTEN, 1984, p. 77).

Em 1970, com muito esforço, após vários anos publicando seus quadrinhos nas seções de tirinhas de jornais, o mercado editorial abria as portas para Maurício de Souza, que aproveitou a oportunidade e inseriu suas personagens famosas Mônica, Cebolinha, Cascão, Chico Bento (conhecidos como a Turma da Mônica) e Pelezinho, que perduram até hoje nas revistas e bancas de jornal, sendo até migrados para a adaptação televisiva em 1982.

Com grande aceitação a partir de então, devido ao fácil acesso dos estudantes e jovens leitores em geral, e com a linguagem "desliteraturalizada" que se aproxima da oralidade, as HQs conquistam os leitores, que são convidados pelo que encontram no enredo, tanto icônico quanto textual, a apreciarem as histórias redesenhadas aos quadrinhos. Isso propicia o desenvolvimento cognitivo dos leitores, por participarem ativamente da narrativa composta de dois códigos distintos e interdiscursivos: o visual (icônica) e o verbal (escrita e oralidade). Estes elementos ocupam um papel especial para que a história seja entendida em sua plenitude pelo leitor, levando-o ao ato interpretativo, de análise e reflexão. Por isso, as

HQs foram incorporadas no cotidiano escolar, por estarem vinculadas ao trabalho interdisciplinar que rege a educação atual, porque embora o currículo seja composto por matérias específicas, a ação pedagógica molda seus espaços e as intera num contexto único. O fio condutor para a ênfase dessa proposta emancipadora é a leitura que gera conhecimentos para todos os campos do saber. A leitura pode ser diversificada na medida em que utilizam-se os recursos textuais ou adaptativos, como as HQs, músicas, poesias, dentre outras.

Pensando nesta perspectiva, desde meados dos anos de 1990, as HQs foram incorporadas nos livros didáticos com o intuito de inserir novos gêneros textuais nas páginas dos livros para assim atrair e cativar os estudantes, possibilitando um recurso a mais para sua efetiva aprendizagem. Desse período em diante, sua presença é essencial nos materiais didáticos, mesmo estando na era cibernética desta primeira década do século XXI. E esses aspectos educacionais que estão incorporados nas leituras das histórias em quadrinhos, bem como nas orientações que as regem e que exigem sua presença no material didático dos estudantes, serão discutidos no capítulo a seguir.

4.2 HQ NA SALA DE AULA

No Brasil, a presença das histórias em quadrinhos, também conhecidas como a nona arte, por nascer "sob a ótica intermidiática, sendo uma mescla de várias monoartes que geram uma multiarte" (PESSOA, 2008, p. 2), ganhou espaço garantido no currículo escolar por meio do incentivo ao uso dos variados gêneros textuais existentes que possibilitam a aprendizagem efetiva dos alunos. As duas instâncias que regulam a utilização das HQs no ensino nacional são: a LDB (Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 9394/96) e os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998). Comparada com a existência desse gênero, sua introdução na sala de aula foi lenta, sendo utilizadas apenas como ilustração de alguns textos ou para auxiliar algum conteúdo que necessitasse ser recondicionado à ação pictórica e, assim, aceitação legal é recente, mas seu uso nos dias de hoje permeia as páginas dos livros didáticos de quase todas as disciplinas específicas estudadas.

Nepomuceno (2005), embora seja da área da linguística, analisou como *corpus* de sua pesquisa 150 HQs, sempre embasada nos fundamentos bakthinianos e contribui neste por

relatar que os acontecimentos que se passam nos enredos dos quadrinhos podem ser do mundo real ou não, ainda podem vir entrelaçados entre si, com o intuito de levar o leitor a determinada interpretação coerente:

> É importante ressaltar que o texto constituído por duas semióticas – linguagem verbal e visual – apela não apenas para a concepção da abordagem cognitiva da linguagem, mas também para um processamento mais amplo. O interlocutor precisa acessar outros conhecimentos que a língua apenas não consegue abarcar, aqueles representados pela linguagem pictórica. A orientação parte da superestrutura, quase sempre aparece no primeiro quadro, atuando cooperativamente para que isso aconteça, ou seja, é pelo traço que nos orientamos em direção aos acontecimentos da narrativa. (NEPOMUCEMO, 2005, p. 66).

Dessa forma, reconhecendo o valor da intertextualidade que as HQs possuem nas últimas décadas, as imagens vem constantemente sendo usadas para estudo dos conteúdos, independentemente da disciplina, porque, de acordo com os PCN (1998), a escola deve proporcionar ao aluno o acesso ao "universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar [...]" (BRASIL, 1998, p. 26).

Os estudantes necessitam ter acesso às temáticas abordadas nos textos, mas principalmente ter contato com os mais variados gêneros textuais que os estimulem ao ato da leitura e ao entendimento do assunto, pois desse modo seu desenvolvimento intelectual gerará frutos profícuos para análises, interpretações e reflexões acerca do que leem. Assim, o contato com outros gêneros discursivos (orais e escritos) semeia conhecimentos que estarão sendo complementados no cotidiano vivido pelos estudantes tanto no campo pessoal (afetivo) quanto profissional.

Neste sentido, a leitura das histórias em quadrinhos é de suma relevância para o desenvolvimento do imaginário infantil e do cognitivo das crianças e adolescentes, pois traz em sua essência um tratamento interdisciplinar que enquadra variadas temáticas, situações, tratamentos sociais, culturais e registros linguísticos. Esse material deve ser apresentado aos estudantes para terem o prazer de conhecer essa nova versão de alguns enredos literários enquadrados nas perspectivas quadrinhísticas e não apenas descritas nas linhas e entrelinhas dos livros de ficção. Talvez, tais aspectos não são entendidos numa primeira leitura por todos os alunos, e é neste momento que o apoio pedagógico, na busca pela prática de leitura em sala de aula, deve ser planejado com coerência e atuar de forma que leve o estudante a refletir sobre essas considerações. Já que irão ajudá-las no entendimento de inúmeros assuntos como os das disciplinas específicas que estudam e irão compreender que elas não se encontram

isoladas em seu campo de estudo, mas sim abertas às junções conceptivas de outras matérias para assim agregar ainda mais conhecimento:

> Desse modo, explicita-se que as disciplinas escolares não são herméticas, fechadas em si, mas, a partir de suas especialidades, chamam umas às outras e, em conjunto, ampliam a abordagem dos conteúdos de modo que se busque, cada vez mais, a totalidade, numa prática pedagógica que leve em conta as dimensões científica, filosófica e artística do conhecimento. (DIRETRIZES CURRÍCULARES NACIONAIS, 2008, p. 27).

Os pontos da leitura das histórias em quadrinhos são apontados no artigo de Vergueiro (2008b, p. 21-25) publicado no livro *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula*, de Barbosa. Nesse artigo há o porquê da relevância desse gênero ser trabalhado em todas as disciplinas do currículo escolar (Artes, História, Geografia, Português). Afinal, ele apresentam contribuições visíveis para o desenvolvimento cognitivo, interpretativo e reflexivo dos leitores em formação (infantis e juvenis). O autor faz alusão aos elementos visuais e linguísticos que compõem as HQs, que contribui para que se obtenha a prática da leitura dentro e fora da sala de aula. Os tópicos mencionados por Vergueiro (2008b, p. 27-29) devem ser destacados aqui de forma sintetizada (parafraseada) para reforçar a relevância de estilo narrativo que une a imagem e a escrita.

- **Os estudantes querem ler os quadrinhos** – a narrativa em quadrinhos desencadeia o apreço, a curiosidade, a motivação entre estudantes para aprender conteúdos em sala de aula, além de despertarem o senso crítico e possibilitar a leitura de certos ícones da *cultura de massa* com quem os jovens leitores se identifiquem.
- **Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente** – o entrelaçamento da ação dos signos linguísticos e dos elementos icônicos contribui de forma efetiva para o desenvolvimento da aprendizagem, dando suporte para que as lacunas deixadas por um ou por outro meio, no ato da leitura, sejam completadas (supridas).
- **Existe um alto nível de informação nos quadrinhos** – as revistas de histórias em quadrinhos comportam variadas temáticas, transitando por várias áreas de conhecimento, assim teoria e prática podem ser aplicadas nessa instância narrativa.
- **As possibilidades de comunicação são enriquecedoras pela familiaridade com as histórias em quadrinhos** – como a linguagem quadrinhística utiliza-se de variados recursos, como os balões, as

onomatopéias, diversos planos delineados pelos desenhistas, os jovens leitores têm acesso a uma gama de opções comunicativas que pode ser usada em seus relacionamentos familiares e coletivo.

- **Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura** – o contato com as histórias em quadrinhos beneficia os leitores com a descoberta de novos suportes para leituras, como outras revistas, jornais, livros, dando subsídios para que os estudantes consigam maior concentração nas leituras que realizam para agregar conhecimentos gerais e em especial nas matérias estudas.
- **Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes** – devido à linguagem acessível, a ampliação do vocabulário dos estudantes é notória com as leituras das histórias em quadrinhos, porque abordam variadas temáticas em seu enredo.[11]
- **O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar** – a leitura em quadrinhos convida o leitor ao exercício crítico, de exercitar seu pensamento no decorrer da leitura para complementar o que a imagem icônica não revela, desenvolvendo dessa forma o pensamento lógico.
- **Os quadrinhos têm um caráter globalizador** por meio da circulação no mundo inteiro das revistas em quadrinhos, os temas utilizados e a mensagem central que são abordados nessas publicações tem perfeitas condições de serem compreendidas por qualquer estudante, não tendo a "necessidade de um conhecimento anterior específico ou familiaridade com o tema, seja ela devida a antecedentes culturais, étnicos, lingüísticos ou sociais" (VERGUEIRO, 2008b, p. 24). Pelo seu caráter globalizador, as HQs possibilitam um trabalho interdisciplinar e conta com o desenvolvimento das habilidades interpretativas dos campos visuais e verbais.
- **Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar com qualquer tema** – com a diversidade de publicações das HQs (títulos,

[11] Quando se realiza uma adaptação de um enredo em prosa para as HQs há uma síntese da narrativa ocultando determinados vocábulos para que seja possível a adaptação quadrinhística. Pensando por esse viés, podemos questionar como o leitor terá enriquecimento vocabular já que, como afirma Vergueiro (2008b, p. 24), a narrativa é reelaborada com uma linguagem mais acessível, como veremos, na prática, no grupo de análise.

> temas e histórias), vários materiais podem ser analisados e trabalhados em sala de aula independentemente do ano em que se encontram as crianças e sua faixa etária, e do assunto que será ensinado aos alunos, já que as HQs contemplam inúmeras temáticas.

Todos os percalços encontrados para a produção, circulação e aceitação das histórias em quadrinhos, vistos no breve relato histórico apresentado no capítulo anterior, serviram para amadurecer o gênero, dando sustentabilidade para que fossem ganhando um legado de leitores infantis e juvenis. Ainda, despertaram nos adultos a percepção de que elas devem ser aproveitadas no ambiente escolar porque podem servir de apoio às práticas pedagógicas de modo a desenvolver nos alunos o hábito da leitura, já que contemplam a interdisciplinaridade visual, textual (linguística) e temática.

Para Soares (1984, p. 67), há três estratégias utilizadas nos desenhos quadrinizados nas publicações populares: primeiro, contam com a **ilustração do texto** (narrativo, dissertativo, versificado). A presença da escrita forma o conteúdo básico do ato comunicativo, e, "o desenho torna-se secundário e substituível, tendo a função de embelezar a página ou chamar atenção do leitor para algum detalhe, ou mesmo para o essencial do discurso" (SOARES, 1984, p. 67-68). Segundo, **articulação da mensagem**, nesta instância o desenho age como o organizador da história retratada pelos desenhos, sendo o responsável pela "compreensão do comunicado, ao lado da explicitação verbal, faz-se uso do balão e do 'recordatório' (textos dentro do quadro ou entre os quadros, esclarecendo, acrescentando informações, apresentando conclusões)" (SOARES, 1984, p. 68). E, por fim, "**tradução semiótica da mensagem para a linguagem própria das HQs**, levando em conta a *personagem*, o *enredo* e a *ação"* (SOARES, 1984, p. 69).

As histórias em quadrinhos logo migraram para o ambiente escolar, por se tratar de um gênero que coopera para o estímulo da leitura desde a sua composição quadrinhística unindo o verbal (escrita) e o visual (elementos icônicos), fato que atrai os jovens leitores, tecendo a proximidade dos estudantes com a prática da leitura. Com isso, desenvolvem, além do cognitivo infantil e juvenil, o abrir caminhos para serem realizadas leituras mais complexas. E com o tempo, as HQs foram aceitas e requisitadas no material didático distribuídos aos estudantes.

Houve, então, a apropriação desse gênero, que hoje se encontra em uso frequente, dentro da escola, nos vestibulares e provas nacionais como o ENEM (Exame Nacional do

Ensino Médio).[12] As HQs também continuam circulando fora do ambiente educacional, com os modismos que se articulam na sociedade de forma sistematizada. Cita-se a divulgação dos *mangás,* que nada mais é do que a própria história em quadrinhos revestida nos moldes orientais, herdando todo o estilo dos japoneses, tanto os traços físicos das personagens, seus costumes quanto a ordem de leitura que é a inversa ocidental, a leitura ocorre da direita para a esquerda, diferenciando-se das HQs que circulam no país. Maurício de Souza, em 2008, utiliza essa alternativa adaptativa e lança sua *Turma da Mônica Jovem,* moldando-a a essa linguagem quadrinhística japonesa, o que popularizou essa vertente dos quadrinhos entre os atuais jovens leitores brasileiros. Assim, a presença das HQs torna-se um instrumento que abre caminhos para a formação de leitores que hoje leem as adaptações em quadrinhos, futuramente servirá de suporte para que os jovens leitores se aventurarem pelos enredos originais dos cânones literários nacionais, como Machado de Assis, e universais, como Shakespeare, até mesmo se não o original de Cervantes, mas sua tradução realizada pelo Visconde de Castilho e Visconde de Azevedo.

Dessa forma, há um elo significativo no uso das HQs no que diz respeito ao incentivo da formação de jovens leitores, pois é um gênero que está permeando o mercado editorial (com preços razoáveis, de fácil acesso) e que tem forte influência no contexto social. Por isso, devem sempre ser consideradas em sala de aula e usadas das mais variadas práticas educativas possíveis, porque elas proporcionam um arsenal didático. Vergueiro (2008) apresenta sugestões didáticas às várias disciplinas para oportunizar o contato com a leitura literária, já que as HQs são tão relevantes no desenvolvimento das habilidades intelectuais dos estudantes. Assim, no próximo capítulo, será analisada a adaptação em quadrinhos de *Dom Quixote das crianças* realizada por André Simas, desde sua composição enquanto gênero quadrinhístico às modificações sofridas no enredo original lobatiano para se enquadrar nesse gênero que se propaga a cada dia entre crianças/jovens leitores.

[12] É considerado uma autoavaliação por parte do estudante e deve ser realizado ao término do Ensino Médio, além disso, se o aluno obteve bom desempenho nesta avaliação pode solicitar uma bolsa de estudo em faculdade privada oferecida pelo PROUNI, que é o Programa Universidade para todos).

4.3 A ADAPTAÇÃO DE *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* PARA AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Para aguçar o gosto pela leitura literária que é uma prática essencial para a formação dos indivíduos críticos e atuantes na sociedade, o seu incentivo deve partir desde a infância, já que está entrelaçada com o "lazer e o prazer", atuando como elemento benéfico para a "aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação" (SOARES, 2004, p. 18). Pensando por esse viés e no mercado editorial para as crianças que convive nesta era midiática, a editora Globo lançou a adaptação que André Simas (2009) elaborou o livro *Dom Quixote das Crianças*, de Monteiro Lobato, agora (re)adaptado em forma de histórias em quadrinhos, tendo em vista a linguagem híbrida (icônica e verbal) que a constitui, desencadeando uma aceitação entre os leitores, tornando-se uma facilitadora para a recepção leitora.

Entende-se que a reestruturação do texto para esse gênero quadrinhístico é complexa porque há uma reconfiguração do enredo original visando adequá-lo ao formato das HQs. Além disso, "as histórias em quadrinhos não são fáceis nem miraculosas. A arte da narrativa não se torna da noite para o dia didática" (QUELLA-GUYOT, 1990, p. 43). Mesmo fazendo uso do livro de Lobato adaptado, há inúmeras modificações necessárias para atrair os jovens leitores de hoje para que se desperte neles a vontade de fazer a leitura de um livro cujo título leva o nome de um cavaleiro andante, como Dom Quixote, porque está desacordado com o contexto das crianças desse século. Com isso, como é imprescindível ter conhecimento e entendimento do universo infantil para escrever às crianças, a adaptação (re)adaptada para HQs deve ser reconstruída cuidadosamente atendendo todas as necessidades estéticas, desde preocupações quanto à forma, ilustração, ao conteúdo em si, para chamar a atenção do leitor sem perder o tom clássico e ao mesmo tempo cômico, principalmente ao recontar a adaptação lobatiana com a presença das personagens do Sítio.

As aventuras são vividas pela turma do Sítio do Picapau Amarelo, continuando a serem contadas por Dona Benta em seus serões com direito até a pipocas. As aventuras foram sintetizadas, reformulando o enredo, e contam com as personagens do Sítio para contracenarem com a cavalaria andante. O protagonista Dom Quixote é interpretado pelo Visconde, já que o cavaleiro andante gostava tanto de ler, nada mais justo que deixar o inteligentíssimo sabugo de milho ocupar esse papel. Além do mais, o coitado foi esmagado já

no início da história ao ajudar Emília a tirar o clássico literário da última prateira da biblioteca de Dona Benta e, se não fosse à alavanca que ele trouxe até Emília para conseguir mexer o livro do lugar, a turminha não teria conhecido essa história. Sancho Pança, o fiel escudeiro de Dom Quixote, é o Marquês de Rabicó, porque ambos eram bem gulosos, ingênuos para umas coisas e bem espertos para outras. O cura é o Quindim; o feiticeiro Freston, é o Saci; Narizinho é a sobrinha, Tia Nastácia é a criada e Pedrinho, que é o neto de Dona Benta, também participou dessa troca de personagens, sendo o Sansão Carrasco, um jovem simpático e estudioso, que tenta sempre trazer o cavaleiro da Triste Figura à realidade, conseguindo o feito depois de duas tentativas: a primeira se disfarça de Cavaleiro dos Espelhos e a segunda, de Cavaleiro da Branca Lua, e nesta última consegue.

Visto dessa forma, há constantemente um jogo intertextual permeando não só o enredo já adaptado por Lobato, mas o todo que compõe a edição em HQs. Lobato na escrita de suas histórias tanto originais quanto adaptadas, tinha como base conduzir o contato com a leitura literária de tal forma que as crianças tivessem em seu imaginário a vontade de morar no ambiente ficcional descrito, nesse caso no Sítio, e ainda mais participar das aventuras que havia nesse outro mundo mágico, cheio de aventuras fantásticas metaforicamente, planejado para recebê-los, assim como se tem uma pequena parcela em *Peter Pan* e sua Terra do Nunca. Para Huizinga (1996), há um jogo intrínseco que cerca a interação humana:

> As grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde início, inteiramente marcadas pelo jogo[13]. Como por exemplo, no caso da linguagem, esse primeiro e supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e comandar. É a linguagem que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constatá-las, em resumo, designá-las e com essa designação elevá-las ao domínio do espírito. Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza. (HUIZINGA, 1996, p. 7).

Tem-se esse jogo presente por meio da intervenção lúdica, educativa e interativa tanto na ação adaptadora de Lobato, que faz uso de sua porta voz Dona Benta para contar às crianças do sítio e de sua época, em 1936, as peripécias do cavaleiro andante, quando lê o clássico espanhol de Cervantes e o reconstrói contando a seu jeito os fatos que considerava interessante para as crianças, em 2009,[14] quando pela primeira vez foi lançado no mercado

[13] Grifo da autora, por ser um ato intrínseco que permeia todas as obras aqui mencionadas.
[14] Os títulos em quadrinhos que estão no mercado são: *Minotauro* e *As Aventuras de Hans Staden* e *Dom Quixote das crianças.* A Editora Globo publicou esta edição quadrinhística em 2007, em comemoração ao 125º

editorial como Monteiro Lobato em quadrinhos: *Dom Quixote das crianças*. Uma edição que recria essa adaptação para se enquadrar aos moldes das HQs e para encantar o público leitor desta geração por meio dos desenhos que apresentam de forma direta as cenas que no texto de Lobato tinham que ser imaginadas pelo leitor, como as imagens, as cores que as compõem, o cenário, dentre outros recursos que colocam em cena os acontecimentos concretizados, o que "no livro novecentista, era pura provocação ao leitor" (PINA, 2008, p. 137).

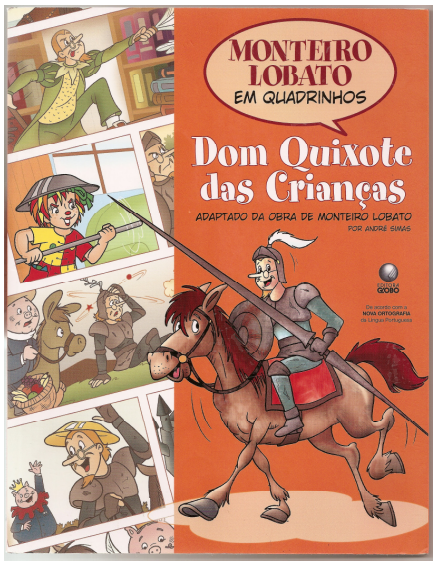


Figura 2 – Capa do livro *Dom Quixote das crianças*, em quadrinhos (2009).

Fonte: SIMAS, André. **Dom Quixote das crianças** (adaptação). 2. ed. São Paulo: Globo, 2009. (Monteiro Lobato em quadrinhos).

Essa inovação na edição de *Dom Quixote das crianças*, por meio das HQs, como é de praxe a esse gênero, traz em sua composição recursos visuais e estilísticos que atraem o leitor e embelezam ainda mais a obra. No primeiro contato visual com o livro já se percebe a diferença. A cor da capa continua alaranjada, mas sua diagramação está totalmente reformulada: com letras maiores e já contando com um balão no canto direito superior levando o nome do escritor em destaque; abaixo, a letra diferenciada, chamativa e atrativa dá ênfase ao título do livro em que Dom Quixote (já interpretado pelo Visconde) com lança, escudo e o elmo de Mambrino, encontra-se ilustrado mais abaixo. Do lado esquerdo há recortes das passagens aventurescas de Dom Quixote em histórias em quadrinhos. De cima para baixo tem-se o quadrinho do fidalgo em sua biblioteca, já treinando algumas táticas da cavalaria; no segundo quadrinho, Emília incorpora Dom Quixote com os apetrechos do

aniversário de nascimento do escritor Monteiro Lobato. Entretanto, nesta pesquisa, usar-se-á para análise a 2ª edição, lançada em 2009, por estar de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa.

cavaleiro andante em seu ato de loucura; no terceiro, Dom Quixote aparece meio tonto, caído no chão depois de enfrentar os grandes gigantes (na verdade, moinhos de vento. Por fim, no último quadrinho da capa, destaca-se o momento em que Sancho Pança assume a ilha a pedido do duque e da duquesa e, com isso, Dom Quixote como não tem parada, parte atrás de novas aventuras.

Neste primeiro contato com livro, desde a capa à contracapa, há o convite à leitura do livro com Emília sentada, sorridente, mostrando ao leitor que estiver interessado e àquele que não as aventuras que estão perdendo por não o terem aberto para leitura ainda. Observam-se muitos aspectos relevantes que, de imediato, cativam o leitor e, ao abri-lo, há uma surpresa: quem faz as apresentações iniciais é a boneca de pano, Emília, incorporando literalmente Dom Quixote, com vassoura na mão direita representando a espada e algo como um prato ou tampa de panela na outra mão como escudo, além de uma travessa funda e de aço na cabeça imitando o elmo de Mambrino usado por Dom Quixote. É dessa forma que ela aparece no enredo quando toma para si as loucuras de Dom Quixote e enlouquece também, carregando para junto dela tanto Rabicó como Rocinante.

Sua figura fica exposta no lado direito do texto introdutório, e este leva o título de "Aventuras Quixotescas". Para Pina (2008, p. 137), "sua imagem desvia o olhar da criança do texto, esvaziando, um pouco, a importância da palavra impressa. Mas, como toda moeda tem duas faces, esse desvio pode ser já uma isca para prender a atenção do leitor". Ou melhor, é deste elo de intertextualidade (imagem, palavra e conteúdo) que ela convida o leitor à leitura da história, sabendo que haverá muito que apreciar e se aventurar por meio da presença da boneca de pano, porque quem conhece a obra lobatiana sabe que ela adora se meter em aventuras e convida a todos para adentrar nelas. Dessa forma, ela apresenta a história e convida o leitor a iniciar não apenas uma leitura, mas para se aventurar junto com ela.

A ação intertextual permeia toda a escrita de Emília, que inicia seu texto situando o leitor sobre as aventuras já vividas no Sítio, como a viagem ao céu e a visita no Reino das Águas Claras. Também cita algumas personagens que, "vira e mexe", estão nas histórias infantis, como Peter Pan, Chapeuzinho Vermelho e, claro, o que ela denomina como seu ídolo, o herói da história: Dom Quixote.

Emília continua suas colocações dizendo que a responsável pela apresentação entre ambos foi Dona Benta, com seu jeito todo especial de contar as histórias. Depois segue, contando que num dia desses ela encontrou o livro *Dom Quixote de La Mancha* na biblioteca da avó e confessa que foi aí que se meteu numa "baita de uma encrenca" (SIMAS, 2009, p. 3), mas, não conta que encrenca era essa, provocando o leitor a conferir por si mesmo pela leitura

o que havia acontecido. E ainda informa que essa história foi elaborada para oportunizar a todos o contato com o título que agora ganha faces quadrinhísticas oferecendo subsídios para que um grande público leitor tenha acesso a essa história, divulgando, assim, quem foi *Dom Quixote de La Mancha*, por quais aventuras ele passou e, consequentemente, o ato da leitura em si.

Tais aspectos estão acordados com o projeto inicial de Lobato, que consistia em escrever livros onde as "crianças pudessem morar", porque a leitura é uma abertura de caminhos, um avanço para a reflexão de variadas temáticas, um fornecimento de conhecimento intrínseco que aflora do contato com a escrita e com a imagem que pode ser de cunho imaginário ou idealizado, como nas HQs. O ensejo de Lobato de levar as crianças a praticar o ato de ler desencadeia a formação de indivíduos críticos e isso na sociedade de amanhã, fará a diferença não só em suas vidas, mas em benefício do progresso social e econômico.

Na primeira página da história em quadrinhos a cena retratada é da boneca de pano Emília subindo as escadas com a ajuda do Visconde para pegar um dos livros mais grossos da prateleira e que, por sinal, estava colocado tão alto que somente com uma escada iriam alcançar. Essa cena está estruturada para destacar as duas personagens e o livro de Cervantes. Entretanto, o jogo atrativo fica por conta das cores que os editores usam: nas prateleiras ao alcance das crianças (e em segundo plano) os livros de literatura infantil, os mais consagrados, possuem cores frias, como: marrom, bege, amarelo, cinza, azul celeste, verde oliva, além de todos serem escritos com letras em cores opacas, não chamativas.[15] Repare no poder da imagem, nos traços e nas cores ali predispostas, o alvo das personagens: última prateleira, deixando os demais livros esquecidos e com as frases sintetizadas.Todavias, neste momento isso não importa, porque todos os elementos pictóricos conseguem englobar as lacunas deixadas na fala exposta em balões, de característica própria das HQs por meio das particularidades da imagem: um trabalho intertextual e interativo.

Dentre todos os títulos descritos da literatura infantil de caráter universal não há menção de nenhum escrito pelo taubateano, a não ser *Urupês* que inicia a carreira de livros da última prateleira de Dom Quixote e que foi um dos mais lidos na literatura adulta de Lobato, o mesmo que está no patamar de Cervantes para enfatizar a relevância desse escritor brasileiro.

---

[15] A menção as cores também é destacada no artigo "A leitura de Monteiro Lobato na contemporaneidade: entre o livro e os quadrinhos", de Patrícia Kátia da Costa Pina (2008. p. 138).

Figura 3 – A biblioteca faz parte da primeira cena do livro em quadrinhos.

Fonte: SIMAS, André. **Dom Quixote das crianças** (adaptação). 2. ed. São Paulo: Globo, 2009, p. 5. (Monteiro Lobato em quadrinhos).

Mesmo alcançando o livro há um outro desafio: ele é grande e pesado demais para uma boneca de macela conseguir tirá-lo e ainda suportar o peso dele (SIMAS, 2009, p. 5). Então, Visconde traz uma alavanca e pronto, Emília consegue retirar o livro, mas não da forma desejada, porque o livro acaba despencando da prateleira não dando tempo de o sabugo de milho fugir, e ele é esmagado pela obra de Cervantes, como pode ser observado na figura ao lado (SIMAS, 2009, p. 5). Na adaptação de Lobato, o leitor trabalha com o plano da imaginação tendo ele próprio que montar a cena, pois a figura que o livro carrega nesta primeira página é apenas dos dois tomos originais. Na adaptação em quadrinhos, este episódio está prontinho para o leitor desfrutar da ambientação, das cores e das expressões das personagens, como quando o Visconde vira quase papel depois de ser achatado pelo livrão. O leitor pode observar isso quando Tia Nastácia o levanta e Emília corre a recolher o seu caldinho da ciência, que está representado aos leitores infantis como um líquido verdinho.

Quando Dona Benta chega, depara-se com o acontecido, pedindo satisfações à Emília, que joga a culpa no próprio Visconde, até mesmo na “arrumação” que deu nos dois “aa”. Por meio dos desenhos, os leitores veem as expressões de Pedrinho, de Narizinho e da própria Dona Benta que fica tão espantada que quase não acredita no que vê. Depois tudo se resolve, embora o Visconde ainda estivesse daquele jeito achatadinho, mas Pedrinho ia dar um jeito nisso no decorrer da história. Esclarecida a situação, a sequência narrativa em

quadrinhos segue sendo contada aos modos de Dona Benta, que como já foi dito integra os personagens que vivem no sítio a essa aventura.

A linguagem dos quadrinhos permite uma leitura que contribui para o desenvolvimento cognitivo das crianças, porque possibilita a decodificação das múltiplas mensagens contidas. Afinal constituem-se de sequências narrativas compostas por dois códigos distintos e interdiscursivos que interagem e se completam constantemente: o visual (icônica) e o verbal. Esses elementos ocupam um papel especial para que a história seja entendida em sua plenitude pelo leitor.

> Alguns elementos da mensagem são passados exclusivamente pelo texto, outros têm a linguagem pictórica a sua fonte de transmissão. A grande maioria das mensagens em quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos. Assim, a análise separada de cada um deles obedece a uma necessidade puramente didática, pois, dentro do ambiente das HQs, eles não podem ser pensados separadamente. (VERGUEIRO, 2008, p. 31).

Esta colocação é pertinente e proveitosa, porque realça a concepção e o poder da imagem que dialoga constantemente com o verbal e desencadeia a aproximação do leitor para com seu leitor. Radhe (2000) relata o pensamento de Huyghe (2000) a respeito da característica comunicativa que aflora do contato desse gênero com a sociedade de massa:

> É assim que as imagens estabelecem um diálogo, uma linguagem entre o criador e o receptor e, diz Huyghe, "na medida em que se atribui a missão de comunicar, o artista precisa se servir de alusões ao que os outros podem conhecer ou reconhecer" (1986, p. 24). Enquanto, a linguagem oral ou escrita busca a comunicação nas palavras ou nos dicionários, prossegue o autor, a fala da imagem vai buscar gráfica ou plasticamente para se comunicar. Nesta perspectiva, a linguagem das imagens certamente, terá como base a experiência visual da realidade uma alusão, uma lembrança, uma estrutura, que pode se criar a beleza harmônica e que a submete a uma função essencial, que é a de estabelecer comunicação entre os homens. (HUYGHE apud RAHDE, 2000, p. 30).

A força da imagem e o poder de repassar o todo com o código linguístico exposto em partes fica ressaltado nas palavras de Huyghe (2000). Quantos significantes e significados podem ser percebidos pelo leitor por meio nas páginas ilustradas? Como, por exemplo, o signo iconográfico das personagens como Emília, Visconde, Tia Nastácia, o signo analógico (a ação das personagens, principalmente de Emília), o significante (dentre outros, a queda da boneca) ocasionando o esmagamento do Visconde, que vem a ser o significado da ação da travessura da boneca, ou seja, o resultante da ação.

A linguagem icônica (visual) é o elemento básico das histórias em quadrinhos, que está representada por uma sequência de quadros que tem como função transmitir uma

"mensagem ao leitor, normalmente uma narrativa", seja ela ficcional, como no caso de *Dom Quixote das crianças,* ou real (como as biografias, reportagens, dentre outros) (VERGUEIRO, 2008a, p. 32). Mas, a linguagem não faz só isso. A linguagem recria, constrói e (re)constrói a realidade.

Nas HQs, a menor unidade é os quadrinhos ou as chamadas vinhetas, que aqui no Ocidente é "organizada no sentido da leitura do texto escrito, ou seja, do alto para baixo e da esquerda para direita. [...] Essa mesma ordem de leitura ocorrerá dentro de cada quadrinho, em relação à disposição dos personagens e suas respectivas falas" (VERGUEIRO, 2008a, p. 33), assim como está sendo representada na adaptação de Simas (2009, p. 6).

Figura 4 – A composição dos quadrinhos em *Dom Quixote das crianças.*

Fonte: SIMAS, André. **Dom Quixote das crianças** (adaptação). 2. ed. São Paulo: Globo, 2009. p. 6. (Monteiro Lobato em quadrinhos).

Além disso, nessa mesma passagem do enredo há questões relevantes que estão vinculadas à alfabetização da linguagem das HQs, características que compõe a maioria desse gênero e que ajudam a entendê-lo cada vez mais. Há, então, a linguagem icônica (pictórica, visual), com os **enquadramentos ou planos** como no primeiro quadrinho (página 6); há um **plano médio ou aproximado**, onde Emília é enfocada da cintura para cima, enfatizando a sua ação em retirar da estante o livro de Cervantes. No segundo quadrinho há o **plano americano** que retrata a personagem a partir da altura dos joelhos, monstrando que Emília estava mesmo em cima de uma escada e seu desequilíbrio desde quando retirou o livro da prateira da biblioteca de Dona Benta. No terceiro e quarto quadrinhos há a utilização de **figuras**

cinéticas, ideogramas e metáforas visuais,[16] representando o tombo de Emília e a queda do livro de Cervantes. O quinto quadrinho traz o **plano geral** da situação e do ambiente, um enquadramento bastante amplo envolvendo as personagens e todo o cenário. Ao analisar a página em si, a atenção se direciona também para os formatos dos quadrinhos e as **montagens de tiras e páginas** (como se pode observar na figura composta por 5 quadrinhos de formatos diferenciados). Ainda pode-se destacar a **gesticulação de personagens,** como Tia Nastácia ao ver o podre Visconde esmagado (SIMAS, 2009, p. 6). Nesta perspectiva global da página, ficam evidentes quais os **ângulos de visão** que estão estruturando a página dessa história (VERGUEIRO, 2008a, p. 34). [17]

Esses aspectos (e muitos outros) podem ser conferidos em quase todas as páginas dessa adaptação em quadrinhos de *Dom Quixote das crianças,* instigando a uma leitura dinamizada, compromissada com o desenvolvimento cognitivo, com o aperfeiçoamento das habilidades dos jovens leitores, devido ao uso de aspectos estéticos e estilísticos diferenciados. Estilísticos no que diz respeito a "integrar a linguagem verbal à figuração narrativa, os quadrinhos desenvolveram diversas convenções específicas à sua linguagem, que comunicam instantaneamente ao leitor o "*status*" do enunciado verbal" (VERGUEIRO, 2008a, p. 55).

A escrita é comumente utilizada nas HQs por representar formas de comunicação das personagens, aparecendo nos quadrinhos envoltos por uma linha circular, próxima à cabeça de quem está falando, ou pensando, como se pode observar na figura. O balão[18] desempenha um papel importante nesse contexto, porque é a "intersecção entre imagem e palavra" e para isso o leitor deve decodificar a mensagem contida no balão com os outros elementos icônicos ali presentes. Ele representa um conjunto de informações que "começam a ser transmitidas ao leitor antes mesmo que este leia o texto" (VERGUEIRO, 2008a, p. 56), indicando que a personagem está falando em primeira pessoa. Pode aparecer em forma de balões contendo os pensamentos das personagens por meio de palavras ou ações, como se pode observar na figura ao lado na cena que se passa na biblioteca particular de Dom Quixote, lugar este onde há inúmeros livros de cavalaria, acabou enlouquendo o fidalgo que foi se

---

[16] Neste caso, há uma representação sonora por meio das onomatopéias, que são "signos convencionais que representam ou imitam um som de caracteres alfabéticos. Elas variam de país a país, na medida em que diferentes culturas representam os sons" (VERGEIRO, 2008a, p. 62) conforme o idioma em uso. Aqui na história podemos visualizar a presença dessa figura, que se constitui daqueles caracteres grandes em amarelo com valorização gráfica imitando o som da Emília e do livro caindo.

[17] Todos os termos em negrito são colocações de Vergueiro (2008), que também contempla outras tantas classificações para os planos e demais características que permeiam as histórias em quadrinhos e podem ser lidas ou consultadas com mais detalhes no livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*.

[18] Ver demais tipos e classificações dos balões em VERGUEIRO, 2008a, p. 56-61.

aventurando mundo afora para ajudar a quem precisasse (SIMAS, 2009, p. 11). Também há balões com linhas tracejadas que são usados para as falas em baixo tom das personagens, como no finalzinho do livro, quando Emília, bem baixinho, chama Visconde para ajudar ela a retirar o livro do *O Minotauro*.

Figura 5 – A presença das legendas na intitulação dos capítulos.

Fonte: SIMAS, André. **Dom Quixote das crianças** (adaptação). 2. ed. São Paulo: Globo, 2009, p. 11. (Monteiro Lobato em quadrinhos).

Sobre as legendas que a adaptação traz, formam no total seis e representam os capítulos das HQs, já que essa história não está dividida por capítulos nem possui um sumário como a escrita por Lobato, que contem 29 capítulos. A adaptação de Simas apresenta os capítulos no decorrer das páginas conforme o caminhar da história e os títulos escolhidos para as legendas são: "O Cavaleiro Andante", com as letras em tamanho maior, vermelhas e localizada mais abaixo do centro; "O Escudeiro Sancho", escrito com as mesmas fontes da primeira legenda, mas com cores azul no centro e amarelo nas bordas para destacar e está centralizada no início da página, parte superior; "O cavaleiro dos Espelhos", escrito com a mesma fonte e sua as cores para preenchimento inversas: azul nas bordas e amarelo no centro, mas sua posição é de centralidade no início da página, parte superior; "A ilha de Barataria", disposta no mesmo lugar da figura ao lado, com a mesma fonte e com cores diferentes, amarelo nas bordas e vermelhas dentro; "O Cavaleiro da Branca Lua", o preenchimento da fonte está em azul celeste com borda azul marinho) e "Um Final Diferente", a fonte

permanece a mesma idêntica a essa última figura, ou seja, bordas brancas e preenchimento vermelho, fato este que remete a um ciclo que agora está prestes a terminar, ou não.

Lobato foi inovador em adaptar *Dom Quixote* para as crianças e fez recortes de vários momentos. Entretanto, Simas (2009) modifica o enredo lobatiano e até mesmo o cervantino no capítulo final das HQs, porque ao término da história no qual o cavaleiro da Triste Figura falece, Emília não quer acreditar nesses acontecimentos e elabora ela mesma "Um Final Diferente". A morte de Quixote então, é retratada com um quadro em preto com os dizeres "e morreu..." (SIMAS, 2009, p. 47). Todavia, a boneca de macela coloca as mãos nos ouvidos e se recusa a acreditar na morte do "cavaleiro pocotante".[19].

Figura 6 – A representação da morte de Dom Quixote nas HQs.

Fonte: SIMAS, André. **Dom Quixote das crianças** (adaptação). 2. ed. São Paulo: Globo, 2009, p. 47 (Monteiro Lobato em quadrinhos).

Em seus pensamentos, Emília faz com que Dom Quixote lute contra a morte (representada por um sombra negra) para não morrer, assim consegue se recuperar e sai da cama para cumprimentar Sansão Carrasco pela vitória na briga. Ela convidou o cavaleiro da Branca Lua e seu fiel escudeiro Sancho Pança para juntos saírem pelo mundo em busca de aventuras. Não bastasse isso, Emília ainda acrescenta mais duas personagens integrantes aos três: a sobrinha vivida por Narizinho e a criada, Tia Nastácia. O Visconde se recupera e todos

[19] Termo usado por Emília para se referir ao cavaleiro andante.

dizem estar cansados, então Dona Benta aconselha-os a irem para cama. E quando todos estão já deitadinhos, depois do boa-noite, Emília, que nunca se cansa de aventuras, chama bem baixinho o Visconde para que ele a ajude com outro livro, agora do *O Minotauro*. Ele se recusa. Vale salientar que esse título também foi editado pela mesma série adaptativa em HQs e parece como um convite à leitura de outros títulos. Simas contribui com seus desenhos e com o resumo que faz do enredo.

Figura 7 – Incentivo à leitura: a última cena dessa história em quadrinhos tem como cenário a biblioteca.

Fonte: SIMAS, André. **Dom Quixote das crianças** (adaptação). 2. ed. São Paulo: Globo, 2009, p. 52. (Monteiro Lobato em quadrinhos).

Como se fosse um ciclo, a história termina entre os livros da biblioteca de Dona Benta como havia começado na cena inicial, convidando o leitor a se aventurar por mais uma leitura que foi também adaptada para as HQs (SIMAS, 2009, p. 52). Essa edição em quadrinhos está em diálogo constante com as perspectivas lobatianas. Tanto o editor quanto o adaptador acertaram ao reportar a história de Lobato para os quadrinhos. Assim, do jeito que foi planejada, a obra acabou por resgatar todas as preocupações e manifestos de incentivo à prática da leitura, instituídos por Monteiro Lobato nos anos de 1936, revelando-se um projeto de leitura da nova era midiática.

Percebe-se, então, que a apropriação efetiva da linguagem quadrinhística oportuniza aos leitores o desdobramento de reflexões e conhecimentos vinculados à própria

receptividade leitora, assim como Lobato fez em sua adaptação, ao projetar em sua escrita a aproximação do leitor da época com o texto, com a história de Cervantes por meio de Dona Benta e, além disso, de discutir a composição do livro, esse objeto tão valioso e detentor de diversos conhecimentos. Por esse viés, ao ter contato com os quadrinhos, o leitor deve compreender a sua composição estética e estilística, deve entender a sua função social para, assim, valorizar sua presença na sociedade como um recurso proveitoso, interessante e, principalmente, se bem formulado como este que está sendo analisado, dinamizador de textos literários em prol ao incentivo da leitura dos clássicos universais em sua íntegra quando adulto se tornar.

Os quadrinhos oportunizam um novo olhar sobre a obra, em particular esta, originando-se de uma adaptação feita para o público leitor do século XX que hoje é (re)adaptada aos moldes e ensejos dos jovens leitores do século XXI contemplando as necessidades lúdicas e didáticas desta nova era. Não que a adaptação em HQs seja mais benéfica ao leitor, mas propicia o primeiro contato a partir do olhar do Outro, como salienta Pina (2008, p, 139), devido ao olhar e ao contar de Dona Benta. A emancipação dos quadrinhos migrando para o cotidiano e para a sala de aula faz com que o jogo contínuo de intertextualidade para a formação da sensibilidade leitora dos jovens de hoje se concretize, assessorando pais, professores e demais profissionais que visem à prática da leitura entre crianças e jovens como ferramenta instrucional indispensável para a sociedade de amanhã.

5 A TEORIA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E SUAS PREMISSAS

> *A teoria da estética da recepção desenvolve seus estudos em torno da reflexão sobre as relações entre narrador-texto-leitor. Vê a obra como um objeto verbal esquemático a ser preenchido pela atividade de leitura, que se realiza sempre a partir de um horizonte de expectativa (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 31).*

A convivência social entre os indivíduos é possibilitada por meio da linguagem verbal, que por sinal é a forma de expressão e comunicação mais utilizada pelas pessoas. A linguagem verbal evoluiu no decorrer dos séculos e passou a ser registrada em papel com a criação de um código linguístico específico, redigido em folhas e que formam o livro, graças à invenção de Gutenberg, no final do século XV. O livro é "um documento que conserva a expressão do conteúdo de consciência humana individual e social de modo cumulativo" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 9). A leitura desse código linguístico presente no livro consiste num ato de aprimoramento cultural, linguístico e social, porque faz parte do processo de apreensão da realidade vivida pelos indivíduos, ou aquelas de cunho ficcional, não apenas um ato decodificador. Pensando por esse viés, a leitura literária contribui para a formação crítica e reflexiva dos leitores já que contextualiza e subsidia elementos que dialogam constantemente com o imaginário.

De acordo com Iser (1996, p. 11), "o texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contido". Além disso, também, acrescenta que "o texto literário é considerado, por conseguinte, sob a premissa de ser comunicação. Através dele, acontecem intervenções no mundo, nas estruturas sociais dominantes e na literatura existente" (ISER, 1996, p. 15). Nesse sentido, três elementos essenciais corroboram para uma leitura prazerosa, significativa e que atuam como a tríade da teoria da Estética da Recepção: o autor (escritor do enredo), a obra (enredo) e o leitor (receptor).

Essa relação dialógica e complexa da tríade permeia a teoria da Estética da Recepção, cujo mentor é Hans Robert Jauss, discípulo da hermenêutica de Gadamer. Em sua aula inaugural, em Constança (1967), traz à cena discussões pertinentes que retomam a problemática da história da literatura por não compartilhar das acepções expostas pelas escolas marxista e formalista, que não fazem uso em suas pesquisas dos aspectos históricos e estéticos comumente oportunizando uma lacuna no que diz respeito ao papel dos leitores e da recepção da obra. Assim, "o que importa não é apenas o fato sobre o qual se escreve, mas as

formas de o homem pensar e sentir esse fato, que o identificam com os outros homens de tempos e lugares diversos" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 9), e isso é possível devido à leitura realizada.

De acordo com Jauss (1994, p. 22), os métodos marxista e formalista padecem de lacunas em seus parâmetros de análise teórica. No caso do método marxista, somente se leva em consideração a literatura e seus fenômenos sociais, ocasionando a inibição dos fatores estéticos. Já em relação à teoria literária formalista, sua crítica está vinculada à concepção da obra literária que a entende como um feito auto-suficiente por ter elementos específicos e correlacionados, não necessitando dos aspectos históricos, assim se sustenta numa organização interna sem fazer inferências a situações externas. Ou seja, o texto era suficientemente completo, sem necessidades das influências temporais externas em que fosse lido.

A proposta de Jauss é formulada a partir da carência observada nas duas escolas antagônicas que não se apropriam da recepção leitora. Jauss considera essencial para a história da literatura a abordagem dos critérios de recepção da obra, do efeito produzido pela leitura do texto nos leitores, ensejo primordial de quem produz a obra e da obra em si. Pode-se afirmar, então, que o leitor/receptor assume um papel privilegiado na teoria formulada por Jauss.

Nessas condições, elevando a presença e atuação do leitor, Jauss preocupou-se em discutir como constituir metodologicamente uma teoria para, assim, reescrever a história da literatura. E para isso, o autor elabora sete teses que alicerçam sua argumentação a favor da estética da recepção, viabilizando com a utilização de exemplos toda a sua teoria. Tal fato gera em quem as lê o entendimento de uma nova ciência literária, aflorando dos pensamentos de Jauss e que hoje é utilizada no meio acadêmico.

Nesse discurso, que posteriormente foi publicado em livro intitulado *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*, traduzido para a língua portuguesa por Sérgio Tellaroni (1994), Jauss procuram centralizar seu foco investigativo no leitor que agora assume um "papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra visa" (JAUSS, 1994, p. 23), engrandecido pela relação dialógica da literatura e do leitor.

De todas as teses apresentadas, destacam-se como princípios da teoria da estética da recepção as quatro primeiras teses, os quais Zilberman (1989, p. 33) confere o caráter de premissas por serem consideradas como propostas teóricas, e as outras três trazem em seu

conteúdo uma exposição metodológica de como aplicar as quatro premissas iniciais que Jauss estabelece.

Na primeira tese, Jauss valoriza o leitor/receptor que vem a ser o objeto de investigação de sua teoria, antes menosprezado pelas outras vertentes teóricas. Prioriza a dimensão da leitura e do efeito que ela produz, a recepção. Nesse sentido, a conceitualização de Jauss perante o leitor é, de acordo com Zilberman (1989, p. 34), condicionada "a uma subjetividade variável, dependendo das suas experiências pessoais". Assim, "a historicidade da literatura não repousa numa conexão de 'fatos literários' estabelecida *post festum*, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores" (JAUSS, 1994, p. 24). Nessa primeira tese/premissa destaca-se o leitor e o texto, numa relação dialógica primordial para a prática da leitura e da atualização constante da obra, já que "a possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva; porém como as leituras diferem a cada época, a obra mostra-se mutável, contrária à sua fixação numa essência sempre igual e alheia ao tempo" (ZILBERMAN, 1989, p. 33). O autor ainda enfatiza que a historicidade vem a ser a atualização da obra que somente o leitor está apto a fazê-la no momento da leitura.

Segundo Zilberman (1989), Jauss estabelece um outro patamar no que diz respeito à concepção da obra em relação ao leitor, e "os elementos necessários para medir a recepção de um texto encontram-se no interior do sistema literário. Em vez de lidar com o leitor real, indivíduo com suas idiossincrasias e particularidades, Jauss busca determinar o virtual (saber prévio)" (ZILBERMAN, 1989, p. 34). Com isso, a sua pesquisa e suas respectivas perguntas não são direcionadas para as pessoas, mas para as próprias obras, porque são mutáveis, já que "na medida em que participam de um processo de comunicação e precisam ser compreendidas, elas apropriam-se de elementos do código vigente" (ZILBERMAN, 1989, p. 34).

Na segunda tese, Jauss elabora seu discurso argumentando sobre o benefício da experiência estética do leitor. Resumidamente, vem a ser o resultado da interação obra e leitor, porque ao propor que o leitor e a recepção da obra sejam o principal material de análise, o autor faz a inversão do processo de análise da obra artística, que estava vinculada à outra ordem de importância: autor e sua obra. Paralelo a essa nova visão analítica do poder literário e seu momento de fruição, a leitura da obra não é recebida sem vozes precedentes, mas, sim, já procedida a tal ponto que remete no leitor o já lido, proporcionando expectativas quanto ao "meio e ao fim" do enredo. Isso por conduzir o leitor aguçando seu lado emocional, o que "antecipa um horizonte geral da compreensão", colocando em foco "a questão acerca da

subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas leitoras" (JAUSS, 1994, p. 28).

Essa menção de horizonte foi migrada por Jauss das pesquisas realizadas por Hans George Gadamer, que havia encontrado tal expressão nos escritos de E. Husserl (ZILBERMAN, 1989). Conforme a obra literária escolhida para leitura e seu gênero determinado, o leitor depara-se com traços característicos quanto ao estilo e à forma que estruturam o seu horizonte de expectativas, que no decorrer da leitura vão se modificando e até se destruindo. Essa é uma forma criadora de outras obras e de despertar a criticidade do leitor. Jauss exemplifica seus pensamentos com a obra de Cervantes, *Dom Quixote,* que pertence aos romances de cavalaria, que serve de modelo e inspiração para sua escrita e também age como meio criativo de parodiar os feitos dos cavaleiros da época (JAUSS, 1994, p. 28).

Entratanto, a objetivação do horizonte de expectativa não ocorre somente com títulos consagrados, também está presente em obras não tão populares. Este fato acontece quando observada três instâncias: a primeira, "as normas conhecidas ou da poética imanente ao gênero; a segunda, da relação implícita com obras conhecidas do contexto histórico-literário; e a terceira, da oposição entre ficção e realidade", ou melhor, entre a "função poética e a função prática da linguagem", emergindo para o leitor a inferência de comparações no decorrer da leitura (JAUSS, 1994, p. 29). Ainda, o autor completa que para esta terceira instância há a possibilidade de o leitor, em sua leitura, elaborar "uma nova obra tanto a partir do horizonte mais restrito de sua expectativa literária, quanto do horizonte mais amplo de sua experiência de vida" (JAUSS, 1994, p. 29-30), entrelaçando, assim, o real com o fictício que se encontra presente na memória do leitor.

O horizonte de expectativa é conceituado e refletido na terceira tese/premissa. Como a obra literária está condicionada pela relação dialógica entre literatura e leitor, sua permanência só está em evidência em interação direta com o receptor, o que na verdade é o parâmetro de aceitação do horizonte de expectativa, que são as referências precedentes à leitura realizada, ou seja, o conhecimento prévio que o leitor possui quanto ao gênero lido, à forma e à temática do enredo que são de conhecimento do leitor pelas leituras que já realizou. Esse sistema de referências do leitor não está acordado somente com os aspectos estéticos da obra, já que a experiência de vida do receptor também entre nesse jogo dialógico perene na prática da leitura. Entre a leitura de uma obra literária e o efeito pretendido ocorre o processo de interpretação, que se dá não apenas pelo conhecimento filológico, mas de todo o conhecimento de mundo desse leitor. Embasada nesses aspectos, Regina Zilberman (apud

BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 83) elenca cinco convenções de cunho estético-ideológico que estão presentes na produção/recepção de um texto:

> " social, pois o indivíduo ocupa uma posição na hierarquia da sociedade;
> intelectual, porque ele detém uma visão de mundo compatível, na maior parte das vezes, com seu lugar no espectro social, mas que atinge após completar o ciclo de sua educação formal;
> ideológica, corresponde aos valores circulantes no meio, de que se imbui e dos quais não consegue fugir;
> lingüística, pois emprega um certo padrão expressivo, mais ou menos coincidente com a norma gramatical privilegiada, o que decorre tanto de sua educação, como do espaço em que transita;
> literário, proveniente das leituras que fez, de suas preferências e da oferta artística que a tradição, a atualidade e os meios de comunicação, incluindo-se aí a própria escola, lhe concedem".

Bordini e Aguiar (1993, p. 83) ainda fazem o acréscimo dos fatores de "ordem afetiva, que provocam adesões ou rejeições dos demais, e ter-se-á idéia da complexidade e importância da noção de horizonte dentro da estética da recepção".

Na prática da leitura literária, o horizonte de expectativa do leitor pode ser alcançado ou não, acordado com o que espera da leitura ou desmanchado, satisfeito ou quebrado. Dessa relação oposta de satisfação ou ruptura de horizontes há que se destacar a distância estética que gera essa expectativa:

> O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. Denominando-se distância estética aquela que medeia entre o horizonte de expectativa preexistente e a aparição de uma nova obra – cuja a acolhida, dando-se por intermédio da negação de experiências conhecidas ou da conscientização de outras, jamais expressas, pode ter conseqüência uma "mudança de horizonte" – tal distância estética deixa-se objetivar historicamente no espectro das reações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia). (JAUSS, 1994, p. 31).

Jauss trabalha com esse conceito por acreditar que ele determina o caráter artístico da obra em questão. O valor das obras literárias "se dá na medida em que em termos temáticos e formais, elas produzem alteração ou expansão do horizonte de expectativas do leitor por oporem-se às convenções conhecidas e aceitas por esse" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 83). A perenidade de uma obra literária só se concretiza ao contribuir para o "alargamento dos horizontes de expectativas de sucessivas épocas" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 84).

As colocações de Jauss prosseguem na quarta tese com a discussão sobre a reconstrução do horizonte de expectativa da obra literária diante do processo de produção e recepção por parte do leitor entre as diversas épocas, o que dá subsídios para serem formuladas perguntas que o próprio texto se encarrega de responder. Esse fato leva o leitor a compreender o texto em seu todo. Esse jogo de perguntas e respostas encontra-se vinculado à hermenêutica que permite a identificação do horizonte de expectativas do leitor, tanto na compreensão do texto que está condicionada à variação no tempo quanto às formulações das perguntas que o leitor elabora no ato da leitura. Assim, um texto é gérmen historicamente construído no que se descarta a idéia de sua atemporalidade. Devido aos dois aspectos que constantemente se confrontam encontra-se a distância estética.

Depois da exposição das quatro primeiras teses, Jauss (1994, p. 40) explica seu programa de ação e, respectivamente, sua metodologia, que se refere a três aspectos relevantes: o diacrônico, que enfatiza a recepção das obras literárias no percurso histórico da humanidade, sua presença no decorrer do tempo (tese 5); "o sincrônico, que mostra o sistema de relações da literatura numa dada época e a sucessão desses sistemas (tese 6); e, por fim, o relacionamento entre a literatura e a vida prática (tese 7)" (ZILBERMAN, 1989, p. 37).

A quinta tese está direcionada à reflexão do posicionamento de uma obra literária na "sucessão histórica", que deve ser vinculada à experiência literária que a gerou, ou melhor, à história dos efeitos, pois que "uma obra literária não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu" (ZILBERMAN, 1989, p. 37), porém sua relevância no contexto literário pode diminuir ou aumentar, dependendo da ótica do leitor. Como exemplo citado por Jauss, tem-se a arte barroca, que devido às vanguardas modernistas adquiriram uma reformulação no que diz respeito ao seu significado, assim como as conferências de García Lorca sobre a poesia de Gôngora, dentre outras. Nessa perspectiva, "o novo é uma qualidade móvel, com sentido estético e também histórico, quando provoca o resgate de períodos passados" (ZILBERMAN, 1989, p. 38). Assim, a noção de história vem entrelaçando-se pelo tempo com "avanços e recuos, reavaliações e retomadas", obrigando a história da literatura a ficar atenta e repensar seus enfoques metodológicos, já "que não pode mais limitar-se ao alinhamento unidirecional e unidimensional dos fatos artísticos" (ZILBERMAN, 1989, p. 38).

Na sexta tese, Jauss defende os pontos de interseção entre diacronia (vista na tese 5) e sincronia (abordada agora). Enfatiza-se, nesse momento, um recorte sincrônico das produções literárias escritas em época diferentes e que vem constituir o material que a história da literatura divide e organiza de forma sequencial, mas que aparece em consonância com a diacronicidade das "relações de não-simultaneidade", sendo a obra percebida como atual ou

não, “como em consonância com a moda, como ultrapassada ou perene, como avançada ou atrasada em relação a seu tempo” (JAUSS, 1994, p. 48).

> Se, afinal, a literatura que surge simultaneamente decompõe-se – da perspectiva da estética da produção – numa heterogênea multiplicidade do não-simultaneo, isto é, das obras marcadas por momentos distintos do “shaped time’ de seu gênero (como o céu estrelado aparentemente atual desintegra-se astronomicamente em pontos separados pelas mais diversas distâncias temporais), para o público, que a percebe como obras da sua atualidade e as relaciona uma com as outras, tal multiplicidade recompõe-se – do ponto de vista da estética recepcional na unidade de um horizonte comum e significativo de expectativas, lembranças e antecipações literárias. (JAUSS, 1994, p. 48).

Os recortes sincrônicos que permeiam a produção literária de certa época implicam, de certa forma, “outros cortes no antes e no depois da diacronia”, gerando essa relação intrínseca. Nesse sentido, Jauss faz analogia entre o que ocorre na língua e suas estruturas que possibilitam a formação de variáveis que agem como funções do sistema lingüístico. Assim, a literatura também se constitui de uma gramática ou sintaxe específica e mais ou menos fixas devido ao “conjunto dos gêneros, estilos e figuras retóricas tradicionais e dos não-canonizados, ao qual se contrapõe uma esfera semântica mais variável – a dos temas, motivos e imagens literárias” (JAUSS, 1994, p. 49).

A última tese proferida por Jauss vem ao encontro das relações intrínsecas da literatura com a sociedade. A literatura vista com o caráter formador que dá subsídios para a “compreensão de mundo do leitor, repercutindo então em seu comportamento social” (ZILBERMAN, 1989, p. 38).

> A relação entre literatura e leitor pode atualiza-se tanto na esfera sensorial, como pressão para a percepção estética, quanto também na esfera ética, como desafio à reflexão moral. A nova obra literária é recebida e julgada tanto em seu contraste com o pano de fundo da experiência cotidiana da vida. Na esfera ética, sua função social deve ser apreendida, do ponto de vista estético-recepcional, também segundo as modalidades de pergunta e resposta, problema e solução, modalidades sob cujo signo a obra adentra o horizonte de seu efeito histórico. (JAUSS, 1994, p. 53).

Dessa forma, com base no que foi exposto das teses instituídas por Jauss nessa nova concepção da obra literária vista pelo viés do receptor, conclui-se que as obras literárias de valor são aquelas que provocam os leitores, que os estimulam na formulação de perguntas, que os conduzam a compreenderem e estarem acordados com o sistema de normas estéticas e sociais da realidade atual, não importando os momentos históricos em que se encontram. Compreende-se, portanto, que o efeito libertador que provém do contato com a literatura é concebido por meio de seu caráter social. Para Jauss (1994), no diálogo do leitor com o texto literário há reconhecimento deste no outro, fazendo que o individualismo seja abolido e, dessa

forma, consegue-se promover a ampliação de horizontes culturais, intelectuais e linguísticos dos leitores em ação.

> A experiência da leitura logra libertá-lo das opressões e dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas. O horizonte de expectativas da literatura distingue-se daquele da práxis histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura. (JAUSS, 1993, p. 52).

Assim, é notória a força da leitura e seus benefícios na construção e ampliação do universo cultural dos indivíduos, em sua trajetória social, no seu desenvolvimento cognitivo para melhor compreender o mundo e a si próprio. Afinal, "a pessoa que lê abre o seu mundo, pode perceber informações e conhecimentos de outras pessoas de qualquer parte" (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 1987, p. 18).

Entretanto, o engrandecimento cultural e intelectual somente será validado pelo leitor se este estiver apto a se deixar envolver pelas novas experiências, sempre disposto a aprender e reconhecer que pouco se sabe do muito que se lê e do mundo em que se vive, pois a caminhada de cada indivíduo é uma constante aprendizagem. De acordo com Hans-Georg Gadamer (1999, p. 525), "a pessoa a que chamamos experimentada não é somente alguém que se fez o que é *através* das experiências, mas também alguém que está aberto a experiências".

Partindo dos pressupostos teóricos instaurados por Jauss (que sofreram ajustes em outras publicações do autor), outros estudiosos compartilharam reflexões e contribuíram para a ampliação dessa teoria. Wolfang Iser, por exemplo, no livro *O ato da leitura* (1976),[20] traz um aparato teórico e reflexivo sobre a estética da recepção, principalmente sobre a estética do efeito, porque, para esse autor, o trabalho de recepção da obra literária é precedido por uma constituição prévia do texto, que a partir de então o conceberia como literário. A proximidade dos pensamentos dos dois autores foi formada porque ambos partiram do pressuposto de que uma obra literária só passa a existir a partir da leitura e de seu reconhecimento ativado pelo leitor.

Por meio dessas considerações, a Estética da Recepção é o instrumento que alicerçará a fundamentação teórica e guiará a análise prática desta pesquisa, fundamentada nos conceitos de **recepção**, no **horizonte de expectativas**, na **distância estética** e **na lógica da pergunta e da reposta**, a fim de compreender o processo da recepção da obra literária

[20] Nesta pesquisa fez-se uso da edição do livro *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* (1996), traduzido para a língua portuguesa por Johannes Kretschmer.

infantil e juvenil fazendo uso do título *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato em prosa e em histórias em quadrinhos, com intuito de verificar quais as contribuições das HQs para a recepção leitora dos estudantes, ou seja, sempre partindo do ponto base: o leitor.

5.1 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa caracteriza-se como um *estudo de caso*, visto que "o alvo são as características que o caso tem de único, singular ou particular. Mesmo que existam casos similares, um caso é distinto e, por isso, causa interesse próprio" (RAUEN, 2002, p. 210). Dessa forma, foram analisados dados de cunho *qualitativo*, por haver a preocupação com o "projeto social" da leitura e do percurso receptivo do título em questão, que se objetiva a "expressar o sentido dos fenômenos do mundo social e reduzir a distância entre contexto e ação" (MAANEM, 1979, p. 521).

Valendo-se dos parâmetros instituídos por Jauss na composição teórica da Estética da Recepção, como vimos acima, teve-se o intuito de verificar a recepção leitora de *Dom Quixote das crianças* em prosa e em HQs para averiguar com esse grupo qual o suporte propicia mais incentivo à leitura literária. Como objetos de pesquisa, serão utilizados dois livros: *Dom Quixote das crianças* (1936), de Monteiro Lobato em prosa e o mesmo título (re) adaptado aos quadrinhos por André Simas (2009).

O processo de intervenção se deu nas dependências de uma escola particular situada no município de Morro da Fumaça, Santa Catarina, no 2º semestre de 2010, com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II. Os estudantes foram convidados a participar voluntariamente de "oficina de leitura" extraclasse, no período vespertino, em contra turno. Essa turma é composta por 12 alunos. Esses foram divididos em dois grupos distintos para se obter, por meio de questionário, a coleta de dados necessária para análise após as leituras e atividades propostas.

Foram selecionados dois grupos: o GRUPO I (grupo experimental e sem contaminação) e o GRUPO II (grupo de controle e sem contaminação). Foram quatro situações analisadas com esses dois grupos: GRUPO I teve o primeiro contato com o título *Dom Quixote das crianças,* em prosa, e a observação da interpretação dos alunos foi realizada por meio do círculo de leitura e de outras atividades propostas, como desenho das

personagens, formulação de perguntas para avaliação oral, etc. e aplicação do questionário formulado pela pesquisadora, que norteou esta pesquisa. Depois, foi feita a leitura do livro em HQs (história em quadrinhos) com direito ao círculo de leitura, fazendo uso das mesmas atividades descritas ao término da leitura em prosa. Nessa situação tivemos o GRUPO I contaminado, provocando a reatividade necessária para que se possa compreender a recepção leitora desse primeiro grupo de alunos.

Com o GRUPO II, as atividades se deram na ordem inversa: o primeiro contato dos alunos com o título *Dom Quixote das crianças* foi pelos quadrinhos. Eles tiveram o círculo de leitura para contar a história, discutir e expor suas opiniões. Depois fizeram a ilustração das personagens, elaboraram perguntas para avaliação oral de acordo com o que leram no livro em HQs e responderam ao questionário, formulado pela pesquisadora, que serviu de instrumento para a análise dessa etapa. Após esse percurso, o GRUPO II leu o mesmo livro em prosa, e se sucederam as atividades igualmente ao mencionado na primeira etapa do GRUPO I, ou seja, após a leitura fez-se o círculo de leitura para que fosse contada e discutida a história do Cavaleiro Andante. Depois foi aplicado o questionário formulado pela pesquisadora para a análise, e nesta última etapa (com o segundo livro) esse grupo apresentou-se, também, contaminado, mas isso é uma condição para o resultado almejado. Resumidamente, tem-se:

Tabela 1 – Procedimentos desta pesquisa: medida antes, variável de inferência e medida depois.

	MEDIDA ANTES	**VARIÁVEL DE INFERÊNCIA**	**MEDIDA DEPOIS**
GRUPO I (grupo experimental)	Texto (sem contaminação)	Histórias em quadrinhos (HQs)	X (com contaminação)
GRUPO II (grupo de controle)	Histórias em quadrinhos (HQs) (sem contaminação)	Texto	X (com contaminação)

Sendo assim, houve os seguintes estudos:

Tabela 2 – Estudos que foram realizados por meio da coleta de dados (intervenção).

Estudo I	Texto	GRUPO I
Estudo II	Texto e HQs	GRUPO I
Estudo III	HQs	GRUPO II
Estudo VI	HQs e Texto	GRUPO II

No primeiro momento com o grupo I foram realizados os seguintes procedimentos: estudo I foram analisados os dados sobre a leitura do livro em prosa do grupo I; depois num segundo momento, estudo II, foram analisados os dados do grupo I com as leituras dos dois livros (prosa e em HQs).

No grupo II, o procedimento foi inverso: primeiro foram analisados os dados da leitura em HQs, que veio a constituir o estudo III, e depois, no estudo VI, foram analisados os dados das leituras dos dois livros HQs e texto.

Os dados foram recolhidos por meio de observações, questionários e atividades de acordo com a teoria utilizada para que propiciassem resultados profícuos que foram analisados posteriormente. O planejamento das atividades[21] e a metodologia aplicada estão elaboradas de acordo com os dois grupos e estão presentes nos apêndices deste trabalho.

[21] Apêndice A – Planejamento do Grupo I; Apêndice B – Planejamento do Grupo II.

6 A RECEPÇÃO LEITORA DE *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* EM PROSA E EM QUADRINHOS: ANÁLISE EMBASADA NA TEORIA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

6.1 GRUPO EXPERIMENTAL (GRUPO I)

6.1.1 Estudo 1: Círculo de Leitura (prosa)

Na primeira tarde pedagógica da "Oficina de Leitura" proposta aos alunos, foi introduzida a noção do que vem a ser uma obra literária universal e, também, discussões pertencentes ao universo literário, como o conhecimento deles sobre as histórias fictícias, personagens e ambientação. Foram perguntados quais os livros que os alunos leram nas férias, qual gênero lhes atrai mais, as personagens que mais lhes chamaram a atenção. Os estudantes foram receptivos às perguntas e disseram que, cada um deles, leram um livro nas férias, que gostam de ler livros com ilustrações, principalmente os mangás (dois alunos) já os outros disseram que preferem em prosa. Assim, observa-se que já há uma aproximação desses alunos com o gênero quadrinhístico.

Para introduzir o livro a ser lido e abrir espaço para que os alunos comentassem se já conheciam um fidalgo chamado Dom Quixote e/ou algo sobre o escritor Miguel de Cervantes Saavedra, a professora/pesquisadora comentou a respeito da obra *El Ingenioso Hidalgo Dom Quixote de La Mancha* e do escritor espanhol. Os estudantes disseram que desconheciam a história e o protagonista dela. Dessa forma, ficaram curiosos para ler o livro e descobrir em que aventuras Dom Quixote havia se metido.

A professora/pesquisadora explicou a respeito da composição do livro de Monteiro Lobato, uma adaptação do livro de Cervantes, para que os alunos fossem situando a história e em que época ela se projetava. Essa explicação contempla o artifício do recurso adaptativo, para que as crianças pudessem adentrar os encantos e devaneios de Alonso Quijana (Dom Quixote de La Mancha) e de seu fiel escudeiro Sancho Pança.

Para que os alunos localizassem o território em que se passava a história foi levado para a sala o mapa e apontada a região em que todas as aventuras de Dom Quixote foram realizadas.

Após as apresentações, o livro em prosa foi passado de aluno a aluno para que houvesse o primeiro contato com o título. Nesse momento, é observado o todo do livro: suas cores, o formato da letra, a capa, as ilustrações, número de páginas, dentre outros aspectos. Eles gostaram da capa, das cores, não acharam a quantidade de páginas excessivas, mas ao lerem alguns trechos aleatórios enquanto folheavam sentiram algumas dificuldades quanto ao léxico utilizado por Lobato.

A próxima atividade foi de pesquisa sobre a vida e a obra de Lobato. Os alunos foram encaminhados para a biblioteca e para a sala de informática da escola e lá pesquisaram sobre o escritor. Os tópicos a serem pesquisados foram: Quem foi este escritor? Pesquise sobre sua vida, seu nome completo, sua infância, sua formação acadêmica, os empregos que teve em sua vida, se foi empresário de sucesso ou apenas foi escritor? Fez viagens para fora do país? O que descobriu lá fora? Passou a valorizar os bens naturais de nosso país? Quais suas personagens mais memoráveis? Como veio a falecer? Quais os livros que ele escreveu para os adultos? Para as crianças? Quais foram as adaptações que ele fez? E por que fez adaptações de obras literárias universais para o púbico infantil se já tinha produzido tantos livros para as crianças?

Essa atividade gerou uma discussão muito interessante. Todos os tópicos foram discutidos com curiosidade e de forma concisa. A maioria dos alunos não sabia da produção para adultos do escritor taubateano nem que ele morou por alguns anos nos Estados Unidos. Foi uma troca de informações enriquecedoras para o conhecimento de cada um.

Após as discussões foi explicada a tarefa para a próxima semana: leitura dos capítulos para serem apresentados por alunos, sorteados na hora da atividade. Então, todos anotaram na agenda os capítulos: 1. Emília descobre o Dom Quixote (p. 7); 2. Dona Benta começa a ler o livro (p. 9); 3. Primeiras aventuras (p. 13); 4. Terrível combate (p. 17); 5. D. Quixote volta para casa. A queima dos livros (p. 19); 6. Primeiras aventuras em Companhia de Sancho (p. 23); 7. Novas aventuras pela estrada. Os frades (p. 25); 8. Conversas de D. Quixote e Sancho (p. 27); 9. A pousada com os cabreiros (p. 28); 10. Renascimento do Visconde (p. 32); 11. Grande combate de arrieiros. Pancadaria em D. Quixote e Sancho (p. 33); 12. Aventuras na estalagem (p. 34); 13. Combate com os carneiros (p. 39); 14. A aventura dos pilões (p. 43).

Na segunda tarde pedagógica foi realizado o primeiro Círculo de Leitura. Todos os estudantes participaram e contribuíram com suas colocações. Reflexões sobre as temáticas que estão envolvidas no enredo: cavalaria andante, a família de D. Quixote, a biblioteca e os desenhos ilustrados em preto e branco do livro. Entretanto, eles reclamaram da escolha lexical empregada por Lobato, pois a maioria não conseguiu entender várias palavras por não fazerem parte dos vocábulos por eles conhecidos e/ou utilizados no cotidiano. Disseram que leram o livro até o décimo quarto capítulo com o dicionário ao lado e que os pais os ajudaram também. Um aluno disse que Lobato poderia ter escrito de forma "menos complicada". Dos exemplos citados pelos alunos de palavras e expressões que desconheciam, estão: "bálsamo de Ferrabrás", "negregado bálsamo", "alforjes", "título de penhor", "avejões", "abantesmas"; ressaltaram a presença do pronome de tratamento V. Sª (Vossa Senhoria), que segundo eles só utilizam em cartas escritas na escola; a utilização de "mo", "dum"; a presença da mesóclise "dir-te-ei". Depois do Círculo de Leitura e das discussões ali expostas, foi sugerida a atividade de cunho lúdico de retratar as personagens que lhes fossem interessantes até agora no enredo lido.

Podemos observar, a seguir, os desenhos criados pelos alunos:

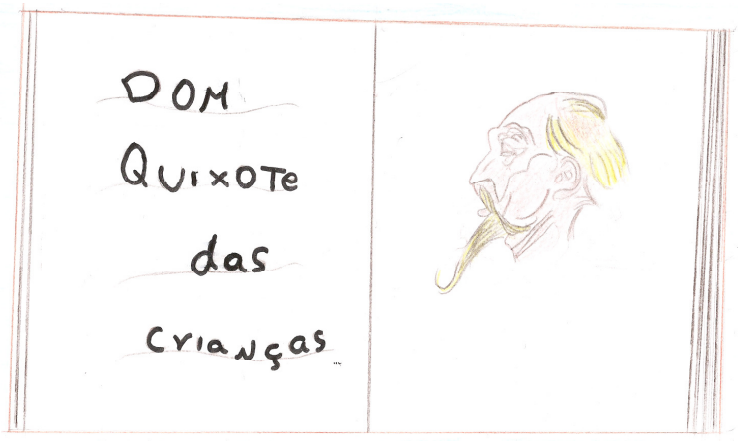


Figura 8 – Aluno 1 - Desenho referente à leitura do livro até o décimo capítulo. O aluno retratou Dom Quixote por considerá-lo personagem mais importante do enredo.

Figura 9 – Aluno 2 - Desenho que ilustra o cavaleiro andante montado no Rocinante em busca de mais aventuras.

Figura 10 – Aluno 3 - Desenho retratando as personagens (Emília e Dom Quixote) que na visão dele se destacaram até o décimo quarto capítulo.

Figura 11 – Aluno 4 - Desenho referente à leitura até o décimo quarto capítulo. O aluno destacou o cavaleiro andante e aproveitou um desenho presente no livro para reproduzi-lo.

Figura 12 – Aluno 5 - Desenho retratando um episódio do livro *Dom Quixote das crianças* (XII - As aventuras na estalagem) em que Sancho Pança colocou seu amo (Dom Quixote) em cima de seu burrinho após ser derrotado.

Figura 13 – Aluno 6 – Desenho retratando o cavalo, Rocinante, que enfrentou longas caminhadas com a armadura pesada de Dom Quixote em suas costas.

Os estudantes que não conseguiram terminar nesse encontro o seu desenho, puderam entregá-lo na semana seguinte. Faltando alguns minutos para encerrar essa tarde pedagógica, foi dada a tarefa de semana, que era a leitura dos capítulos: 15. Conquista do Elmo de mambrino, o mais famoso do mundo (p. 47); 16. A aventura com os galerianos (p 49; 17). Fim da penitência. O príncipe etíope. Espantosa briga (p. 52); 18. A aventura dos odres de vinho (p. 54); 19. O que aconteceu na estalagem (p. 58); 20. A volta do engaiolado (p. 60); 21. Terceira saída de D. Quixote com o cavaleiro dos Espelhos (p. 67); 22. A grande coragem de Dom Quixote diante dos leões (p. 70); 23. A barca encantada. D. Quixote encontra o Duque (p. 75); 24. História de dolorida. O cavalo encantado (p. 77); 25. Conselhos de D. Quixote. Sancho assume o governo da ilha (p. 80). Todos anotaram em suas agendas.

A terceira tarde pedagógica foi iniciada com a entrega dos desenhos por parte dos alunos à professora/pesquisadora. Depois, cada um fez a exposição de sua ilustração para os demais colegas, justificando sua escolha na maioria dos desenhos. Nos desenhos há a presença de Dom Quixote, demonstrando o destaque que possui perante o leitor-criança. Terminada essa atividade, foi iniciado o Círculo de Leitura. Os alunos foram sucintos em suas colocações. Disseram que foram muito proveitosas as falas de Pedrinho, de Narizinho e, principalmente, de Emília com suas perguntas e opiniões sempre na ponta da língua. Um aluno comentou que Lobato ia trazendo outros livros para dentro desse, como quando ele cita a personagem Roldão, que Pedrinho menciona, dos *Doze Pares de França*. Eles perceberam

que a temática central da história girava em torno da loucura que se faz presente na mente do cavaleiro andante.

Observaram aspectos culturais, como quando Narizinho pergunta à Dona Benta por que em livros velhos sempre há menção aos barbeiros. Elogiaram as reflexões expostas nas palavras de Dona Benta, principalmente quando ela fala da humanidade e de suas opiniões que mudam de geração para geração (p. 47-8). Sobre a construção morfológica, os alunos não estavam satisfeitos, disseram que o livro estava difícil de ler e que pelas palavras "difíceis" estava ficando cansativo e não atrativo. Reforçaram que tiveram de ler o livro com o dicionário ao lado e/ou com a ajuda dos pais para contextualizar a história. Citavam algumas palavras que mencionaram desconhecer: "reles", "usurpador", "séquito", "estalajadeiro", "cimitarra", "languescer", "flor dos corcéis", "cáspite", "apráz", dentre outras. Em um dos capítulos, eles pediram exemplos concretos, que fossem realmente mostradas como eram as coisas descritas, foi no capítulo XXIII – A grande coragem de D. Quixote diante dos leões, porque aqui Dona Benta conta como são compostos os livros e eles não entenderam as medidas descritas por ela. Então, a professora/pesquisadora exemplificou em sala de aula as medidas dos formatos dos livros (in-8, in-16, in-32). Mesmo encontrando algumas dificuldades interpretativas devido aos vocábulos desconhecidos e à sintaxe empregada, continuamos a lê-lo. De tarefa, foram estipulados para a leitura os seguintes capítulos: 26. Sancho abandona a ilha e o que lhe acontece pelo caminho (p. 83); 27. Dom Quixote em Barcelona. O cavaleiro da Branca Lua (p. 85); 28. Doença e Morte de D. Quixote (p. 88).

Na quarta tarde pedagógica, os alunos participaram do último círculo de leitura proposto a respeito do livro em prosa *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato. Nesse momento, com a maior parte do texto lido, os estudantes apresentavam-se insatisfeitos com a leitura devido à linguagem empregada e, também, ficaram tristes com o final que Dom Quixote teve, pois, segundo os alunos, o justo seria que o cavaleiro andante continuasse vivo e não morresse após ter retomado a consciência. Afinal, tinha uma sobrinha que o amava muito e uma ama para servi-lo, além dos amigos que também o queriam bem.

Os estudantes foram seletivos em suas colocações. Os únicos capítulos que foram contados detalhadamente foram: primeiro capítulo "Emília descobre o Dom Quixote" e o segundo capítulo "Dona Benta começa a ler o livro". Nos demais, os alunos apreenderam as aventuras do cavaleiro andante, contando um resumo geral dos acontecimentos, não se apegando a detalhes, descrevendo apenas as partes que lhes chamaram mais atenção.

Na maioria das vezes eles fizeram uso das partes em que havia as personagens do Sítio. Não contaram a história detalhadamente, entretanto selecionaram a maioria das

aventuras que o Cavaleiro Andante enfrentou juntamente com seu fiel escudeiro Sancho Pança. E no último capítulo os leitores não concordaram com a morte de Dom Quixote, assim como Emília. Eles queriam mais aventuras para Dom Quixote.

Devido à dificuldade encontrada por parte dos jovens leitores em compreender o enredo escrito por Lobato no decorrer da leitura do livro em prosa, a professora/pesquisadora propôs a aplicabilidade de um questionário para averiguar quais os aspectos que proporcionaram esse distanciamento estético do enredo para com os jovens leitores. Já que, a princípio, o título foi tão bem recebido, com muitas expectativas, como as de aventuras no decorrer da leitura do enredo, mas que a cada capítulo ia se degradando. Por isso, foi necessário fazer uso de perguntas e respostas para entender o que havia acontecido. Dessa forma, ficou explícita a não compreensão vocabular por parte dos estudantes em relação à escrita empregada por Lobato, tendo em vista que o escritor a fez pensando em seu contexto histórico no ano de 1936.

6.1.2 Estudo 1: Análise dos dados do questionário pós-leitura (prosa)

Este relato está focalizado na descrição e análise dos dados coletados por meio da aplicação de um questionário envolvendo perguntas referentes à leitura realizada pelos estudantes do livro *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato, nos quatro primeiros encontros do Círculo de Leitura proposto. Traz em sua essência perguntas sobre a prática/freqüência de leituras literárias realizadas por parte dos alunos, sobre o conhecimento que tinham a respeito da obra lobatiana, se gostaram da história do cavalaria andante. Há também perguntas específicas sobre o enredo lido com o intuito de averiguar como se manifesta a recepção desse título entre esse grupo de leitores que está denominado como grupo experimental.

Todos estavam dispostos a responder o questionário, já que a pesquisadora explicou que deveriam colocar as opiniões deles nas respostas solicitadas. Antes da entrega do questionário, eles comentaram em tom de protesto que iria ser muito bom responder as perguntas, porque iriam colocar suas opiniões sobre o livro. Representou que eles se sentiram enganados, traídos pela expectativa que o livro trouxe no primeiro contato visual com o suporte literário.

A primeira pergunta diz respeito à frequência com que os estudantes leem livros. Em geral, responderam que leem um livro a cada três meses a pedido da disciplina de Literatura lecionada na escola. Alguns acrescentaram que leem somente o livro pedido pela professora da disciplina, porque não gostam de ler. Exceto o aluno 2, que respondeu que costuma ler um livro a cada mês e que gosta de ler títulos como *Jack Power, Jex,* dentre outros.

A segunda questão traz à cena se os alunos costumam ler os livros escritos por Monteiro Lobato. A maioria respondeu que não, e alguns comentaram que *Dom Quixote das crianças* foi o primeiro a ser lido por eles e outros acrescentaram que não leem Lobato por preferirem outros livros. O aluno 2 foi exceção, já que respondeu que gosta de ler livros de Monteiro Lobato e que, além de *Dom Quixote das crianças,* assiste o Sítio do Picapau Amarelo. A relevância de saber qual a familiaridade desses estudantes com a narrativa lobatiana é fundamental para que se tenha uma análise com dados descontaminados do enredo em questão e também propicia a averiguação da proximidade desses alunos com os textos escritos em prosa.

Na terceira pergunta foi questionado se eles gostaram da história do cavaleiro andante. Dos seis alunos, dois responderam que sim, porque Dom Quixote conseguiu realizar seu sonho de ser cavaleiro andante. Já o aluno 2 disse que gostou da história mesmo a linguagem sendo difícil, "pois fala das aventuras dele e dá emoção ler este livro". Os demais disseram que não gostaram da história devido à linguagem muito difícil, com palavras complicadas, difícil de entender, por não acharem a história interessante, por não falar exatamente da história de Dom Quixote e, sim, de suas aventuras.

A quarta questão trata das personagens que compõem a história. A maioria dos alunos listou Dom Quixote em primeiro lugar, Dona Benta e Emília empatadas, Visconde em terceiro e, depois, citaram os demais como Tia Nástácia, Narizinho, Pedrinho, Rabicó, Sancho, Rocinante, a ama, a sobrinha de forma aleatória. O protagonista liderou o primeiro lugar na memória dos alunos, demonstrando a força da presença dessa personagem no imaginário infantil.

Para que fosse reconhecido o entendimento do enredo pelos próprios estudantes, foi perguntado, na questão seguinte, se eles conseguiram compreender a história. A maioria das respostas foi negativa, exceto o aluno 2, que respondeu ter compreendido a história, "pois falava das loucuras do cavaleiro até a sua morte". Os demais leitores retrataram que não conseguiram entender completamente o enredo devido às palavras difíceis, estranhas, com linguagem complicada, com isso "se tornou enjoado" (aluno 1). Outros dois leitores

salientaram que entenderam mais ou menos a história e deram as justificativas já mencionadas para esse não entendimento.

No sexto questionamento está presente uma pergunta que se refere aos desenhos dessa edição lobatiana (2004): o livro possui desenhos atrativos? Dois alunos responderam que sim, entretanto os demais assinalaram que não. As ilustrações em preto e branco não agradaram a maioria dos estudantes desse grupo.

Os alunos responderam sobre qual capítulo chamou mais a sua atenção e foi pedido que descrevessem o porquê dessa escolha na questão 7. Três alunos selecionaram o primeiro capítulo, "Emília descobre o Dom Quixote", porque observaram o interesse de Emília pelos livros, também porque foi o mais engraçado, devido à cena da queda do livro em cima do Visconde, em que Emília guardou o caldo da ciência e nem se preocupou com o Visconde. Os demais foram singulares em suas respostas, citando o terceiro, "Primeiras aventuras", e quarto capítulos, "Terrível combate", porque foi a primeira saída e aventura vivida por Dom Quixote; o quinto, "D. Quixote volta para casa. A queima dos livros", e sexto capítulos, "Primeiras aventuras em companhia de Sancho", porque foi nessa parte que eles queimaram a biblioteca e fecharam a porta dela com cimento. Um aluno respondeu que foi o capítulo "Aventuras na estalagem", já que foi esse o sorteado no dia para ele explicar e é o que ele lembra mais. Para finalizar, foi citado o capítulo da doença e morte de Dom Quixote, por retratar "sua triste morte", diz o aluno 2. Os alunos apresentaram as suas opiniões diante dos capítulos lidos, enfatizando a aproximação com partes da narrativa e seu distanciamento das demais.

Na oitava pergunta, pediu-se que o aluno descrevesse com as próprias palavras como era Dom Quixote. A maioria o descreveu sendo uma pessoa sonhadora, um cavaleiro andante que fazia coisas certas e erradas, que gostava de ler livros de cavalaria e que, de tanto ler esses livros, acabou ficando louco. Referente ao seu aspecto físico foi mencionado que era feio, magro, alto, velho, com pouco cabelo e "bigodudo". O aluno 2 descreveu que ele morava na aldeia da Mancha, que tinha cerca de 50 anos, cachorro magro no quintal, tinha biblioteca de livros e um cavalo. Os alunos descreveram mais características físicas do que psicológicas.

Na nona pergunta o aluno deveria responder quem era o amor de Dom Quixote e descrever essa personagem que encantou o coração do cavaleiro da Triste Figura. A maioria lembrou que o nome verdadeiro dela era Aldonsa, que era uma camponesa e uma moça feia, entretanto aos olhos de Dom Quixote era a mais linda daquela região, mas como o nome verdadeiro dela soava vulgar, resolveu chamá-la de Dulcinéia.

A décima questão diz respeito ao fiel escudeiro de Dom Quixote e da promessa que ele fez ao seu companheiro. Todos os estudantes lembram que se tratava de Sancho Pança e o presente por acompanhar o cavaleiro andante em suas aventuras era o governo de uma ilha. O fato de ser prometida uma ilha a Sancho não foi esquecido pelos leitores, ao contrário sabiam que o escudeiro estava ajudando o cavaleiro porque iria ganhar sua recompensa.

A presença de Dona Benta como contadora da história foi discutida na questão seguinte. Na décima primeira questão foi discutido a respeito da adaptação que se fez necessária da obra cervantina por meio de Dona Benta para que toda a turma do Sítio pudesse entender a história. Três alunos disseram que necessitava da intervenção de um adulto, porque Cervantes havia escrito em espanhol, dando a explicação que assim teriam palavras difíceis. Os demais justificaram suas respostas na mesma linha de pensamento, ou seja, dizendo que a linguagem era muito difícil de entender (inclusive o aluno 2). Dessa forma, precisavam que alguém lesse com palavras mais fáceis, para que conseguissem compreender a história.

Foi questionado também qual personagem do Sítio se parece com Dom Quixote. Três alunos responderam que a personagem que mais se identifica com o cavaleiro andante é Emília, porque ela teve atitudes parecidas com as de Dom Quixote, é sonhadora, alucinada, e teve uma hora em que ela ficou louca como ele e queria ser cavaleiro andante também, fazendo do Rabicó o seu Rocinante e, ainda pegou uma vassoura para ser sua lança. Para os outros, quem se parecia fisicamente com o Cavaleiro da Triste Figura é o Visconde pelo rosto, pela barbinha, pelo nariz, além de ser alto e "magricela" (aluno 2). Entretanto, um dos alunos ficou dividido, porque segundo ele fisicamente seria o Visconde, mas por dentro seria Emília, porque ela é inteligente, destemida e sonhadora como Dom Quixote.

A décima quarta pergunta tratava do que aconteceu com o Visconde no início da história. Três alunos descreveram que o Visconde foi esmagado pelos livros que caíram da prateleira e contaram ainda que nesse momento saiu o seu caldinho da ciência, mas não mencionaram que Emília foi a protagonista dessa travessura. Já os outros mencionaram que a responsável foi Emília, que deixou cair os livros em cima do Visconde, deixando-o desmaiado embaixo do livro: "A desastrada da Emília deixou o livro cair em cima do coitado" (aluno 4).

Ao serem questionados, na décima quinta questão, por que Dom Quixote ficou louco, a maioria respondeu que ele acabou assim devido aos tantos livros que lia, mas não especificaram o gênero. E um respondeu que ele gostaria de ser cavaleiro andante para vencer todas as guerras. Os alunos entenderam que, devido à quantidade de leituras realizadas pelo cavaleiro andante, a loucura floresceu em sua mente, levando-o a sair pelo mundo a fora buscando ajudar os fracos e oprimidos, mesclando realidade e ficção a todo momento.

Na décima sexta questão foi perguntado qual das aventuras do cavaleiro andante mais chamou a atenção do aluno e as respostas foram diversificadas. Dois alunos (1 e 3) descreveram a cena em que ele estava na floresta e salvou à primeira vítima (um menino amarrado numa árvore e que estava apanhando de seu patrão), os alunos 4 e 5, quando Dom Quixote encontra um cavaleiro que quer brigar com ele. Dom Quixote aceita e vence o inimigo, descobrindo depois que era, na verdade, um de seus amigos disfarçados para fazê-lo retornar para a casa. Quando "ele 'enfrentou.[22] os moinhos de vento que ele achava que eram gigantes". E Quando luta com o Cavaleiro da Branca Lua, porque segundo o aluno foi emocionante e no último capítulo, na passagem da sua morte, em que descobre que não era cavaleiro andante. Cada aluno retratou as passagens que mais lhes agradou, demonstrando singularidades na recepção leitora da narrativa, mesmo naquelas que foram citadas por dois alunos.

Os alunos foram questionados se o presente ganhado por Sancho Pança foi mesmo dado por Dom Quixote. Todos os alunos responderam que sim, que ganhou a ilha de seu amigo por recompensa. Apesar da resposta afirmativa ao desenrolar do fato, surgiram algumas versões: um disse que Sancho ganhou a ilha, mas quando Dom Quixote morreu, ele não conseguiu mais cuidar dela sozinho; noutra que ele ganhou sua ilha e, depois, não quis mais administrá-la; que antes de Dom Quixote morrer ele deu 200 escudos de outro e a ilha para Sancho; e a outra foi que Sancho ganhou a ilha, governou e desistiu de ser cavaleiro. Percebe-se nesse momento que os alunos não compreenderam o enredo na integra, afinal não foi o próprio Dom Quixote que entregou a ilha a Sancho, mas sim o duque e a duquesa.

Na décima oitava questão, foi perguntado o que aconteceu com Dom Quixote no final da história. A maioria das respostas foi que ele ficou doente e morreu sabendo que não era mais um cavaleiro andante. O aluno 2 respondeu da seguinte maneira: "Ele ficou muito dolorido na luta contra o cavaleiro da Lua Branca e morreu". O falecimento da cavaleiro foi recebido pelos estudantes de acordo como estava descrito na narrativa lobatiana, com excessão aos acréscimos do aluno 2.

Para encerrar, questionou-se a respeito da morte do cavaleiro andante. Emília, ao ver que Dona Benta estava terminando a história com a morte de Dom Quixote, se revolta. Então, foi pedido para que o aluno explicasse o que Emília pensava a respeito desse final e se ela concordava ou não com esse desfecho da história, ou até mesmo se ele merecia outro fim e qual. Todos os alunos assinalaram que Dom Quixote deveria ter outro fim, embora soubessem

[22] Aspas colocadas pelo próprio aluno.

que todo mundo um dia virá a falecer. De acordo com a maioria dos estudantes, Dom Quixote deveria ter tido uma oportunidade de se tornar realmente um cavaleiro andante ou pelo menos ter ajudado alguém ou alguma terra, como sonhava sem tantas ilusões. Ele deveria viver mais aventuras, já que ele era um homem corajoso, que gostava de ajudar as pessoas. Ele merecia viver mais, porque era um bom cara.

Todos os alunos responderam as questões e disseram ao término da atividade que gostaram de colocar as opiniões deles no papel. Ao fim desse encontro, marcou-se como tarefa para o quinto encontro o livro *Dom Quixote das crianças* em HQs com a leitura até a página 24.

6.1.3 Estudo 2: Círculo de leitura (HQs)

Todos os alunos fizeram a leitura das páginas propostas para essa quinta tarde pedagógica e disseram que foi difícil não ler o resto, porque essa história em quadrinhos estava muito legal. Dessa forma, a professora/pesquisadora iniciou o quinto encontro da "Oficina de Leitura" apresentando o livro e fazendo inferências para discussões, afinal os alunos já conheciam esse objeto: o livro e seu enredo. Mas, será que a história está descrita da mesma forma que Lobato a escreveu? Para elucidar essa e outras questões, foram iniciadas as perguntas orais aos jovens leitores desde uma análise da capa ao seu conteúdo em si. As perguntas feitas pela professora/pesquisadora para discussão oral foram: 1. Quais os elementos que mais lhe chamaram a atenção na capa do livro?; 2. As cores são relevantes? Por quê?; 3. Dom Quixote que aparece na capa, era o imaginado por você? E o Sancho Pansa? O Rocinante? 4. Pelas imagens mostradas na capa podemos imaginar o que nos espera no decorrer do enredo? 5. Quem faz a introdução da história com uma vasilha na cabeça, uma tampa como escudo e uma vassoura em prontidão para sua defesa caso haja brigas? Você já conhecia essa personagem? De onde?

Todos os estudantes participaram com entusiasmo querendo expor suas opiniões e conhecimentos da leitura que estavam fazendo.

De forma sucinta, os alunos descreveram o que viam e falaram a respeito da leitura realizada sobre esse livro, destacando quais os benefícios para a compreensão da narrativa que é transmitida pelas histórias em quadrinhos, considerando as imagens uma

alternativa de eles entenderem a história com mais facilidade. Destacaram os atrativos estéticos que agora a história possui, os movimentos das personagens, o jogo de luz e sombra, as figuras de linguagem que ali estava presentes, como a onomatopéia no momento da queda do livro em cima do Visconde. Comentaram sobre o cenário dos episódios, sobre a ambientação desenhada nos quadrinhos. Consideraram muito interessante a personagem de Dom Quixote agora serem representado pela própria personagem do Sítio do Picapau Amarelo. Elogiaram o formato dos quadrinhos, a sequência lógica da história, porque percebiam se a expressão facial das personagens condizia ou não com o que estava acontecendo na história, se estavam gostando ou não daquelas aventuras. Perceberam que, para o narrador, as falas eram em um espaço retangular já para as falas diretas as personagens faziam uso de balões.

E o círculo de leitura foi iniciado com entusiasmo pelos jovens leitores, não houve dificuldade com o significado de palavras ou expressões ali expostas. Eles comentaram que os personagens agora são os próprios personagens do Sítio. Contaram detalhadamente o que se passou na história quadrinhística e revelaram que não pararam suas leituras até onde foi sugerido, inclusive alguns leram quase toda a história.

É relevante salientar que eles sempre faziam comparações com o primeiro livro lido, comentando que em HQs era mais atrativo, legal, tinha mais movimento (dinâmico). Como tarefa, foi sugerida a leitura das páginas 25 a 40.

Na sexta tarde pedagógica os alunos se apresentaram muito satisfeitos com a leitura realizada. Foi iniciado o encontro com o Círculo de Leitura. Neste, o capítulo que abriu a fala dos alunos foi “O escudeiro Sancho” e a aventura de Dom Quixote pelos moinhos de vento. Os alunos acharam divertida a confusão ilusória do cavaleiro em trocar moinhos por gigantes, mas disseram que o pobre cavalo Rocinante não merecia ter se machucado por causa da loucura de Dom Quixote. Os alunos comentaram sobre as onomatopeias (*brolorotachabum, plac Tum, tóim, pléim, sploft scabum*) que estão presentes nas HQs. Eles as consideram interessantes, porque dão suporte para eles imaginarem a cena juntamente com os sons. Também, compreenderam, agora, o que é o “elmo” de Mambrino que já havia sido mencionado no livro em prosa; segundo eles, a imagem permitida pela HQs fez com que identificassem melhor esse objeto.

Depois, descreveram o episódio do “Cavaleiro dos Espelhos” tal qual estava na HQs. Salientaram que o Rocinante aparecia mais na história (p. 34 e 35), ou melhor, que dava para acompanhar as expressões do cavalo e que ele sabia que as aventuras propostas por Dom Quixote não iriam levá-los a muitas vitórias. O neologismo Dom “Caixote” usado por Tia

Nastácia, também foi comentado pelos alunos. O último capítulo dessa tarde foi “A ilha de Barataria”. Os alunos complementaram a fala do aluno que foi sorteado para contar esse episódio dizendo que essa parte é aquela em que o duque e a duquesa (Cuca) prometem e dão uma ilha provisoriamente para Sancho. Um dos alunos ressaltou que até o jeito de falar caipira de Sancho estava ali retratado em sua fala. Os alunos disseram que não tinham entendido essa parte no livro integral e acompanharam o desfecho da história.

Um dos alunos disse que não era para Sancho ter largado seu reino e ido atrás de Dom Quixote, afinal tinha sido tudo armado para tirá-lo do cargo, mas ele não sabia. Os demais concordaram, mas, Sancho não quis mais saber de ser governador e foi embora daquele lugar. Os alunos disseram que Sancho (Rabicó) estava com muita sorte, porque pela estrada em que estava galopando com seu burrinho caiu num buraco e logo apareceu Dom Quixote para salvá-lo. Uma coincidência muito proveitosa para ele.

Os estudantes comentaram que, se isso acontecesse na vida real, seria muito difícil alguém aparecer para ajudá-lo. Aqui os alunos fizeram um paralelo com o real e o fictício. Mesmo a imaginação deles estando envolvida pela leitura realizada, eles não perderam a noção das possibilidades reais dos fatos serem realmente vividos no cotidiano. E o Círculo de Leitura terminou por essa tarde com a tarefa para o próximo encontro, já entendida por todos: ler as últimas páginas do livro em HQs. Todos anotaram em suas agendas essa tarefa.

Na sétima (última) tarde pedagógica, os alunos chegaram bem animados dizendo que esse livro foi muito legal e divertido. Nem bem entraram e já pediram para que fosse iniciado o Círculo de Leitura com o capítulo do “Cavaleiro da Branca Lua”. No final desse capítulo é retratada a morte de Dom Quixote. Nesse momento, um aluno comenta que gostou do quadrinho negro que retratava o falecimento do cavaleiro e que a Emília estava certa em não deixar Dom Quixote morrer. Assim, foi contado o último capítulo, que é intitulado “Um final diferente” criado pela imaginação de Emília. Os estudantes só comentaram que no final ficaram com pena do Visconde (agora já recuperado), porque com certeza, Emília iria convencê-lo a entrar em mais uma confusão com suas “ideias malucas”, como mencionou o aluno 3.

Ao explicar aos estudantes sobre a próxima atividade proposta, que era a aplicação do questionário sobre leitura realizada, os alunos surpreenderam a professora/pesquisadora pedindo para que fosse realizado um teatro da narrativa do livro. Não com o de Lobato, mas da HQs. Como foi percebida a empolgação dos estudantes, a professora/pesquisadora aprovou a ideia. Foi elaborado o texto, pelos alunos, e houve os ensaios. As apresentações foram realizadas após a aplicação do questionário.

A seguir estão algumas fotos que ilustram esse momento de interação entre leitor/obra/autor (porque os estudantes se embasaram no que leram em HQs e criaram seu próprio texto), bem como percebeu-se a troca de experiências entre os próprios colegas na confecção do cenário e no momento de apresentação do teatro.

Figura 14 – Alunos do Grupo I confeccionando o cenário para o teatro.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 15 – Alunos do Grupo I confeccionando o cenário para o teatro sempre com o auxílio do livro em HQs.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 16 – Ensaio do Grupo I no pátio da escola.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 17 – Ensaio do Grupo I com os alunos empenhados no ensaio.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 18 – Grupo I ensaiando o teatro com o livro em HQs sempre às mãos.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 19 – Alunos do Grupo I apresentando o teatro.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 20 – A luta que Dom Quixote com o Cavaleiro dos Espelhos, que na verdade é Sansão Carrasco.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 21 – Alunos do Grupo I apresentando o teatro.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 22 – Grupo I - Cavaleiro da Branca Lua convidando Dom Quixote, acompanhado de seu fiel escudeiro Sancho Pança, para um duelo.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 23 – Grupo I encenando o teatro sempre com auxílio do livro em HQs.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

No decorrer das falas dos alunos, durante o ensaio, percebeu-se que a personagem Dona Benta era concebida como a mediadora da leitura da turma do Sítio para com esses jovens leitores, porque comentaram que era por intermédio das falas da avó que puderam ter acesso a essa narrativa e que eram proveitosas as leituras que ela fazia. Todos os alunos empenharam-se para a realização do teatro. Foi uma atividade prazerosa, enriquecedora, porque, além de interagirem com a leitura da HQs, trabalharam em grupo para que a encenação se realizasse.

6.1.4 Estudo 2: Análise dos dados do questionário final (resultados dos estudos 1 e 2)

Ao término da leitura do livro em HQs, os alunos responderam o último questionário referente a esta pesquisa. As perguntas estão direcionadas para se fazer um paralelo entre o livro em prosa e o livro em histórias em quadrinhos.

Os alunos, com muita atenção, responderam todas as seis questões.

A primeira questão refere-se a qual dos dois livros (integral ou em HQs) eles gostaram mais de ler. Dos seis alunos, cinco assinalaram o livro *Dom Quixote das crianças* em histórias em quadrinhos (HQs) por ser mais ilustrado, com uma linguagem mais fácil de compreenderem, "com palavras modernas", como respondeu o aluno 4. Dessa forma, o aluno 3 mencionou que o livro não se torna "chato", ao contrário da leitura integral de "Monteiro Lobato, que tem uma linguagem difícil" (aluno 5). Já o aluno 2 respondeu que prefere o livro integral, porque "tem todas as aventuras e é mais emocionante do que em HQs, já que nesse não tem todas as aventuras". Os alunos fazem um paralelo das leituras realizadas e apontam suas preferências enquanto leitores. Apontam quais as contribuições da aplicabilidade de uma linguagem acessível visual nas HQs, que se diferencia da linguagem de Lobato.

Como os alunos reclamaram inúmeras vezes da linguagem empregada por Lobato no livro integral, a segunda pergunta diz respeito a essa escrita rebuscada na concepção dos estudantes, se é ou não de fácil compreensão e o porquê dessa dificuldade em entendê-la. Todos os alunos responderam que a linguagem não é de fácil compreensão. Afinal, como menciona o aluno 4, "tem muitas palavras antigas". Outros responderam que as palavras são estranhas e com linguagem "enjoada" (aluno 1). O aluno 5 escreveu que essa linguagem utilizada no livro em prosa "é mais para adultos", devido às palavras difíceis. O aluno 2 disse

“que é mais ou menos”, mas isso não atrapalha a leitura dele, afinal “isso deixa o livro mais legal”.

A terceira questão traz à cena o inverso questionado na segunda pergunta: se nas histórias em quadrinhos, a linguagem é mais fácil de compreender. A resposta foi unânime. Todos os alunos afirmaram que a leitura das HQs foi de melhor compreensão por parte deles, porque, segundo o aluno 3, “são escritas mais fáceis, de forma mais compreensiva e mais legal, que interage mais com o leitor”. O aluno 4 ressaltou que, além de ser mais fácil de entender, “as HQs estimula a leitura das crianças e para as crianças compreenderem, é necessário que seja uma linguagem fácil”. Outros dois, além dessas colocações, mencionaram ainda a presença dos balões que acreditam ser relevantes também para a interação entre leitor e texto (falas das personagens). A preferência pela leitura da história em quadrinhos prevaleceu entre os jovens leitores.

Na quarta questão foi perguntado sobre as ilustrações que estão presentes nos dois livros: em preto e branco no livro em prosa e as coloridas nas HQs. Se essas imagens contribuem para que a história seja entendida e por quê. Dos seis alunos, cinco responderam que preferem as imagens coloridas das HQs, pois “se torna fácil de entender o que se passa na história, os desenhos são mais divertidos” (aluno 4); “as HQs coloridas dão mais alegria na hora da leitura e chama muito a atenção” (aluno 5). Para o aluno 3, “a imagem colorida deixa a pessoa interagir com a leitura que faz e na história de Lobato são poucas as imagens” que permitem isso. Os outros responderam em consonância ao que já foi mencionado, exceto o aluno 2 que respondeu que prefere “em preto e branco, porque assim tem mais texto e fica mais legal para ler”. As ilustrações foram atrativas do ponto de vista das crianças e, dessa forma, contribuíram para com a recepção leitora da narrativa.

A quinta questão propõe uma discussão sobre o final da história reelaborada por André Simas, na HQs, que mudou o rumo daquele enredo escrito por Lobato. Foi questionado se os estudantes gostaram dessa mudança ou se preferem aquela escrita no livro em prosa. Dos seis alunos, cinco responderam que preferiram essa mudança, porque Simas “inovou, mudando o rumo da história” (aluno 6), “porque ficou melhor sem a morte de Dom Quixote, pois não fica bem a morte em histórias infantis” (aluno 5), “pois o legal das histórias é que todos acabem “felizes para sempre” (aluno 3), “ninguém merece o fim como Lobato tinha feito. Achei muito triste” (aluno 4), “eu gostei, porque ele merecia viver e ser feliz’ (aluno 1). Já o aluno 2 respondeu que não, preferindo “como estava no livro de Lobato”. Os estudantes apreciaram o final descrito nas HQs. Esse final da narrativa vinha ao encontro do horizonte de

expectativas dos jovens leitores, pois buscavam em sua imaginação novas aventuras para o cavaleiro andante que só seriam possíveis se Dom Quixote vivesse.

A última questão diz respeito ao final escrito por Lobato e qual o final merecido para Dom Quixote. Caso os alunos tivessem sugestões, poderiam fazê-las. Dos seis alunos, quatro responderam que sim, que pensando na história escrita por Lobato ele merecia ter morrido, pois "ele apanhava muito em suas batalhas, ele não era esperto e foi por ser "tanso" que ele morreu" (aluno 5), "pois é uma história muito dramática e acho que, como ele morreu, ele fez história" (aluno 6), "Quixote era um homem bom, deveria ter mais travessuras antes de falecer. Então, para mim, ele poderia viver por mais uns dois anos com muitas travessuras..." (aluno 4), "esse é o final certo, é legal e ao mesmo tempo emocionante", relatou o aluno 2. Já os outros dois responderam que não, que Dom Quixote não merecia esse fim: "ele não merecia ter o final triste, porque ele era só um sonhador, mas um sonhador feliz. Ele deveria viver e ser feliz sem maluquices e ser feliz com sua família" (aluno 1), "não merecia o final de Lobato, pois ele foi um homem que não merecia ter morrido no final" (aluno 3).

Após analisar as respostas dos alunos em ambos os questionários, pode-se destacar alguns pontos-chave para se compreender a recepção leitora desses dois títulos literários no grupo experimental.

Os estudantes apresentaram dificuldades no entendimento das palavras usadas no livro em prosa provocando um distanciamento estético entre leitor e obra. Com isso, houve uma quebra no horizonte de expectativa diante do objeto idealizado em primeira instância pelos alunos, tanto que mencionaram que não se deve julgar o livro pela capa, porque a princípio eles gostaram dela. Desta forma, afirmaram que a leitura desse livro não foi prazerosa, nem trouxe animação para quererem novas leituras nessa mesma perspectiva.

Entretanto, com a proposta de leitura da mesma história redesenhada para os quadrinhos, os alunos apresentaram-se renovados para adentrar e se divertirem com as aventuras quixotescas. Ao entrarem em contato com a história em quadrinhos, com o mesmo enredo proposto no livro anterior, mas agora recontando com uma roupagem singular a já apresentada, reconsideraram suas expectativas em relação às narrativas do cavaleiro andante e se encantaram com as adequações propostas por Simas para cativar o público jovem-leitor. Inclusive, os estudantes elogiaram o livro pela síntese da história escrita nos variados balões que compuseram a narrativa. Também elogiaram os desenhos salientando serem atrativos.

Com a leitura da história em quadrinhos houve uma aproximação do horizonte de expectativa idealizado (e no decorrer da leitura, concretizado) pelos leitores (desde o primeiro contato com a capa do livro) para com a narrativa lida, pois houve a junção do esperado com

o lido/vivido pelo imaginário infantojuvenil dos leitores. Isso foi perceptível por meio da leitura realizada tanto nas linhas quanto nas entrelinhas do enredo remodelado para a HQs, não aflorando um distanciamento estético, mas sim o gosto pela leitura do enredo e do próprio gênero em si, possibilitando o desejo de leituras de outros livros adaptados, ou melhor, desencadeando a aproximação desses estudantes para com outros livros adaptados, já que essa experiência de leitura foi proveitosa para as crianças.

Dessa forma, trabalhou-se nos dois momentos de leitura também com a observação por parte da pesquisadora, prática que possibilitou perceber como respondem esses leitores ao texto escrito em prosa, bem como a sua remodelagem iconográfica tendo o enredo original, também, sofrido alterações. Esse fato está presente nas publicações dessa nova era midiática, das HQs direcionadas à adaptação de clássicos literários.

Sempre foram levadas em consideração as premissas estruturais da Estética da Recepção: recepção, rejeição (texto em prosa)/ aceitação (texto em história em quadrinhos), por meio do contato e da interpretação da obra, a distância estética que reporta/repousa no plano das ideias (a imagem e conceito pré-determinados pelo primeiro contato visual com as capas dos livros e, por conseguinte à leitura, observou-se que os estudantes preferiram a leitura do texto em HQs, o que inibiu o distanciamento estético provocado pela leitura da narrativa em prosa).

Assim, a concretização da leitura e a absorção dos enredos expostos nos dois títulos que se apresentam em dois gêneros distintos: prosa (integral) e em HQ, os alunos obtiveram maior aceitação e entendimento depois da segunda leitura realizada (HQ). Tal fato fica evidente pelo jogo lógico de perguntas e respostas que se articulou não só no decorrer da leitura, como foi observado no Círculo de Leitura, mas sim depois dela, realizado por meio da aplicação do questionário sobre as leituras que foram desenvolvidas durante essas semanas, que permitiu a investigação desse fenômeno receptivo da obra literária desses dois gêneros especificamente neste grupo experimental.

6.2 GRUPO DE CONTROLE (GRUPO II)

6.2.1 Estudo 3: Círculo de leitura (HQs)

O estudo 3 foi possibilitado por meio da "Oficina de Leitura", realizada com o grupo de controle. Foram propostas e executadas todas as etapas feitas com o grupo experimental, mas em ordem inversa.

Na primeira tarde pedagógica da "Oficina de Leitura" proposta aos alunos do grupo II, foi introduzida a noção do que vem a ser uma obra literária universal e, também, discussões pertencentes ao universo literário como o conhecimento deles sobre as histórias fictícias, personagens e ambientação. Foram perguntados quais os livros que os alunos leram nas férias, qual gênero lhes atrai mais, as personagens que mais lhes chamaram a atenção. Os estudantes apresentaram-se receptivos. Todos comentaram a respeito dos livros que tinham lido nas férias; dos seis alunos, dois leram um gibi e o restante leu um livro cada um; disseram que gostam de ler livros com ilustrações, principalmente mangás (4 alunos) já os outros dois disseram que preferem integral.

O livro *Dom Quixote das crianças*, em HQs, adaptado por André Simas, foi introduzido com uma breve explanação sobre o fidalgo chamado Dom Quixote, e também, foram mencionadas algumas informações sobre o escritor Miguel de Cervantes Saavedra. A professora/pesquisadora comentou a respeito da obra *El Ingenioso Hidalgo Dom Quixote de La Mancha* e do escritor espanhol. Os estudantes disseram que desconheciam a história e o protagonista dela (igualando-se ao grupo I). Com essa introdução, os alunos ficaram interessados em lê-lo.

Como foi explicado ao outro grupo, o livro *Dom Quixote das crianças* em quadrinhos, de André Simas é a adaptação do enredo de mesmo título publicado em 1936 por Lobato. Este por sua vez, fez a adaptação do clássico original cervantino dando subsídios para que as crianças entrassem em contato com essa obra literária até então (início do século XX) direcionada ao público adulto.

Para que os alunos tivessem uma aproximação material com o suporte da narrativa, foi passado de aluno a aluno o livro em HQs. Dessa maneira, puderam observar vários aspectos estéticos como: as cores, o formato da letra, a capa, as ilustrações, o número

de páginas, dentre outros. Ao final, à primeira vista, os alunos acharam a história interessante e divertida.

Conforme estava programado, os estudantes foram levados até a sala de informática para pesquisarem a respeito da vida e obra do escritor Monteiro Lobato. As perguntas iniciais que basearam a pesquisa foram as mesmas propostas ao grupo I. O objetivo foi conhecer a biografia de Lobato.

Assim como no grupo I, essa atividade gerou uma discussão muito interessante. Os estudantes desconheciam muitas coisas a respeito do escritor, e a pesquisa foi uma oportunidade de trocar informações enriquecedoras para o conhecimento de cada um.

Toda a discussão e as opiniões dos estudantes foram ouvidas nesse mesmo encontro e, ao seu término, como tarefa, os alunos ficaram responsáveis por realizar a leitura do livro *Dom Quixote das Crianças*, adaptação em HQs por André Simas, observando desde a capa, a escrita nos balões, as ilustrações, até a página 24. Os procedimentos para contarem a história seriam os mesmos aplicados para o grupo I: Círculo de Leitura, com o sorteio do nome do estudante que apresenta no início da atividade.

Para iniciar a segunda tarde pedagógica, foram feitas algumas perguntas pertinentes à contextualização do leitor com o suporte e com a narrativa em leitura. Dos questionamentos propostos pela professora/pesquisadora antes do Círculo de Leitura, tem-se 1. Quais os elementos que mais lhe chamaram a atenção na capa do livro? 2. As cores são relevantes? Por quê? 3. Dom Quixote que aparece na capa era o imaginado por você? E o Sancho Pansa? O Rocinante? 4. Pelas imagens mostradas na capa podemos imaginar o que nos espera no decorrer do enredo? 5. Quem faz a introdução da história com uma vasilha na cabeça, uma tampa como escudo e uma vassoura em prontidão para sua defesa caso haja brigas? Você já conhecia essa personagem? De onde? Todos os estudantes participaram contribuindo com suas opiniões oralmente.

Entretanto, é relevante mencionar que antes de responderem às perguntas, a pesquisadora/professora foi surpreendida com uma: “Foi mesmo a Emília quem escreveu essa introdução, professora?” (aluno 7). A pesquisadora/professora perguntou por que da curiosidade e ele respondeu que até metade do texto parecia ser a Emília, mas depois não, quando ela escreve o quarto e quinto parágrafo. A pesquisadora/professora pergunta, novamente por que? Ele responde: “Ficou estranho, porque Emília é autoritária, é difícil vê-lo sendo simpática e convidando os outros para conhecer algo”. Os outros estudantes não concordaram, pois disseram que não leram tantos livros com a Emília para saber disso.

A discussão prosseguiu com as demais questões elencadas no parágrafo anterior, mas os alunos estavam inquietos para começar logo o Círculo de Leitura. Estavam entusiasmados para contar para a pesquisadora/professora e aos colegas as aventuras de Emília, do Visconde e de Dom Quixote.

Todos os estudantes foram receptivos quanto ao livro, à leitura realizada e estavam motivados a dar suas opiniões a respeito das experiências. Assim, participaram com entusiasmo, querendo expor suas opiniões e conhecimentos a respeito da leitura realizada.

As colocações desses alunos foram ao encontro do que o grupo experimental (grupo I) havia mencionado. Os alunos do grupo de controle (grupo II) descreveram o que leram nas linhas e entrelinhas, fazendo uso não só do código linguístico, mas também das ilustrações para o entendimento da narrativa. Disseram que adoraram o formato do livro desde a capa por recortar do livro certas passagens e expô-las de antemão e pelo desenho de Dom Quixote montado no Rocinante com os acessórios: escudo e espada na mão, além de destacarem que foi a Emília que escreveu a introdução do livro.

Os estudantes adoraram as ilustrações coloridas, os desenhos bem traçados que demonstram variados sentimentos como dor, alegria e tristeza, as ações das personagens, ressaltaram as figuras de linguagem (onomatopéia foi uma delas). Também, falaram sobre os lugares em que se passavam as aventuras, sempre com a presença da natureza.

Na primeira página da história, que se passa na biblioteca de Dona Benta, os jovens leitores comparam a quantidade de livros daquela prateleira com a da escola. Ainda notaram que, de acordo com o desenho, todos os livros da estante eram para crianças e perguntaram sobre aqueles que desconheciam, como *Moby Dick, Urupês, Ivanhoé, Odisséia, Viagem ao centro da Terra, O Flautista de Hamelin, O morro dos ventos uivantes, Oliver Twist, Quo Vadis.* Ao observar tantos livros nessa página, o aluno 8 disse: “Pois é, quantos livros ainda temos que ler. Isso que a gente pensava que tinha lido muitos livros”. O aluno 9 completa: “Você que pensa, não lemos nem metade do que já foi escrito”. A imagem despertou, nos alunos, a amplitude do mundo literário e a possível posição deles enquanto leitores.

Gostaram da disposição gráfica de algumas cenas mostradas desde a capa do livro (como se fosse um resumo da história). Segundo eles, isso ajudou a despertar a vontade de ler o livro e descobrir as aventuras que aquelas personagens da capa estavam vivendo. Gostaram da expressão facial das personagens, porque a maioria representava estar feliz. Perceberam que as falas do narrador eram escritas num espaço retangular, já em falas diretas as

personagens faziam uso de balões, mas disseram que é assim mesmo, porque nos gibis também aparece assim.

O Círculo de Leitura foi iniciado com entusiasmo pelos jovens leitores. O protagonista Dom Quixote cativou-os. Todos elogiaram a história e contaram perfeitamente o que havia se passado com a turma do Sítio e com o cavaleiro da Triste Figura. Disseram que Emília foi irresponsável ao mexer no nome do autor do livro. Afinal, como disse o aluno 12, "os nomes são escritos de maneiras diferentes até nos dias de hoje". Salientaram que foi graças à Dona Benta que Emília e as crianças ficaram sabendo dessa história, porque a Emília encontrou/derrubou o livro da estante, mas quem leu e foi contando a história foi a avó de Pedrinho e Narizinho. Nenhum aluno perguntou sobre o significado das palavras nem de aspectos culturais ou históricos, pois haviam compreendido o que estava presente no texto. A leitura realizada foi simples e eficiente, já que transmitiu a mensagem que estava na expectativa leitora desses jovens. A maioria confessou que deu vontade de ler todo o livro, mas que respeitou o limite de leitura da tarefa (até a página 24). Para a terceira tarde pedagógica, ficou a tarefa da leitura das páginas 25 a 40.

Na terceira tarde pedagógica, os estudantes entraram na sala falando sobre as aventuras do cavaleiro andante e como foi possível ele confundir uma bacia de barbeiro com um elmo de Mambrino, assim como o grupo experimental. Assim, foi iniciado com o Círculo de Leitura. O primeiro capítulo contado nesse momento, por um dos alunos, foi "O escudeiro Sancho". Assim, como no grupo I, os moinhos de vento foram mencionados, devido à confusão imaginária com os gigantes pelo cavaleiro andante. Entretanto, o que chamou a atenção dos alunos foi o elmo na cabeça de Dom Quixote e a passagem em que Emília quer ser "uma autêntica cavaleira da nobre gravura" (SIMAS, 2009, p. 29). Disseram que nunca tinham ouvido falar no "elmo" que Dom Quixote começou a usar pensando ser um objeto de cavaleiro. Todos disseram que entenderam o que era esse acessório utilizado pelo cavaleiro devido às imagens ilustradas.

Logo foi contado o capítulo do "Cavaleiro dos Espelhos". Assim como o grupo I, os alunos desse grupo de controle foram fiéis à história, descrevendo as cenas tal qual estava no livro. Acharam o Rocinante um cavalo ingênuo por acompanhar Dom Quixote em suas aventuras e sempre se machucar. O aluno 10 disse que, se fosse ele, "ia embora e deixava Dom Quixote sozinho com Sancho e o burrinho".

O último capítulo dessa tarde foi "A ilha de Barataria". Ao discuti-lo, os alunos disseram que aquele sorvete na mão de Sancho mostrava que ele não estava tão preocupado com a nova função de governador da ilha e que foi melhor mesmo o duque e a duquesa terem

aprontado aquilo, porque ele não saberia governar por muito tempo. O fato de ele ir atrás de Dom Quixote foi aprovado pelos alunos, pois disseram que Sancho não conseguiria acertar o caminho de casa sozinho.

Como tarefa para a próxima semana, os alunos se comprometeram a ler as últimas páginas do livro em HQs. Nesse momento, os alunos também, lamentaram que a narrativa estivesse terminando, pois gostaram muito das aventuras que Dom Quixote inventava e vivia.

Na quarta tarde pedagógica, os alunos, ao entrarem na sala, disseram que estavam com pena, porque já havia terminado a leitura do livro, afinal, eles haviam gostado muito da leitura, e disseram que o livro era legal e divertido (da mesma forma que o grupo I). O último Círculo de Leitura do livro em HQs foi iniciado com o capítulo do "Cavaleiro da Branca Lua". O aluno 11 foi o sorteado para iniciar a fala desse capítulo e disse que Dom Quixote teve sorte em ter um amigo assim, que olhasse por ele e quisesse seu bem. Outro aluno ressaltou a expressão cansada do cavaleiro andante e a felicidade da sobrinha e da ama ao tê-lo em sua casa novamente. Os estudantes perceberam a aflição da família, que não sabia por onde andava o cavaleiro, dependendo de notícias trazidas pelos vizinhos. Ao retornar para casa, Dom Quixote ficou de cama por alguns dias, não melhorou e veio a falecer. Nesse momento, os alunos falam da revolta de Emília, que ficou inconformada com essa situação. Para ela, o cavaleiro não deveria ter morrido e os jovens leitores concordaram. Eles disseram que o certo era mesmo ele viver. Assim como o grupo experimental, os alunos disseram que havia muitas coisas para ele aprontar.

Os estudantes ficaram contentes ao ler o final que Emília lhes proporcionou no capítulo "Um final diferente", no qual Dom Quixote não morre, mas sai com os amigos e com a sobrinha para mais aventuras fantásticas. Também perceberam que o livro termina com o mesmo cenário da primeira cena da história em quadrinhos: na biblioteca, com Emília convencendo Visconde a fazer mais uma travessura. Entretanto, não perguntam sobre o livro que a boneca está tirando da estante como o grupo I, mas terminaram suas falas elogiando o livro lido e perguntando se a professora/pesquisadora conhecia outros livros legais nos moldes desse para eles lerem.

Ao término da leitura, os alunos responderam um questionário, cujos dados serão analisados pela pesquisadora no próximo subcapítulo. De tarefa foi pedido que eles iniciassem a leitura do mesmo título, agora escrito por Monteiro Lobato e em prosa. Para a realização do Círculo de Leitura do grupo de controle da narrativa em prosa foram distribuídas as mesmas quantidades de páginas do grupo I, ou seja, do primeiro capítulo "Emília descobre o Dom Quixote" (p. 7) até o décimo terceiro capítulo, "Combate com os carneiros" (p. 39).

É relevante mencionar que os procedimentos para a exposição da narrativa seriam os mesmos aplicados com o grupo I: Círculo de Leitura, e desenho das personagens que cada um gostou na história e, no final do Círculo, a aplicação do questionário final. Este engloba questões pertencentes aos dois livros lidos.

6.2.2 Estudo 3: Análise dos dados do questionário pós-leitura do livro em histórias em quadrinhos (HQs)

Após a realização do Círculo de Leitura do livro *Dom Quixote das crianças* em HQs, foi aplicado um questionário com intuito de coletar dados para verificar quais as contribuições dessa leitura para com recepção leitora da narrativa literária redesenhada aos moldes quadrinhísticos. Sabendo que os alunos estão descontaminados de supostas inferências da leitura do mesmo título em prosa.

A primeira questão que está presente é sobre o gênero em questão: HQs. O aluno costuma ler livros de histórias em quadrinhos? Quatro alunos responderam que sim, são acostumados a fazer leituras de HQs. Entretanto, dois responderam que não, costumam ler livros em prosa. Percebe-se aqui a familiaridade com o gênero em questão por parte dos estudantes.

Dando continuidade, a segunda questão trata da frequência com que o aluno lê livros de histórias em quadrinhos. Dos seis alunos, três responderam que leem livros em HQs de mês em mês, e os outros três, de três em três meses. O grupo apresenta, dessa forma, uma aproximação com o ato da leitura, embora se diferencie no espaço de tempo que levam para ler esses livros, isso se torna relevante para analisarmos suas manifestações no decorrer das leituras propostas.

A terceira questão diz respeito à receptividade da narrativa quadrinhística lida no livro Dom Quixote das crianças, se os alunos gostaram de fazer essa leitura. Todos os alunos responderam que sim, que consideraram o livro divertido, engraçado, legal, a história é interessante, de "linguagem fácil de todos entenderem" (aluno 10) e também, por causa dos desenhos que a compõe. Há duas respostas interessantes que devem ser mencionadas aqui. A primeira é do aluno 12: "Eu sempre me interessei por histórias em quadrinhos. Gostei dessa história, pois eu achei fácil para minha compreensão e achei um texto de muitas aventuras e

também, que me fez virar cada página ansiosa para ler". Aqui há a presença explícita do horizonte de expectativa do leitor perante a narrativa despertado pela leitura de cada página do livro em HQs. Já o aluno 7 elucida outros aspectos: "A história em quadrinhos traz uma linguagem fácil e divertida e as gravuras ajudam a entender melhor o texto". Nesse momento o aluno dá ênfase à linguagem simples empregada na HQs e à imagem iconográfica que a constitui, pois transmite o contexto implícito que está além código linguístico escrito.

Na quarta questão, foi perguntado se eles consideraram a história interessante. A resposta foi unânime, sim. E cada um explicou o porquê. O aluno 7 disse que a narrativa "conta com algumas histórias e aventuras de Dom Quixote de uma forma legal"; o aluno 8 respondeu que "é muito divertido, os personagens são alegres e engraçados", o aluno 9 escreveu que "conta uma história que as crianças gostam de ler". Nesta resposta podemos nos remeter às reflexões presentes na *Barca de Gleyre* (1951), quanto aos pensamentos de Lobato em relação à sua obra direcionada às crianças, pois seu ensejo era escrever narrativas atrativas às crianças. O aluno 10 respondeu que "conta uma nova forma de ler, é mais legal, porque utiliza imagens". Outra vez a presença iconográfica é enaltecida pelos alunos, pois acreditam facilitar a interpretação e o entendimento do enredo. O aluno 11 reforçou o que já havia sido comentado, que "conta uma história que todos gostam" e, por fim, o aluno 12 foi o que respondeu de forma singular: "Eu achei interessante a história, pois todos os sonhos prometidos realizaram-se". Esse aluno fala sobre as promessas feitas por todas as personagens no decorrer da narrativa e que, por mais distante que fossem suas realizações, sempre se concretizaram na visão dele.

A quinta questão traz à cena as personagens que compuseram a história, se os alunos lembravam-se dessas personagens. Quatro dos seis alunos escreveram Dom Quixote por ser o protagonista da história, os nomes de Emília e de Sancho Pança ficaram empatados entre dois alunos e as demais personagens foram citadas, mas não em ordem linear. O protagonista destaca-se entre as demais personagens.

Na sexta questão, pede-se que os estudantes descrevam o cavaleiro andante. As respostas foram interessantes. O aluno 7 respondeu que "Dom Quixote era um homem que gostava de ler aventuras, leu tanto que quis virar um cavaleiro de tão louco"; o aluno 8 disse que: "Dom Quixote era realmente o Visconde. Ele lia muitos livros de cavaleiros e de tanto ler acabou ficando louco e inventou sua própria história"; o aluno 9 foi sucinto: "um cavaleiro, louco e atrapalhado"; o aluno 10 respondeu que "Dom Quixote era um homem de cara pálida, que gostava de ler histórias de aventuras"; o aluno 11 interpretou o cavaleiro andante da mesma forma que o aluno 9: " um cavaleiro (de mentira), louco e atrapalhado"; o

aluno 12 respondeu da seguinte maneira: “Dom Quixote vivia em sua biblioteca lendo e colocava as personagens da história para a vida real”. O protagonista aqui descrito foi lembrado de formas variadas. As colocações são pertinentes e se diferem das descritas pelos alunos do grupo I. Neste, houve mais descrições físicas. Fato que pode estar ligado às inferências das figuras nos processos imaginativos dos leitores. No grupo II, a preocupação foi com o ambiente em que vivia o cavaleiro andante, algumas descrições psicológicas e sobre as características físicas, pouco se comentou.

Na sétima questão foi perguntado quem era o grande amor de Dom Quixote, se ela apareceu nos quadrinhos. Quatro alunos responderam que ela não apareceu na história. Entretanto, o aluno 10 salientou que “ela apareceu só em sombras”. É interessante ressaltar a resposta do aluno 12: “O grande amor de Dom Quixote era Dulcineia. Ela apareceu na história quando Dom Quixote fala que um cavaleiro precisa de uma princesa”. Na verdade, esse aluno recordou da passagem em que o narrador dá ênfase aos pensamentos de Dom Quixote quando este está refletindo se já tinha todos os itens para ser um verdadeiro cavaleiro andante como estava escrito nas histórias que lia e observou que estava faltando uma amada para ele se tornar realmente um cavaleiro andante. “Além de um cavalo, ele precisa de uma amada. Pensou em uma camponesa conhecida sua, por quem tinha admiração, chamada Aldonza, mas resolveu chamá-la de Dulcineia” (SIMAS, 2009, p. 11). Entretanto, esse quadrinho não traz a imagem dela e, sim, um coração com a sombra dela em seu centro. Talvez, seja por isso que os outros negaram a presença dela na narrativa em HQs.

Na oitava questão perguntou-se quem era o fiel escudeiro do cavaleiro andante e como Dom Quixote conseguiu convencê-lo a saírem para aventuras. Todos responderam que era Sancho Pança e que foi envolvido por Dom Quixote, porque este prometeu que ele um dia seria governador de uma ilha. A presença de Sancho agradou os alunos, além de considerá-lo um verdadeiro companheiro das aventuras do cavaleiro andante.

A nona questão diz respeito aos aspectos que contribuíram para o entendimento do texto: o que estava escrito nos balões ou as imagens? A maioria respondeu que as imagens foram fundamentais para o entendimento do enredo. O aluno 7 afirma que “algumas imagens demonstravam o que as falas nos balões não diziam”. O aluno 12 ressaltou também que “as imagens ajudaram muito na compreensão, pois o que eu não entendia na escrita, olhava nas gravuras”. Dessa forma, o código icônico dialogou perfeitamente com as falas dos balões, contribuindo para o entendimento da narrativa. Assim, o problema da HQ é que conduz de modo mais forte a imaginação do leitor, deixando menos espaço para o exercício imaginativo.

A décima questão foi elaborada para observar como os alunos interpretavam a adaptação realizada por Dona Benta, já que o escritor do enredo original era Cervantes. O aluno 7 respondeu que foi "porque a linguagem de Cervantes era muito difícil de ser compreendida pelas crianças"; o aluno 8 menciona que "no livro de Cervantes tinha muitas palavras difíceis que Emília, principalmente, não entendia'; aluno 12: "pois a linguagem escrita por Cervantes era difícil de compreender e Emília queria saber a história. Então "Dona Benta contou". Os demais alunos (9, 10 e 11) compartilharam dessas mesmas respostas dos outros colegas. O acesso dos alunos à leitura literária e o gosto por essa leitura partiu da utilização de uma linguagem simples vinda pela mediação de Dona Benta, que na concepção deles se torna acessível para que compreendam o enredo e se deixam envolver pela história.

Foi questionado na décima primeira questão sobre qual a personagem do Sítio se parece mais com Dom Quixote. As respostas foram surpreendentes. Embora o Visconde já estivesse representando Dom Quixote na narrativa em HQs, somente um aluno (8) respondeu que seria mesmo o sabugo de milho: "O Visconde, pois Dom Quixote era ele na história contada por Dona Benta. E como Emília disse, Visconde adorava ler". Já os demais, responderam que é Emília, "porque ela era um pouco louca igual ao Dom Quixote" (aluno 7); "porque ela se vestiu de cavaleiro e era atrapalhada" (aluno 9); "pois ela era louquinha" (aluno 10); "porque ela pegou uma bacia e disse que era cavaleira e era atrapalhada" (aluno 11); "pois está sempre metida em uma aventura". Observa-se o olhar crítico e analítico dos estudantes, não aderindo à imagem pronta, mas sim, a partir dela, formando suas próprias opiniões.

Na décima segunda questão, foi perguntado a respeito da primeira cena do livro, sobre o que aconteceu com Visconde no início da história. Todos os alunos responderam que o sabugo de milho foi esmagado ajudando Emília a tirar da biblioteca de Dona Benta um "livrão" (aluno 8). Essa cena estava ilustrada, ou seja, pronta para o leitor. Será que o fato de o leitor se deparar com a imagem pronta não inibe sua criatividade e/ou imaginação para com a narrativa lida? Até que ponto a força da imagem atua no imaginário infantil?

A décima terceira questão é referente à loucura de Dom Quixote. Como ele ficou louco? Dos seis alunos, cinco responderam que ele ficou nessa situação porque lia muitos livros de cavaleiro. O aluno 7 menciona, novamente, "ele lia muitos livros de cavaleiros e de tanto ler, acabou imaginando sua própria história". As leituras descritas e ilustradas nas HQs levaram os alunos a essa interpretação. A influência de leituras direcionadas à cavalaria teria deixado o protagonista louco.

Na décima quarta questão, o espaço é aberto para os alunos escreverem quais das aventuras do cavalheiro andante chamaram a atenção. Dois alunos (7 e 12) responderam que foram todos os capítulos; os alunos 9 e 11 responderam que foi o primeiro capítulo porque "explica como ele era e explica as pessoas que eram seus amigos e amigas" (aluno 11). O aluno 7 descreveu a aventura de "Dom Quixote contra um cavaleiro que tinha sua armadura reta e brilhante, capacete e que saia fumacinha... e tudo isso diferente de Dom Quixote, pois sua armadura era toda amassada e suja, seu capacete está mais para ninho de passarinho. Gostei muito dessa parte, porque o Rocinante teve que lutar contra um cavalo forte, gordo, alto e de boa qualidade". Tem-se o relato do encontro de Dom Quixote com o cavaleiro da Branca Lua (Sansão Carrasco). Esse aluno conseguiu perceber vários aspectos que diferenciavam os dois cavaleiros. E por fim, o aluno 10 menciona a parte em que "Sancho voltou e Quixote achou seu escudeiro num buraco". Essa parte relembra Sancho abandonando sua ilha e saiu a procurar pelo cavaleiro andante caindo em um buraco, mas, é salvo por Dom Quixote sem grandes arranhões. Esses momentos representam as partes mais relevantes para os estudantes.

A décima quinta pergunta quer saber se Sancho Pança ganhou de Dom Quixote a ilha prometida como recompensa por ajudá-lo em suas andanças. Todos os alunos responderam que não. Explicaram que Sancho não ganhou a ilha de Dom Quixote, mas sim do duque e da duquesa, porém não conseguiu governar por muito tempo, abandonando o cargo de governador. Essa interpretação não foi a mesma realizada pelo grupo I. Houve aqui uma compreensão adequada ao que estava escrito nas linhas da narrativa.

A décima sexta questão está direcionada ao leitor: os quadrinhos mostravam realmente o que estava acontecendo para que o leitor conseguisse entender a história? Todos os alunos assinalaram que sim, pois "os quadrinhos são bem ilustrados e mostram o cenário" (aluno 7); "consegui entender muito bem a história, porque os quadrinhos explicavam muito bem o que estava acontecendo" (aluno 8); "os desenhos representavam o acontecimento dos quadrinhos e as palavras estavam bem claras". Os demais alunos apenas assinalaram, mas não comentaram suas respostas. A interação visual dos estudantes com a leitura quadrinhística fica explícita nessas falas.

Na décima sétima questão, foi pedido que os alunos explicassem como André Simas representou a morte de Dom Quixote. Todos os alunos responderam que a morte dele foi representada por um quadrinho preto. Esses leitores entenderam que o quadrinho negro representava simbolicamente a morte do cavaleiro da triste figura, evidenciando o poder da imagem e a sua significância para o público leitor.

Na décima oitava questão foi questionado a respeito do que mais chamou a atenção desses jovens leitores ao apreciarem os desenhos na história. Foram dadas as seguintes opções, e os alunos poderiam assinalar quantas considerassem necessárias as cores, os traços das personagens expressão facial (olhares, sorrisos, as testas franzidas), os movimentos as ações de cada personagem, os *feedbacks* (as lembranças ou a imaginação de cada cena contada por Dona Benta) que foram desenhadas num contorno que representa nuvens (balões de fala), a ordem dos acontecimentos retratados nas páginas com leitura da esquerda para direita, outras. Cinco alunos assinalaram as cores vivas, chamativas, atraentes. Quatro alunos assinalaram os movimentos representados nas imagens. Quatro alunos assinalaram os *feedbacks*. Quatro alunos assinalaram a ordem dos acontecimentos retratados nas páginas com leitura da esquerda para direita. Três alunos também assinalaram os traços das personagens. Entretanto, não explicaram as escolhas de suas respostas.

E, por fim, a décima nona pergunta estava direcionada ao final do livro, já que Emília, ao ver que Dona Benta estava terminando a história com a morte de Dom Quixote, se revolta. Também foi pedido para que os alunos dessem suas opiniões a respeito do desfecho da narrativa quadrinhística. Todos os alunos concordaram com o fim inventado por Emília: Dom Quixote se recupera e sai para novas aventuras com seus amigos. Responderam que o final dessa maneira ficou mais divertido e um cavaleiro como ele não poderia morrer. Simas consegue contemplar as expectativas do imaginário infantil, dando voz à boneca de pano e reestruturando outro final para o cavaleiro andante no qual sai para novas aventuras na companhia de mais amigos.

Assim, como o grupo I, o grupo de controle (grupo II), ao término da leitura em HQs, sugeriu que fosse realizado um teatro dessa narrativa. A professora/pesquisadora aceitou, mas combinou com os estudantes que essa atividade seria realizada após a leitura do livro em prosa, porque eles poderiam agregar outras informações pertinentes ao teatro com essa segunda leitura. Todos concordaram.

6.2.3 Estudo 4: Círculo de leitura (prosa)

Na quinta tarde pedagógica, os estudantes participaram do Círculo de Leitura sobre o livro *Dom Quixote das crianças*, texto integral, escrito por Monteiro Lobato. O estilo das apresentações foi idêntico ao empregado no grupo experimental, sendo sorteado no momento o aluno para contar o capítulo lido.

Os estudantes apresentaram dificuldades no entendimento da narrativa lobatiana. Segundo as suas colocações, a linguagem empregada era distante daquela utilizada por eles. Disseram que compreenderam melhor os três primeiros capítulos (“Emília descobre o Dom Quixote”, “Dona Benta começa a ler o livro”, “Primeiras aventuras”). Salientaram que, apesar desses três capítulos estarem escritos com algumas palavras desconhecidas, ainda conseguiram compreender a narrativa, entretanto nos próximos capítulos entendiam algumas partes fragmentadas.

No momento de contar a história, foi observado que eles tinham dúvidas quanto ao enredo e que falavam somente o que haviam internalizado, não descrevendo tudo o que estava exposto no texto. Das palavras que não sabiam o significado estavam: “verdugo”, “matungo”, “alforjes”, “bonachão”, “esporeia”, “alcunha”, “biscainho”, dentre outras também citadas pelo grupo I. Foi observado o desânimo dos alunos com relação à leitura realizada, mas procederam às atividades da mesma forma como foram trabalhadas com o grupo I.

Após contarem os capítulos estipulados para esse encontro, foi proposto que cada um desenhasse um ou mais personagens que, na concepção de cada um, havia se destacado na narrativa ou que ele havia se identificado.

A seguir estão expostas as ilustrações feitas pelos estudantes:

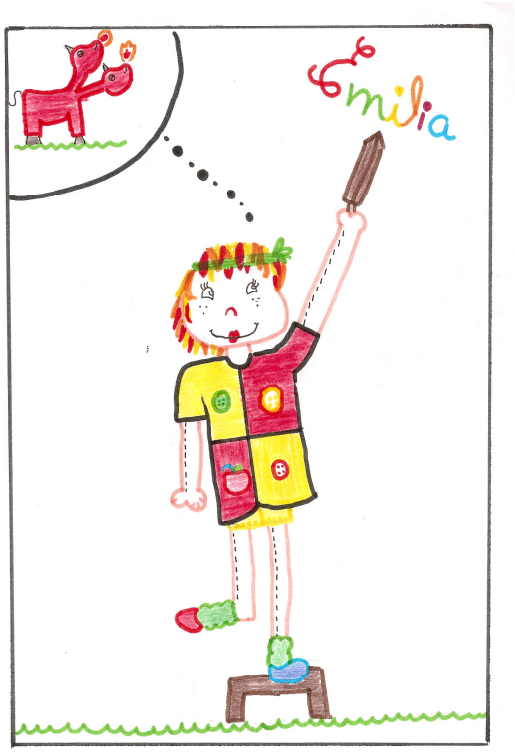


Figura 24 – Aluno 7 - Emília pensando ser Dom Quixote.

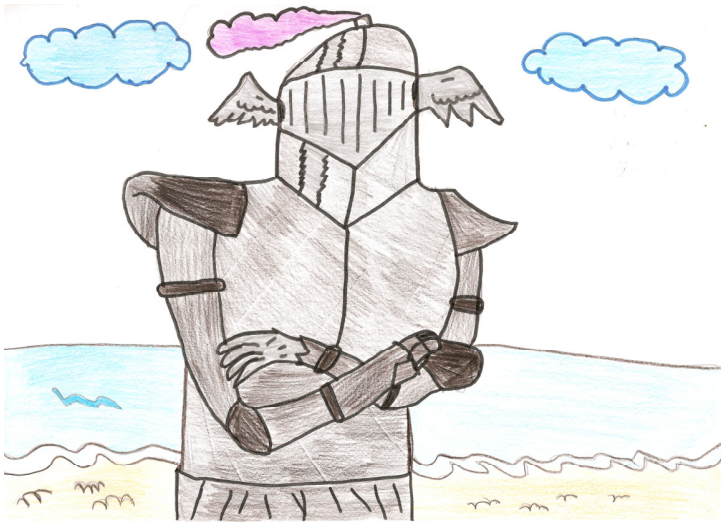


Figura 25 – Aluno 8 - Ilustração do Cavaleiro da Branca Lua.

Figura 26 – Aluno 9 - Emília imitando Dom Quixote.

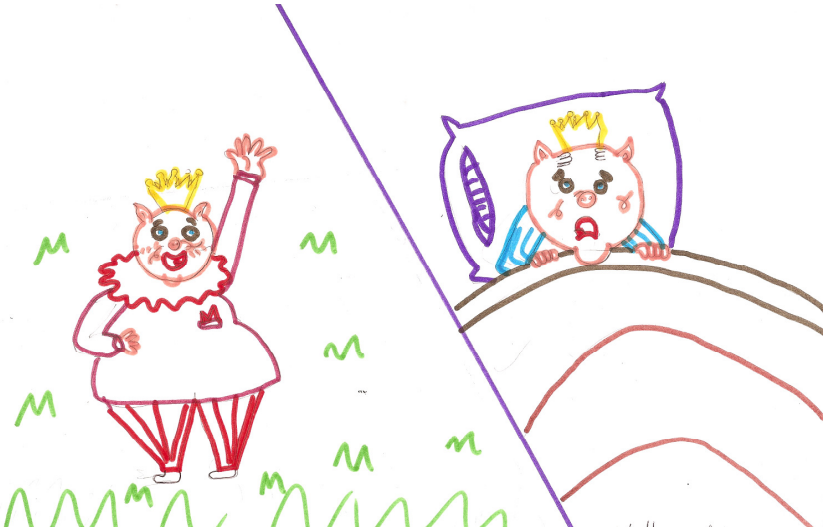


Figura 27 – Aluno 10 - Desenho de Sancho Pança.

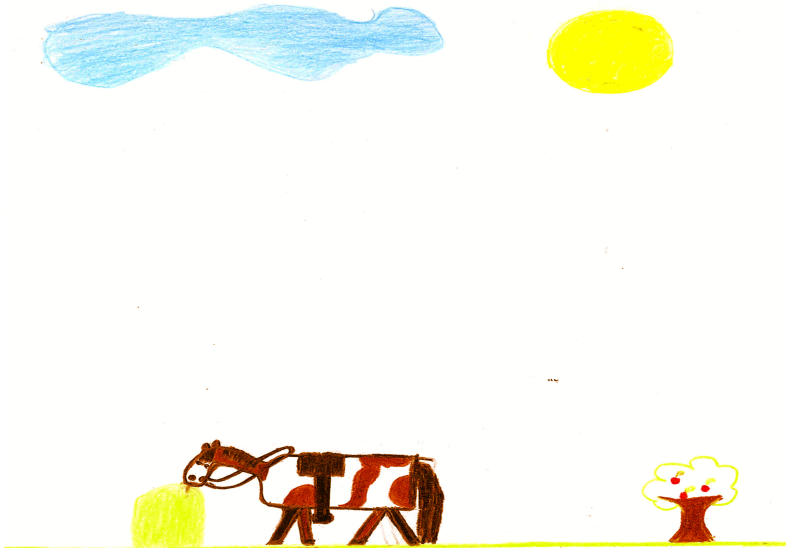


Figura 28 – Aluno 11 - Rocinante se alimentando.

Figura 29 – Aluno 12 - Desenho de Emília guardando o caldinho da ciência do Visconde após seu esmagamento pelo livro de Cervantes.

Embora os estudantes estivessem lendo o livro integral, ainda permaneciam em sua imaginação as personagens da HQs. Eles usam como ponto de referência as personagens ilustradas por André Simas, exceto o aluno 11, que desenhou seu próprio cavalo. Também podem ser destacadas as cores vivas utilizadas por esses jovens leitores, já que nos desenhos grupo I não há tantas cores sendo utilizadas, nem tantos detalhes nos desenhos. Os estudantes do grupo II internalizaram e usaram sua criatividade remetendo-se à leitura do livro em HQs. Esse encontro foi encerrado com a anotação da tarefa de ler os capítulos "Conquista do Elmo de Mambrino, o mais famoso do mundo" (p. 47) ao capítulo "Conselhos de D. Quixote. Sancho assume o governo da ilha" (p. 80).

Na sexta tarde pedagógica ocorreu o Círculo de Leitura. Os jovens leitores chegaram reclamando que não conseguiram entender todas as narrativas dos capítulos, pois segundo o aluno 12 era "muito difícil entender aquelas palavras e o livro ia ficando chato". Os estudantes não sentiram prazer nessa leitura, entretanto eram motivados pela professora/pesquisadora. Eles comentaram que, embora houvesse informações adicionais no enredo de Lobato, a narrativa contada nas histórias em quadrinhos já sanava a essência geral das aventuras de Dom Quixote, "porque de tanto querer inventar histórias, Lobato com essa linguagem acabou complicando mais" (Aluno 12). Durante o Círculo, houve muitas dúvidas sobre o enredo lido e, na medida do possível, a professora/pesquisadora explicava tanto a narrativa em si quanto as palavras por eles desconhecidas. Para o último encontro, restaram três capítulos para serem lidos desde "Sancho abandona a ilha e o que lhe acontece pelo caminho" (p. 83) até "Doença e Morte de D. Quixote" (p. 88). Mesmo desanimados, os estudantes disseram que leriam até o final para terminar logo esse livro.

Na última tarde pedagógica, foi realizado o término do Círculo de Leitura. Todos os alunos comentaram que não era para Dom Quixote ter morrido. Assim como Emília, os jovens leitores mostraram-se indignados com o falecimento do cavaleiro andante. E comentaram que preferiram muito mais as histórias em quadrinhos do que o livro de Lobato.

Os estudantes, ao final dessa atividade, já se prontificaram a ensaiar o teatro sugerido com a leitura do livro em HQs. Então, mostraram o texto para a professora/pesquisadora. O resultado dessa atividade sugerida pelos próprios alunos foi interessante e demonstrou, assim como no grupo I, o entusiasmo pelas aventuras de Dom Quixote devido à leitura das histórias em quadrinhos.

Abaixo, as fotos da confecção do cenário (é interessante observar o trabalho realizado em equipe, a interação do grupo), os ensaios e a apresentação.

Figura 30 – Grupo II confeccionando o cenário.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 31 – Grupo II terminando uma parte do cenário.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 32 – Escolhendo que partes iriam colocar no texto do teatro.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 33 – Grupo II pintando os livros da biblioteca de Dona Benta para usarem no cenário do teatro.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 34 – Grupo II confeccionando os moinhos de vento.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 35 – Grupo II ensaiando na quadra da escola.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 36 – Grupo II encenando o teatro. O cenário se diferencia daquele presente nas ilustrações da HQs.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 37 – Os alunos do grupo II se apresentando aos alunos do 8º ano da escola.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 38 – Grupo II apresentando para os colegas do 8º ano. Aqui estão Emília, Dona Benta e Tia Nastácia.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Figura 39 – Grupo II apresentando da esquerda para direita: Sancho Pança, Dom Quixote, Cavaleiro da Branca Lua e o estalajadeiro.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

O cenário produzido pelo grupo II se diferenciou do exposto nas HQs, bem como do produzido pelo grupo I. Além disso, os estudantes lembraram de confeccionar a fogueira da queima dos livros e a parede de cimento levantada para cobrir a porta que dava acesso ao ambiente.

A personagem Dona Benta também está presente entre as falas dos alunos no ensaio. A maioria dos estudantes comentou que é por meio da ação mediadora de Dona Benta que a história chega até os ouvintes/leitores do Sítio e de quem lê o enredo. A presença de sua atuação enquanto adaptadora foi parte integrante e notória da narrativa escrita por Lobato.

A apresentação agradou a todos, inclusive aos próprios participantes. Os estudantes ficaram satisfeitos com o resultado e disseram que foi uma experiência muito divertida e que, ao mesmo tempo, aprenderam muitas coisas.

6.2.4 Estudo 4: Análise dos dados do questionário final (resultados dos estudos 3 e 4)

Depois das discussões provindas do Círculo de Leitura, como último instrumento de pesquisa, foi distribuído aos alunos o questionário final que faz referência às duas leituras realizadas, tanto do livro em HQs quanto do livro em prosa.

A primeira pergunta é direta: qual dos dois livros você gostou mais de ler? A resposta foi unânime: *Dom Quixote das crianças* em HQs. Várias foram as justificativas para essa escolha: "porque a linguagem é mais fácil de ser compreendida, possui desenhos que ajudam a entender a história e foi contada de maneira divertida" (aluno 7) e ainda "o livro Dom Quixote das crianças em quadrinhos tem uma linguagem mais adaptada para minha idade e os desenhos com mais cor e claro, me ajuda muito". Por meio dessas respostas, observa-se que todos se identificaram com a narrativa quadrinhística.

A segunda questão pergunta se a linguagem usada por Lobato é ou não de fácil compreensão e por que. Os estudantes responderam que não é uma linguagem fácil de entender. Os alunos 8 e 10 justificaram suas respostas dizendo que as palavras eram tão difíceis que não encontravam "nem no dicionário". O aluno 7 expressou-se dessa forma: "porque quando Lobato escreveu a história, ele usou uma linguagem da época que hoje não conseguimos entender". Percebe-se a angústia das crianças, porque queriam uma leitura prazerosa e encontraram, devido à sua escrita, empecilhos para seu entendimento. Entretanto,

é por meio da leitura desse texto integral que as crianças aprendem a manusear o dicionário e tê-lo presente em seu cotidiano, gerando um enriquecimento vocabular

Como foi perguntado a respeito da linguagem em prosa, a terceira questão traz o mesmo foco agora direcionado para a HQs, ou seja, se na história em quadrinhos a linguagem é mais fácil de compreender ou não. Todos responderam que sim, que há entendimento da narrativa quando lida em quadrinhos, não precisando do auxílio de ninguém e nem do dicionário. De acordo com alguns alunos, "elas eram escritas em balões e foram escritas com gírias facilitando o entendimento" (aluno 7), é de fácil compreensão "porque a linguagem foi feita para crianças entenderem" (aluno 8), "porque é mais declarada" (aluno 9), "pois usa linguagem fácil e dentro dos balõezinhos – 'Segura aí, Visconde' (aluno 10), "elas explicam as palavras com significado fáceis e daí entendemos elas' (aluno 11) e, para finalizar essa questão, a resposta do aluno 12: "são expressas muito claramente fazendo, assim, uma linguagem simples e compreensiva". Os estudantes se identificaram com a leitura da narrativa quadrinhística não só pelo uso das imagens, mas pela presença da linguagem compreensível para seu vocabulário.

Depois de discutida a linguagem empregada nos dois gêneros textuais, foram questionadas sobre as ilustrações, já que no decorrer da história de Lobato, aparecem em preto e branco. Será que elas contribuem para que a história seja entendida ou o aluno prefere as coloridas do livro em HQs? A maioria dos alunos respondeu que prefere as coloridas, porque "são legais e ajuda a me interessar mais pelo livro" (aluno 7), "a história fica mais divertida e legal" (aluno 8), "coloridas dá mais estímulo à leitura" (aluno 10), "as coloridas, porque é melhor de entender a história" (aluno 11) e o aluno 12 respondeu da seguinte maneira: "Bom, os desenhos em preto e branco contribuem, sim, para minha compreensão, mas prefiro os desenhos das histórias em quadrinhos com mais cores e é mais engraçado".

Na quinta questão foi questionado a respeito do final do livro em HQs, adaptado por André Simas. O autor mudou o rumo da história escrita por Lobato e até mesmo da original cervantina. Será que os alunos gostaram dessa mudança? Novamente, todos responderam que preferiram o final criado por Simas. De acordo com o aluno 11, "porque dá para imaginarmos o que Dom Quixote fará depois", ou seja, para a opinião do leitor esse término foi profícuo com possibilidades de outras aventuras criadas agora pelo próprio leitor. O aluno 10 respondeu que gostou dessa mudança, pois "ele não merecia morrer". O aluno 8 menciona que prefere "o final que Emília montou, pois Dom Quixote era um maluco divertido e legal" e o aluno 7 completa que "o final que André inventou ficou com mais emoção".

Na última questão foi aberto espaço para que os estudantes escrevessem que final dariam para a História de Dom Quixote, se ele mereceu o final que Lobato escreveu para ele. Todos responderam que o cavaleiro não deveria ter morrido. O aluno 7 ressaltou que "apesar de Dom Quixote ser um pouco louco, ele deveria ter o final que André Simas inventou"; "porque ele era engraçado e meio cego", já que via uma coisa com os olhos e imaginava outra em sua mente. Os alunos 9 e 11 responderam que se o personagem principal morresse, a história iria ficar sem graça. Já o aluno 10 salientou que "ele merecia viver porque parecia divertido e muito louco". E para encerrar a análise das questões, o aluno 12 foi o único que inventou um novo final para o Cavaleiro da Triste Figura: "Bom, o novo final que eu daria para a história de Dom Quixote seria o mesmo de Emília, mas eu acrescentaria que D. Quixote demonstrasse o que ele via atrás de livros. E eu acho que D. Quixote não mereceu o final que teve no livro de Lobato, pois ele era uma pessoa que lia muito e poderia passar seus conhecimentos para outras pessoas". Foi enfatizado pelos alunos que Dom Quixote teria outras aventuras para viver e muitas experiências para compartilhar e que, ao morrer, enterraria uma vasta gama de narrativas advindas das suas possíveis novas andanças.

Depois de observar as atividades realizadas com os estudantes e, principalmente, analisar as suas respostas, podemos perceber que a recepção leitora de ambos os livros não se altera pela ordem da leitura. As histórias em quadrinhos (HQs) são bem recebidas em ambos os grupos, devido aos seus aspectos estéticos (diagramação, ilustrações, cores, textos curtos e diretos, auxílio das imagens para o entendimento da narrativa) e estilísticos (linguagem simples, direta, resumida, presença de expressões que permeiam o cotidiano dos estudantes). Entretanto, o texto integral apresentou-se aos alunos como um texto cansativo, de linguagem rebuscada, difícil de compreender, o que desencadeou um distanciamento dos jovens leitores para com o enredo escrito por Lobato. Talvez, esse fenômeno de rejeição esteja ligado com a ação midiática que está vinculada à sociedade de hoje, que promove a circulação de enunciados curtos e diretos. Como Lobato escreveu para um público do ano de 1936, os leitores infantis e juvenis da época estavam enquadrados ao estilo literário dele acompanhando as transformações sociais e culturais que permeavam o cotidiano da nação. Todavia, hoje a escrita de Lobato não perde o valor literário nem cultural, apenas precisa de uma leitura que exige do leitor atenção e construção da narrativa em sua imaginação, pois se difere das HQs que já apresentam ao leitor a imagem (semi)elaborada.

Destaca-se, nesta perspectiva analítica, a contribuição da teoria da Estética da Recepção para compreender os dados coletados. A recepção das duas obras por ambos os grupos deram-se à primeira vista da mesma forma, tanto o texto em prosa quanto o texto em

quadrinhos cativaram os leitores-criança abrindo-lhes um horizonte de expectativas diante das às narrativas presente nos livros.

Entretanto, em ambos os grupos houve a quebra desse horizonte de expectativas com a leitura propriamente dita do enredo em prosa, pois encontraram dificuldades na decodificação e interpretação do código linguístico empregado pelo escritor taubateano. A essência da narrativa foi compreendida, mas as particularidades que permeavam o enredo, não, desencadeando um distanciamento estético entre obra e leitor. Embora fizessem uso do jogo lógico de perguntas e respostas, poucas foram esclarecidas na leitura por eles realizadas. As dúvidas foram sanadas no Círculo de Leitura, em que os estudantes participaram trocando informações com colegas e com a professora/pesquisadora.

Entretanto, o inverso ocorreu ao lerem a narrativa em HQs. Mesmo com a leitura realizada em dois momentos diferenciados (sem contaminação e com contaminação) entre os dois grupos, como já foi mencionado anteriormente, a recepção desse enredo em HQs não só agradou o público leitor como os cativou. De certa forma, o horizonte de expectativas que foi gerado com o primeiro contato através da capa se manteve no decorrer da leitura, não oportunizando a quebra do mesmo nem proporcionando qualquer distanciamento estético, já que as imagens e as falas nos balões foram bem aceitas pelas crianças. Sobre o jogo de perguntas e respostas foi utilizado nas exposições da narrativa durante o Círculo de Leitura. Os alunos não tinham dúvidas sobre a narrativa, mas sim queriam saber mais sobre a história do cavaleiro andante. Então, nesses momentos, a função da professora/pesquisa foi de mediação e intervenção.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da literatura infantil entre os jovens leitores brasileiros, que teve seu início no século XIX e se proliferou desde o século XX em nossa sociedade e é de suma relevância para o desenvolvimento cognitivo, cultural e social das crianças. O acesso a essa literatura deve ser oportunizado para disseminar o gosto pela leitura gerando, futuros leitores assíduos em sua fase adulta. Assim, buscando compreender a recepção leitora das crianças, trouxemos na introdução desta pesquisa a identificação de todos os aspectos que subsidiaram as etapa desde o aporte teórico utilizado, bem como a teoria que norteou esta análise (Estética da Recepção), os objetos que fizeram parte do escopo analítico (livro *Dom Quixote das crianças* em prosa (integral) e em histórias em quadrinhos) e o percurso metodológico em questão.

As narrativas literárias, tanto originais, traduções quanto adaptações, possibilitaram inúmeras expectativas à imaginação infantil, ampliando dessa forma a capacidade criadora desses leitores. Tal fato ocorre pela ação intertextual e de funções instrutivas e recreativas presentes nas linhas e nas entrelinhas dos suportes. Entretanto, nem sempre as estruturas dos enredos contemplavam esses aspectos. Foi com a figura de Monteiro Lobato que se originou uma narrativa lúdica e ao mesmo tempo educativa, estabelecendo novas diretrizes para o texto literário infantil.

A contextualização histórica da literatura infantil brasileira, na qual se encontra a obra do escritor Monteiro Lobato, tendo este uma vasta produção literária direcionada ao público infantil, foi retratada no segundo capítulo. Nesse espaço também foi comentado sobre as suas faces adaptativas e, dentre elas, mencionado um dos objetos utilizados nessa pesquisa: o livro *Dom Quixote das crianças*, publicado em 1936. Encontramos também a presença de Dona Benta vista na perspectiva da personagem mediadora da leitura literária da turma do Sítio do Picapau Amarelo. Aqui fez-se um mapeamento da atuação dessa personagem no título em questão, aproximando as crianças do Sítio e os jovens leitores do convívio literário, tornando-se, assim, uma mediadora da leitura, peça fundamental para dar subsídios aos primeiros contatos dos leitores com as narrativas literárias universais, algumas até então destinadas ao público adulto.

Além disso, foi destacado que Lobato criou um mundo à parte (Sítio do Picapau Amarelo) onde, além dos netos de Dona Benta e das demais personagens, podem morar outras

crianças de todas as partes do mundo por meio da imaginação dos leitores. E em meio a essas aventuras ambientalizadas nesse Sítio, muitas personagens foram criadas e outras convidadas a fazerem parte das narrativas, como foi o caso de Dom Quixote, personagem memorável de um dos clássicos da literatura universal, que passa a ser "conhecida" por Emília e pelas demais personagens, devido a curiosidade aguçada da boneca em querer tirar um dos livros mais grossos da biblioteca de Dona Benta. Esta, por vezes, representa a porta-voz de Lobato dentro da narrativa, encarregada de ser a mais sábia avó e a contadora das histórias que precisavam ser adaptadas em linguagem e enredo acessíveis ao leitor-criança. Dona Benta desempenha um papel fundamental para agregar os jovens leitores por meio de suas adaptações plausíveis que encantam os leitores ao ouvirem e se identificarem de alguma forma com o enredo lido ou contado por ela.

A adaptação sempre permeou a literatura infantil brasileira e é um diferencial na escrita do taubateano porque, além de criações originais e das traduções, forma parcela significativa da obra de Lobato. O escritor teve que abrir portas fechadas e abrir caminhos para que os leitores conhecessem seu trabalho e sua produção literária. Por meio da sua iniciativa de buscar um novo público leitor, Lobato versa, em seus escritos, temáticas que interessam o leitor-criança da época e, de acordo com a teoria da Estética da Recepção, esse fato remete ao fenômeno de ir ao encontro do horizonte de expectativas, desencadeando um resultado profícuo para com a recepção leitora, aguçando os leitores para uma nova experiência, que não provocasse o distanciamento estético (já que na época havia carência dessa literatura, ou seja, uma literatura que preenchesse as necessidades desse público seleto). Ao mesmo tempo, ele objetiva formar leitores críticos, reflexivos que pensassem sobre a sociedade em que estavam vivendo. Por esse viés, o escritor encontra assim um mercado carente para receber produções destinadas às crianças, dando um impulso em sua carreira enquanto escritor de literatura infantil.

Em pleno século XXI, o acervo literário infantil está disponibilizado em diferentes suportes e dentre eles aqui foram destacados dois: em prosa (integral) e em histórias em quadrinhos (HQs). Esses foram escolhidos considerando a perenidade da leitura do texto integral e pela circulação acessível das HQs nessa era midiática que cerca nossos jovens leitores. Aquela sofrendo um distanciamento estético referente ao público leitor infantil na contemporaneidade quanto à composição vocabular e esta pela ação pictórica, o poder das imagens, da ação das personagens já delimitadas, das figuras de linguagem expressas de forma destacável, que estão em constante interação com as falas dos balões ou nos retângulos do narrador.

Com o intuito de observar e compreender como se propaga a recepção leitora do público infantil do título *Dom Quixote das crianças* na sua feitura integral e quadrinhística, foram lidos e analisados pelos estudantes esses dois gêneros e, posteriormente, a pesquisadora realizou a análise dos dados.

O título de Lobato representa um projeto de leitura, que não se limita a uma tradução ou adaptação da narrativa cervantina, mas sim um texto que dialoga com várias temáticas relevantes, como o estereótipo do cavaleiro andante, sua loucura, a generosidade, e chega didaticamente, a informar o leitor sobre o formato dos livros, a linguagem dita acessível aos jovens leitores, a presença da intertextualidade que permeia o enredo quando, por exemplo, são mencionadas outras histórias de clássicos literários como os *Doze Pares de França*, de Carlos Magno, por Pedrinho, dentre outros, aspectos comentados no terceiro capítulo.

Lobato ao se dedicar do campo da literatura infantil, deixou um vasto legado a ser desfrutado não só pelas crianças e adultos da época, mas pelo público leitor (infantil e juvenil) de hoje. Entretanto, o público leitor infantil convive com novos suportes que oportunizam escritas sucintas, que não só dialogam com outros textos, mas se manifestam por meio de outras mídias, de outros gêneros textuais, dentre os quais se destacam, no quarto capítulo, as HQs. Nesse momento, o olhar está para a contextualização das histórias em quadrinhos no Brasil, sua emancipação do ensino, os benefícios propiciados à criança em função do contato com esse gênero em questão, suas contribuições para com o desenvolvimento da percepção/recepção leitora até o discorrer sobre o livro *Dom Quixote das crianças* em HQs, seu enredo e suas particularidades enquanto gênero dinamizador de leitura, mas que não age em comparação a escrita de Lobato como um instrumento de enriquecimento vocabular.

Assim, os leitores que fizeram parte dessa pesquisa receberam a narrativa lobatiana, de acordo com a análise dos dados coletados, como sendo de difícil compreensão, destaca-se um paradoxo nessa pesquisa, porque como referencia Lobato inúmeras vezes, na *Barca de Gleyre* (1951), declarou seu apreço por uma linguagem acessível ao público leitor como sendo imprescindível. Porém, algumas lacunas pairam sobre esse pensamento lobatiano se formos analisar a recepção desse seu enredo lido pelos estudantes: será que os jovens leitores de nossa sociedade apreciam essa escrita construída no século XX? Pelas respostas, comprovou-se o distanciamento estético da narrativa lobatiana devido à linguagem empregada pelo escritor, afinal foi elaborada numa contextualização linguística, social e cultural diferenciada da vivida no século XXI. E até que ponto essa influência linguística da norma culta é benéfica ao ato de leitura? É benéfica para a normatização da escrita da língua

portuguesa, mas de acordo com a evolução linguística, às vezes há uma inibição da narrativa ocasionando o distanciamento estético da obra para com o leitor, como foi o caso da leitura desse título lobatiano. Os leitores conseguem decodificar a escrita e compreender, em partes, a mensagem deixada pelo escritor, mas com auxílio do dicionário, com a ajuda dos pais e/ou da professora/pesquisadora.

Dessa forma, para levar o apreço pela leitura e, com ela, conhecimento aos jovens leitores na sociedade atual, novas reformulações tanto estéticas quanto estilísticas foram buscadas, dando origem a novos suportes, diga-se de passagem, dinamizadores de leitura. Com a opção de possibilitar o primeiro contato com a narrativa para, depois, adentrar nela, quando tornarem-se adultos, lendo o enredo original como salienta Lobato por meio da voz de Dona Benta.

Assim, a (re)adaptação de *Dom Quixote das crianças* para as HQs, que compõe o segundo objeto dessa pesquisa, proporcionou uma reação mais positiva dos estudantes ao manifestarem a recepção da narrativa literária, fato ocorrido em função da reformulação textual, com um *layout* diferenciado (diagramação), com aspectos diversificados quanto ao enquadramento das cenas descritas, bem como uma reformulação com adaptações na narrativa, tendo em vista sua tessitura reconfigurada (reescrita). Dessa forma, a escrita do enredo lobatiano em 1936, por Lobato, ganha novos olhares, recortes acentuados e adequações por Simas, que agradaram os jovens leitores ao ponto de terminarem de ler o livro em HQs e sugerirem a apresentação deste recontado pelos estudantes em forma de teatro interpretando as personagens que compuseram a narrativa.

Devido a esse olhar lançado pelos próprios leitores, construtores de seus conhecimentos perante a (ou embasados pela) narrativa lida, temos a presença das premissas instituídas por Jauss (1994) e salientados por Zilberman (1989) presentes no quinto capítulo desta pesquisa, ou seja, da recepção do enredo, do horizonte de expectativas planejado pelo público leitor que, no decorrer da leitura, foi sendo concretizado, a ausência do distanciamento estético, porque compreenderam as especificidades instaladas pelas cenas descritas em seu todo, ficando a cada página motivados a lerem as próximas e a disponibilidade do jogo lógico de perguntas e respostas que emergiram no decorrer da leitura com intuito de agregação de conhecimentos tanto linguísticos como culturais.

Infelizmente, pela análise realizada os resultados não foram os mesmos identificados com a leitura do texto em prosa (integral). A maioria dos alunos não obteve, após a leitura (recepção) da narrativa, uma imagem atrativa do enredo, todo o horizonte de expectativas instaurado no primeiro contato com esse título foi dissipado (quebrado) à medida

que a leitura se realizava, ocasionando uma barreira, um verdadeiro distanciamento estético entre obra e leitor, um abismo entre a loucura quixotesca e o imaginário infantil devido à linguagem empregada por Lobato, que escrevia visando a um determinado público leitor da década de 1930, sem todos os recursos midiáticos existentes hoje. Tais fatos proporcionaram o jogo lógico de perguntas e respostas, mas este não era somente com intuito de engrandecer ainda mais o conhecido por meio da leitura, mas uma oportunidade para compreender a narrativa lida, já que a linguagem os distanciava do enredo.

Foi observado, nos dois grupos de análise por meio dos desenhos, das falas desses leitores, das respostas escritas nos questionários e nas suas atuações no teatro, que parte do imaginário infantil foi inibida pela presença da imagem (semi)-pronta nas ilustrações quadrinhísticas. Sendo assim, algumas reflexões devem ser levantadas: até que ponto essa releitura em HQs torna-se benéfica para a imaginação infantil? Torna-se benéfico na aproximação dos leitores com o universo literário, possibilitando a integração das crianças, o contato com livros e com a atividade de leitura. Por esse viés, a disponibilidade de narrativas no gênero quadrinhístico abre caminhos para despertar o gosto pela leitura dando subsídios para o desenvolvimento cognitivo, afinal a imagem está (semi)pronta. Cada observador ou leitor retira das ilustrações aspectos diferenciados que se completam com a leitura do código escrito ou com as experiências de cada indivíduo.

Entretanto, podemos observar que a releitura quadrinhística da adaptação de *Dom Quixote das crianças* não contempla todas as temáticas abordadas por Lobato. Simas faz recortes e aproveita a essência da narrativa lobatiana que é derivada da cervantina. Estão em destaque nesse momento da (re)adaptação quadrinhística as artimanhas da turma do Sítio, especialmente as peripécias de Emília e a atuação de Dona Benta enquanto mediadora da leitura e as aventuras do protagonista Dom Quixote. Já no enredo lobatiano, encontramos outras temáticas que levam o leitor a refletir sobre outros aspectos, como o formato dos livros, acompanhado de descrições didaticamente construídas, além de ter outros capítulos com mais aventuras do que as retratadas nas HQs.

Referente às respostas dos alunos, depois de coletados os dados e analisados, há outras questões pertinentes a serem levantadas quanto aos benefícios ou não dessa (re)adaptação: que tipo de leitores estamos formando com o acesso às adaptações em outros gêneros (ou suportes), já que o enredo-base já parte de uma adaptação da narrativa cervantina? A resposta que se obteve analisando os dados, de modo geral, foi que a migração do enredo para outro gênero possibilitou a aproximação do leitor-criança para com a Literatura. A leitura da narrativa original (integral) pode ser feita pelos leitores quando

adultos. Outra questão pode ser evocada: as HQs propiciam a mesma leitura poética transcrita por Lobato em seu texto integral? Se analisarmos os aspectos estéticos e, principalmente, estilísticos, não, porque com a leitura do enredo em prosa, os leitores agregam um conhecimento vocabular apurado, fato este não proporcionado pela leitura das HQs, que busca simplificar e objetivar as falas, já que faz parte do estilo desse gênero. Entende-se que essa aproximação do universo literário por meio de um gênero "facilitador" agrada os leitores, mas não exprime a mesma poética agregada ao texto em prosa.

E pensando a respeito das imagens ilustradas que atraíram tanto os leitores dessa pesquisa, elas não os tornaram acomodadas ao ambiente apresentado? Os enquadramentos ilustrados não geram uma inibição quanto à criação da imaginação infantil de cada leitor, já que o sentido das cenas pode se restringir ao já apresentado pelas imagens (semi)prontas, sabendo que cada criança tem seu conhecimento de mundo e suas experiências diferenciadas? Embora já tenha sido comentada essa temática, é relevante mencionar que, de certa forma, podemos perceber que no grupo I ocorreu a inibição da imaginação, e o cenário confeccionado para encenar o teatro foi baseado no que estava apresentado na primeira página da narrativa em HQs. Entretanto, quanto à confecção do cenário elaborada pelo grupo II, surpreende por não vir tal e qual estavam expostas nas HQs, havendo inovações, com livros pendurados na parede e com a presença da fogueira da queima dos livros e da parede de cimento que oculta o acesso à biblioteca. Observando essas diferentes manifestações propagadas nos dois grupos de análise, entendendo que o gênero quadrinhístico oportuniza a aproximação do leitor-criança para com a narrativa literária e que seus benefícios ou não variam de acordo com a imaginação do público leitor, pois a imagem encontra-se (semi)-pronta e não acabada, podendo o leitor dar outras formas ou imaginar outros cenários além dos disponibilizados nas HQs apresentadas. Além de oferecer esse primeiro contato por meio da ilustração, de certa forma, as HQs possibilitam o convite para a leitura. Entretanto, sabemos que esse enredo em HQs não comporta todas as características do texto integral de Lobato no que diz respeito ao enredo (as histórias dentro da história) e do vocabulário utilizado pelo escritor.

Apesar dessas indagações e depois de refletir sobre todos os aspectos que estão presentes nesta pesquisa, o resultado final foi satisfatório, comprovando que os jovens leitores dos dois grupos analisados se identificam com o gênero em HQs de tal forma que fica explícito que ele é um suporte diferenciado do texto em prosa (integral), e desperta o incentivo à leitura literária. Talvez pela articulação das imagens, do poder icônico que desperta por si só a atenção do leitor; pela estrutura da narrativa: diálogos sintetizados,

mensagens curtas; pela utilização da linguagem cotidiana que se difere da usada por Lobato, já que a escrita dele implica a qualificação do vocabulário do leitor, preocupado não só com o divertir, mas com o educar, enquanto a linguagem quadrinhística trabalha com vocábulos de caráter corriqueiro, usual, deixando o elemento icônico atuar para completar a narrativa exposta num trabalho dialógico implícito.

A questão central levantada no início desta pesquisa também foi investigada mediante acompanhamento da leitura, da recepção desta, socializada no Círculo de Leitura proposto, materializada por meio das respostas dos alunos nos questionários que serviram de *corpus* para a coleta de dados, que posteriormente foram analisados.

O ponto fundamental investigado foi a verificação da recepção leitora de *Dom Quixote das crianças* em prosa (na versão integral) e em quadrinhos para averiguar qual gênero/suporte propiciaria uma aproximação dos leitores para com a leitura literária, ou seja, qual subsidiaria incentivo à leitura literária nesta era midiática. Essa indagação aflorou enquanto professora de Literatura, observando o desânimo, o não entendimento do texto lido, a falta de leitura por parte dos estudantes em sala de aula. Esses aspectos foram investigados com o intuito de servirem de base para que sejam compreendidos os bloqueios que inibem a aproximação das crianças para com a leitura literária. Ao término desta análise, fica assim ressaltada a necessidade de reorganizar nossos suportes, fazendo uso das produções literárias existentes e reformuladas (adaptadas) para levar aos estudantes o embasamento indispensável para seu crescimento cultural, que está vinculado à vida social. Para isso é imprescindível inovar e fazer uso de metodologias diferenciadas, bem como gêneros midiáticos que estão no cotidiano das crianças, dentre as quais o cinema, a televisão e os quadrinhos com intuito de ajudar a caminhada da formação desses jovens leitores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Lobato de todos nós. In: DANTAS, Paulo. **Vozes do Tempo de Lobato.** São Paulo: Traço Editora, 1982.

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ALMEIDA, Renato. Literatura Infantil. In: COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** ed. revista e ampliada. RS: José Olympio, 1986.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de. **Monteiro Lobato:** vida, realidade e sonho. Fundação Banco do Brasil/Odebrecht. São Paulo: Emporium Brasilis, 1998.

AZEVEDO, Paulo Seben de. **Serás lido, Uruguai?:** a contribuição de uma versão de O Uruguai, de Basílio da Gama, para uma teoria da adaptação. 1999. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Letras e Artes, Pontíficia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BATISTA, Orlando Antunes. **Teoria da Adaptação Textual**: pragmática da adaptação textual para narrativas infanto-juvenis. Três Lagoas: Gráfica Dom Bosco, 1996.

BÖHN, Gabriela Hardtke. **Peter Pan para crianças brasileiras: a adaptação de Monteiro Lobato para a obra de James Barrie.**2001. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. Peter Pan para crianças brasileiras: a adaptação de Monteiro Lobato para a obra de James Barrie**.** In: CERCCANTINI, João Luis C. T. **Leitura e literatura infanto-juvenil:** memória de gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004. p. 58-71.

BORDINI, Glória Maria da; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUENO, Francisco da Silveira. **História da Literatura Luso-Brasileira**: Estilística brasileira. São Paulo: Fortaleza Crédito Brasileiro Livros S/A. 1973.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos.** Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMPOS, Andre Luiz Vieira de. **A república do picapau amarelo:** uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: M. Fontes, 1986. (Coleção leitura).

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque; LOMBOGLIA, Ruth. HQ: uma manifestação de arte. In: LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Histórias em quadrinhos:** leitura crítica**.** São Paulo: Edições Paulinas, 1984. p. 10-17.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A Literatura infantil, visão crítica e histórica**. 3.ed. São Paulo: Global Editora, 1984.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato:** Vida e Obra. 2. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1956.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo: Quíron, 1983.

_____. **Panorama Histórico da literatura Infantil e Juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Literatura infantil:** teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2009.

DANTAS, Paulo *et al*. **Vozes do Tempo de Lobato.** Ed. Comemorativa do Centenário de Nascimento de Monteiro Lobato. São Paulo: Traço Editora, 1982.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança:** a leitura literária na Educação Infantil. São Paulo: Paulus, 2006.

BRASIL. **DIRETRIZES CURRICULARES DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA EDUCAÇÃO BÁSICA.** SEED/PR. 2008.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português.** 5. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.

FILIPOUSKI, Ana Mariza R. Monteiro Lobato e a literatura infantil brasileira contemporânea. In: AGUIAR, Vera Teixeira de (*et al.*). **Atualidade de Monteiro Lobato**: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 102-105.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método:** traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

GOUVÊIA, Maria Cristina Soares de. Lobato no país da infância. In: **Presença Pedagógica.** v.4. n. 22. MG: Ed. Dimensão, p. 59-66. Jul/Agosto de 1998.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens:** o jogo como elemento da cultura. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético**.** Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JUSTO, Rosa Maria Oliveira. **Os moinhos de vento no Brasil:** uma leitura da adaptação de Dom Quixote das crianças de Monteiro Lobato. Dissertação de mestrado. 2006. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <www.teses.**usp**.br/teses/.../TESE_ROSA_MARIA_OLIVEIRA_JUSTO.pdf> Acessado em 2 jul. 2010.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato:** intelectual, empresário e editor. São Paulo: T. A. Queirós, 1982.

LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. In: AGUIAR, Vera Teixeira de (*et al.*). **Atualidade de Monteiro Lobato:** uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 41-49.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. (org). Monteiro Lobato (1882-1948) e outros modernismos brasileiros. Campinas: UNICAMP, 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/QuixoteIEL> Acessado em: 3 jun. 2010.

_____. **Monteiro Lobato:** um brasileiro sob medida. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2006a.

_____ **Monteiro Lobato e Dom Quixote:** viajantes nos caminhas da leitura. 2006b. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/QuixoteIEL.pdf> Acessado em 09 jun. 2010.

_____. Linguagens na e da Literatura Infantil de Monteiro Lobato. In: CECCANTINI, João Luís (org.). **Monteiro Lobato livro a livro:** obra infantil. São Paulo: Ed. Unes; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. p. 15-29.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita:** livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 6. ed. 9. imp. São Paulo: Ática, 2010.

LCHTERMACHER, Stela; MIGUEL, Edison. HQ no Brasil: sua história e luta pelo mercado. In: LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Histórias em quadrinhos:** leitura crítica. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. p. 44-52.

LEÃO, Andréa Borges. A magia da civilização: uma sociologia do livro para crianças na república das letras. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). **Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens.** São Paulo: Global, 2001.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre.** São Paulo: Brasiliense, 1951.

_____. A criança é a humanidade de amanhã. In: **Conferências, artigos e crônicas.** v. 15. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 237-256.

_____. **Prefácios e Entrevistas.** 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

_____. **Reinações de Narizinho.** Obras Completas. v. 1. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970.

_____. **O Saci**. Obras Completas. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

_____. **História das Invenções.** Obras Completas. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973a.

_____. **História do mundo para crianças**. Obras Completas. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973b.

_____. **O Minotauro.** Obras Completas. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973c.

_____. **Os Doze trabalhos de Hércules.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973d.

_____. **Serões de Dona Benta**. Obras Completas. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973e.

_____. **Dom Quixote das crianças.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **A Chave do Tamanho.** São Paulo: Globo, 2008a.

_____. **Fábulas**. São Paulo: Globo, 2008b.

_____. **Peter Pan.** São Paulo: Globo, 2009.

_____. **Geografia de Dona Benta.** 16.ed. São Paulo: Brasiliense, s/d.

_____. **Hans Staden**. Obras Completas. 16.ed. São Paulo: Brasiliense, s/d.

_____. **Histórias Diversas.** Obras Completas. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, s/d.

_____. **Reforma da Natureza.** Obras Completas. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, s/d.

LOPRETE, Carlos Alberto. **Literatura española hispanoamericana y argentina**. 7. ed. Buenos Aires: Plus Ultra, 1976. p. 91-113.

LUYTEN, Sonia M. Bibe.**O que é história em quadrinhos.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Coleção Primeiros Passos).

MAANEM, John Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. In: **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, dez. 1979, p. 520-526.

MARTINEZ, Sabrina Lopes. **Monteiro Lobato**: tradutor ou adaptador? **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, v. 4, p.1-17, 26 dez. 2007. Anual. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/trad_em_revista.php?strSecao=input0>. Acessado em: 15 jun. 2010.

MARTINS, Socorro Edite Acioli. **De Emília a Dona Quixotinha: uma aula de leitura com Monteiro** Lobato. Dissertação de Mestrado. 2004. UFC, Fortaleza, Ceará.

MENDONÇA, M. Quadrinhos, leitura e letramento. Projeto de doutorado, Recife/PE, mímeo. 2002. In: BEZERRA, M. A. (org.) **Gêneros Textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. **Adaptações de clássicos brasileiros:** paráfrases para o jovem leitor. 2002. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, Rio de Janeiro Disponível em: http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses.html. Acessado em: 6 jan. 2010.

NEPUMUCENO, Terezinha. **Sob a ótica dos quadrinhos:** uma proposta textual-discursiva para o gênero tira. 143 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística. Minas Gerais. Disponível em: < http://www.mel.ileel.ufu.br/homepages/travaglia/artigos/DISSERT_terezinha_nepomuceno.pdf>. Acessado em 9 jul. 2010.

NUNES, Cassiano. **Novos estudos sobre Monteiro Lobato**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. **Monteiro Lobato:** o editor do Brasil. São Paulo: Gráfica Editora, 2000.

PESSOA, Alberto Ricardo. **Histórias em Quadrinhos:** um meio intermidiático. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/pessoa-alberto-historias-em-quadradinhos.pdf>. Acessado em: 10 jun. 2010.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. A leitura de Monteiro Lobato na contemporaneidade: entre o livro e os quadrinhos. **Via Atlântica**. Publicação da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. nº 14/2008, p. 129-140. São Paulo, 2008.

PRADO, Amaya Obata Mouriño de Almeida. **Adaptação, uma leitura possível:** um estudo de Dom Quixote das Crianças de Monteiro Lobato. 2007. 138f. Disponível em: <http://www.cbc.ufms.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=166>. Acessado em: 4 jan. 2010.

_____. Dom Quixote das Crianças e de Lobato. In: LAJOLO, Marisa. CERCCANTINI, José Luis. **Monteiro Lobato:** livro a livro. São Paulo: UNESP, 2008, p. 328.

QUELLA-GUYOT, Didier. **A história em quadrinhos**. São Paulo: Unimarco, 1990.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. **Imagem:** estética moderna & pós-moderna. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão: Ed. Unisul, 2002.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2011 : Apresentação. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio:** Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**.** v. I. Brasília, 2006.

SIMAS, André. **Dom Quixote das crianças** (adaptação). 2. ed. São Paulo: Globo, 2009. (Monteiro Lobato em quadrinhos).

SOARES, Ismar de Oliveira. HQ e publicações populares. In: LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Histórias em quadrinhos:** leitura crítica. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. p. 64-71.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. **Leitura Perspectivas interdisciplinares.** 5. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 18-29.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: JAUSS, Hans Robert; LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor:** textos de estética da recepção. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma "alfabetização" necessária. In: BARBOSA, Alexandre (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 31-64.

_____. Uso das HQs no ensino. In: BARBOSA, Alexandre (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 7-29.

VIDAL, Diana Gonçalves. Livros por toda parte: o ensino ativo e racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, História e História da Leitura.** São Paulo: Mercado de Letras, 2000. p. 335-355.

VIEIRA, Adriana Silene. **Um inglês no sítio de Dona Benta:** estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana. Dissertação de mestrado, 1998. 124 f. UNICAMP, Campinas. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/memoria>. Acessado em: 12 maio 2010.

_____.**Viagens de Gulliver ao Brasil:** estudo das adaptações de Gulliver's Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato. 2004. 244 f. UNICAMP. Campinas. Disponível em: < http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000320939> Acessado em: 3 maio 2010.

YUNES, Eliana. Lobato e os Modernistas. In: ZILBERMAM, Regina. **Atualidade de Monteiro Lobato:** uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 50-54.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

_____**. A leitura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE (modelo)

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)[23]

Eu _____,
pai ou mãe e/ou responsável pelo(a) aluno(a)_____ estou ciente dos procedimentos e objetivos da pesquisa "A recepção leitora de *Dom Quixote das crianças*: da prosa às histórias em quadrinhos", realizada pela pesquisadora Fernanda Maccari Guollo.

A pesquisa tem por objetivo averiguar quais as contribuições que os gêneros textuais implicam para o percurso interpretativo da leitura do título *Dom Quixote das Crianças* em prosa e em HQs (História em Quadrinhos). Para cumprir tal objetivo, a pesquisadora promoveu círculos de leituras, discussões, produção de desenhos e aplicação de questionários com os alunos.

Morro da Fumaça, _____ de _____ de 2010.

_____
Assinatura Pais e/ou Responsável

[23] Material elaborado a partir da Res. CNS 196/96 e com base nas informações fornecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa - Faculdade SEAMA - http://www.seama.edu.br/cep/

ANEXO B – Consentimento para fotografias, vídeos e gravações (modelo)

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL
CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Eu _____ permito que o grupo de pesquisadores relacionados abaixo obtenha fotografia, filmagem ou gravação de meu (minha) filho (a) _____ para fins de pesquisa científica, médica e/ou educacional.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à meu (minha) filho (a) possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não deve ser identificado (a), tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito da pesquisa: _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Nome dos pais ou responsáveis: _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Se o indivíduo é menor de 18 anos de idade, ou é legalmente incapaz, o consentimento deve ser obtido e assinado por seu representante legal.

Equipe de pesquisadores:
Nomes:

Prof. Dra. Heloisa Juncklaus Preis Moraes
Mestranda Fernanda Maccari Guollo

Data e Local onde será realizado o projeto: _____

Adaptado de: Hospital de Clínicas de Po

rto Alegre / UFRGS

APÊNDICES

APÊNDICE A – Planejamento Grupo I

. **- GRUPO I**

DATA	CONTEÚDO (S)	ESTRATÉGIA (S)
	- 1ª tarde pedagógica -	
1ª aula	- Introdução do que será visto na "Oficina de Leitura". - O que é uma obra literária universal? - Leituras que serão realizadas: 1. Livro I : *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato (prosa)	- Discussões pertencentes ao universo literário (histórias fictícias, personagens, ambientação) - Perguntar quais os livros que os alunos leram nas férias, qual gênero lhes atrai mais, os personagens que mais lhes chamaram a atenção, etc. - Conhecimento de mundo dos estudantes: abrir espaço para que os alunos comentem se já conheciam um fidalgo chamado Dom Quixote e/ou algo sobre o escritor Miguel de Cervantes Saavedra. A professora comentará a respeito da obra e do escritor espanhol de forma breve, concisa, mas que atraia a atenção dos estudantes. - Depois, será realizada a apresentação dos livros: 1. Livro I: *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato (prosa). - A professora dará uma breve explanação a respeito da composição desse livro para os alunos, situando a história e em que época ela se projeta. A explicação contemplará o artifício usado por Lobato: a adaptação, para que as crianças possam adentrar aos encantos e devaneios de Alonso Quijana (Dom Quixote de La Mancha) e de seu fiel escudeiro Sancho Pansa. - A professora irá mostrar no mapa onde se localiza o desenrolar da história (em que parte da Espanha). - Logo, como tarefa os alunos terão que, em duplas pesquisarem sobre o escritor Monteiro Lobato, sobre sua obra *Dom Quixote das Crianças.* - A professora irá comentar a respeito de

		um outro gênero chamado “histórias em quadrinhos (HQs)”. Perguntas serão feitas, como: os estudantes costumam ler obras em HQs, o que eles apreciam nessas obras, se é mais fácil entender a história por meio das HQs. Cada aluno irá contar para o grupo quais os livros que já leu em HQs. Depois, será apresentado o livro trimestral. Observação: - Após as apresentações, o livro em prosa será passado de aluno a aluno para que haja o primeiro contato com a obra. Nesse momento, é observado o todo do livro: suas cores, o formato da letra, a capa (com suas respectivas informações: título em dão destaque, gravuras), as ilustrações, número de páginas, etc.
2ª e 3ª aula **4ª e 5ª aula**	- Conhecendo o nosso escritor! - Apresentação das pesquisas	- Os alunos serão divididos em duplas e irão pesquisar na biblioteca da escola e/ou na sala de informática (internet) a vida e obra de Lobato. - O escritor do livro *Dom Quixote das Crianças*, é um taubateano chamado Monteiro Lobato. Mas, quem de vocês conhece Monteiro Lobato? Quem foi este escritor? Pesquise sobre sua vida, seu nome completo, sua infância, sua formação acadêmica, os empregos que teve em sua vida, se foi empresário de sucesso ou apenas foi escritor? Fez viagens para fora do país? O que descobriu lá fora? Passou a valorizar os bens naturais de nosso país? Quais suas personagens mais memoráveis? Como veio a falecer? - Quais os livros que ele escreveu para os adultos? Para as crianças? Quais foram às adaptações que ele fez? E por que fez adaptações de obras literárias universais para o púbico infantil se já tinha produzido tantos livros para as crianças? - Após a divisão das duplas e da explicação da atividade, os alunos irão para a biblioteca pesquisar/sala de

		informática. - Esta aula é dedicada para a apresentação da pesquisa - Os alunos sentados em meia lua apresentaram suas contribuições para conhecermos um pouco do escritor Monteiro Lobato - Tarefa: iniciar a leitura do livro para que possamos apresentá-lo no decorrer das próximas aulas, que chamaremos de "Círculo de Leitura". - O "Círculo de Leitura" será realizado da seguinte forma: serão distribuídos os capítulos que serão explicados pelos alunos. Todos deverão ler os capítulos e na hora da aula será sorteado os alunos que irão fazer as apresentações dos capítulos e isso, deve ocorrer em todos as outras aulas, pois teremos mais capítulos para todos os alunos, podendo o aluno já sorteado apresentar novamente. - Capítulos que serão apresentados na próxima aula: 1. Emília descobre o Dom Quixote... 7 2. Dona Benta começa a ler o livro... 9 3. Primeiras aventuras... 13 4. Terrível combate... 17 5. D. Quixote volta para casa. A queima dos livros ... 19 6. Primeiras aventuras em Companhia de Sancho ... 23 7. Novas aventuras pela estrada. Os frades... 25 8. Conversas de D. Quixote e Sancho... 27 9. A pousada com os cabreiros... 28 10. Renascimento do Visconde... 32 11. Grande combate de arrieiros. Pancadaria em D. Quixote e Sancho... 33 12. Aventuras na estalagem... 34 13. Combate com os carneiros ... 39 14. A aventura dos pilões... 43 Observação: - Será feita discussões referente às ações das personagens, das palavras utilizadas

		por Lobato, das ilustrações de cada capítulo, das temáticas, etc., no decorrer das apresentações.
	- 2ª tarde pedagógica -	
1ª, 2ª e 3ª aula	- Círculo de Leitura (parte I)	- Apresentações (explanação da história lida pelos alunos até os capítulos estabelecidos), por meio de sorteio. - Reflexões sobre as temáticas que estão envolvidas no enredo: cavalaria andante, a família de D. Quixote, a biblioteca e os desenhos ilustrados em preto e branco do livro. - Discussões coletivas
4ª e 5ª aula	- Produzindo o "nosso Dom Quixote" - (Parte lúdica) - Término das ilustrações	- Para aguçar o apreço pela leitura da história, os alunos irão elaborar a seu ver as personagens de destaque no livro: D. Quixote, Sancho Pansa, Dulcinéia, Rocinante, pelo menos até onde eles leram a história. - O material será fornecido pela escola, - A professora dará orientação para os alunos. Tarefa: Ler os capítulos: 15. Conquista do Elmo de mambrino, o mais famoso do mundo... 47 16. A aventura com os galerianos... 49 17. Fim da penitência. O príncipe etíope. Espantosa briga... 52 18. A aventura dos odres de vinho ... 54 19. O que aconteceu na estalagem... 58 20. A volta do engaiolado ... 60 21. Terceira saída de D. Quixote com o cavaleiro dos Espelhos ... 67 22. A grande coragem de Dom Quixote diante dos leões... 70 23. A barca encantada. D. Quixote encontra o Duque... 75 24. História de dolorida. O cavalo

		encantado... 77 25. Conselhos de D. Quixote. Sancho assume o governo da ilha... 80
	- 3ª tarde pedagógica -	
1ª e 2ª aula	- Término do mural	- Entrega e apresentação dos trabalhos que ficaram em exposição no mural da sala.
3ª, 4ª e 5ª aula	- Círculo de Leitura (parte II)	- Apresentações (Círculo de Leitura); - Discussões coletivas Tarefa: Ler os capítulos 7. Sancho abandona a ilha e o que lhe acontece pelo caminho... 83 8. Dom Quixote em Barcelona. O cavaleiro da Branca Lua... 85 9. Doença e Morte de D. Quixote... 88
	4ª tarde pedagógica	
1ª, 2ª e 3ª aula	- Círculo de Leitura (parte III)	- Apresentações (Círculo de Leitura) - Discussões coletivas
4ª e 5ª aula	- Aplicação do Questionário	- No término da leitura será aplicado um questionário aos alunos para depois serem analisadas as respostas.
	- Apresentação do II livro: Dom Quixote das crianças em HQs, adaptação de André Simas.	Tarefa: Comprar o Livro II: *Dom Quixote das Crianças,* adaptação em HQs por André Simas. 1. Observar a capa, os desenhos e ler até a página 24.

	5ª tarde pedagógica	
1ª e 2ª aula	- Apresentação do livro II -Discussões a respeito do primeiro contato com o livro em história em quadrinhos - Leitura do livro II: 2. *Dom Quixote das crianças* em quadrinhos, adaptação de André Simas	- Livro II: *Dom Quixote das Crianças*, de André Simas (adaptação em HQs) - Analisando a capa: 1. Quais os elementos que mais lhe chamaram a atenção na capa do livro? 2. As cores são relevantes? Por quê? 3. Dom Quixote que aparece na capa era o imaginado por você? E o Sancho Pansa? O Rocinante? 4. Pelas imagens mostradas na capa podemos imaginar o que nos espera no decorrer do enredo? 5. Quem faz a introdução da história com uma vasilha na cabeça, uma tampa como escudo e uma vassoura em prontidão para sua defesa caso haja brigas? Você já conhecia essa personagem? De onde? - As apresentações serão realizadas sempre com falas a respeito das dúvidas ou do que mais chamou a atenção dos alunos. Observação: Os alunos responderam oralmente a essas questões. - Os alunos irão apresentar este livro destacando quais os benefícios para a compreensão da história que é transmitida pelas histórias em quadrinhos, sua feição estética, os movimentos das personagens, jogo de luz e sombra, destaque de onomatopéias (que será explicado pela professora), a ambientação desenhada nos quadrinhos, o formato dos quadrinhos, a sequência lógica da história, a expressão facial das personagens condizem ou não com o que está acontecendo na história, por que há balões de fala redondos e quadrados, sempre fazendo paralelos com o livro de Lobato. - Apresentações - Reflexões coletivas - Levantamento de hipóteses (será?)

3ª 4ª e 5ª aula	- Círculo de Leitura (parte I)	Tarefa: Ler da página 25 a 40
	6ª aula pedagógica	
1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª aula	- Círculo de Leitura (Parte II)	- Apresentação dos capítulos. - Discussão coletiva - Tarefa: Ler da página 40 até a página 52.
	7ª tarde pedagógica	
1ª, 2ª e 3ª aula	- Circulo de Leitura (parte III)	- Apresentações e discussões finais
4ª e 5ª aula	- Aplicação do Questionário	- A professora entregará para cada aluno, um questionário sobre o decorrer das aulas e da atividade de leitura até então proposta. - Os alunos irão responder a um questionário de forma clara e objetiva, assim como serão as perguntas feitas a eles. - Os alunos, também, levaram para a casa uma tabelinha com duas perguntas: o que facilitou e o que dificultou a leitura do livro. Eles responderam com calma, em casa, e entregarão suas respostas para a professora na próxima aula. Observação: - A professora explicará cada questão e estará disponível para eventuais dúvidas no decorrer da aula, sempre auxiliando os alunos no que for possível.

Observação: - No final da aula, a professora irá recolher os questionários e usará este material para averiguar como está sendo o trabalho com a leitura em sala de aula, quais as expectativas dos alunos, bem como, usará as respostas dos alunos para análise em sua pesquisa de

mestrado, que está direcionada ao incentivo à leitura literária dentro e fora do ambiente escolar.

APÊNDICE B –Planejamento Grupo II

- GRUPO II

DATA	CONTEÚDO (S)	ESTRATÉGIA (S)
	- 1ª tarde pedagógica -	
1ª aula	- Introdução do que será visto na "Oficina de Leitura". - O que é uma obra literária universal? - Leituras que serão realizadas: 1. Livro I : *Dom Quixote das crianças*, de André Simas (adaptação em HQs). "	- Discussões pertencentes ao universo literário (histórias fictícias, personagens, ambientação) - Perguntar quais os livros que os alunos leram nas férias, qual gênero lhes atrai mais, os personagens que mais lhes chamaram a atenção, etc. -Conhecimento de mundo dos educandos: abrir espaço para que os alunos comentem se já conheciam um fidalgo chamado Dom Quixote e/ou algo sobre o escritor Miguel de Saavedra. A professora comentará a respeito da obra e do escritor espanhol de forma breve, concisa, mas que atraia a atenção dos educandos. - Depois, será realizada a apresentação dos livros: 1. Livro I: *Dom Quixote das crianças*, adaptação em HQs. Este será trabalhado primeiro que a leitura em HQs para averiguarmos quais as contribuições e/ou perdas que a ilustração pronta traz consigo na hora da leitura frente às crianças, se comportam as expectativas ou deixam lacunas do enredo, ou se alunos conseguem completar as lacunas que advém do uso das HQs na adaptação de uma obra literária, dentre outras questões. - A professora irá mostrar no mapa onde se localiza o desenrolar da história (em que parte da Espanha). - Logo, como tarefa os alunos terão que, em duplas pesquisarem sobre o escritor Monteiro Lobato, sobre sua obra "Dom Quixote das Crianças".

2ª e 3ª aula		Observação: - Após as apresentações, o livro em HQs será passado de aluno a aluno para que haja o primeiro contato com a obra. Nesse momento, é observado o todo do livro: suas cores, o formato da letra, a capa (com suas respectivas informações: título em dão destaque, gravuras), as ilustrações, número de páginas, etc. - Os alunos serão divididos em duplas e irão pesquisar na biblioteca da escola e/ou na sala de informática (internet) a vida e obra de Lobato. - O escritor do livro "Dom Quixote das Crianças", é um taubateano chamado Monteiro Lobato. Mas, quem de vocês conhece Monteiro Lobato? Quem foi este escritor? Pesquise sobre sua vida, seu nome completo, sua infância, sua formação acadêmica, os empregos que teve em sua vida, se foi empresário de sucesso ou apenas foi escritor? Fez viagens para fora do país? O que descobriu lá fora? Passou a valorizar os bens naturais de nosso país? Quais suas personagens mais memoráveis? Como veio a falecer? - Quais os livros que ele escreveu para os adultos? Para as crianças? Quais foram às adaptações que ele fez? E por que fez adaptações de obras literárias universais para o púbico infantil se já tinha produzido tantos livros para as crianças? - Após a divisão das duplas e da explicação da atividade, os alunos irão para a biblioteca pesquisar/sala de informática.
2ª e 3ª aula	- Conhecendo o nosso escritor!	- Esta aula é dedicada para a apresentação da pesquisa; - Os alunos sentados em meia lua apresentaram suas contribuições para conhecermos um pouco do escritor Monteiro Lobato.

4ª e 5ª aula	- Apresentação das pesquisas	- Tarefa: iniciar a leitura do livro para que possamos apresentá-lo no decorrer das próximas aulas, que chamaremos de "Círculo de Leitura". - O "Círculo de Leitura" será realizado da seguinte forma: serão estipulados os capítulos que serão explicados pelos alunos. Todos deverão ler os capítulos e na hora da aula será sorteado os alunos que irão fazer as apresentações dos capítulos e isso, deve ocorrer em todos as outras aulas, pois teremos mais capítulos para todos os alunos, podendo o aluno já sorteado apresentar novamente. Tarefa: Ler o Livro I: *Dom Quixote das Crianças*, adaptação em HQs por André Simas. 2. Observar a capa, os desenhos e ler até a página 24. Observação: - Será feita discussões referente às ações das personagens, das palavras utilizadas por Lobato, das ilustrações de cada capítulo, das temáticas, etc., no decorrer das apresentações.
	2ª tarde pedagógica	
1ª e 2ª aula /0/2010	- Apresentação do livro I -Discussões a respeito do primeiro contato com o livro em história em quadrinhos	- Livro I: *Dom Quixote das Crianças*, de André Simas (adaptação em HQs) - Antes do "Círculo de Leitura" analisar a capa (fazer uma breve discussão): 1. Quais os elementos que mais lhe chamaram a atenção na capa do livro? 2. As cores são relevantes? Por quê? 3. Dom Quixote que aparece na capa era o imaginado por você? E o Sancho Pansa? O Rocinante? 4. Pelas imagens mostradas na capa podemos imaginar o que nos espera no

		decorrer do enredo? 5. Quem faz a introdução da história com uma vasilha na cabeça, uma tampa como escudo e uma vassoura em prontidão para sua defesa caso haja brigas? Você já conhecia essa personagem? De onde? - As apresentações serão realizadas sempre com as inferências que os alunos acharem necessárias para tirar dúvidas ou incluir experiências que o texto os remeteram, destacando assim o que mais chamou a atenção dos alunos no enredo lido. Observação: Os alunos responderam oralmente a essas questões. - Os alunos irão apresentar este livro destacando quais os benefícios para a compreensão da história que é transmitida pelas histórias em quadrinhos, sua feição estética, os movimentos das personagens, jogo de luz e sombra, destaque de onomatopéias (que será explicado pela professora), a ambientação desenhada nos quadrinhos, o formato dos quadrinhos, a sequência lógica da história, a expressão facial das personagens condizem ou não com o que está acontecendo na história, por que há balões de fala redondos e quadrados, sempre fazendo paralelos com o livro de Lobato.
3ª 4ª e 5ª aula	- Círculo de Leitura (parte I)	- O "Círculo de Leitura" irá acontecer da mesma forma explicada no planejamento anterior com as apresentações dos capítulos por parte dos alunos sendo que eles somente saberão qual será o seu capítulo na hora do de contá-lo em sala de aula, o que contribui para que todos leiam os capítulos indicados. - Reflexões coletivas - Levantamento de hipóteses (será?) Tarefa: Ler da página 25 a 40

	3ª aula pedagógica	
1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª aula	- Círculo de Leitura (Parte II)	- Apresentação dos capítulos. - Discussão coletiva - Tarefa: Ler da página 40 até a página 52.
	4ª tarde pedagógica	
1ª, 2ª e 3ª aula	- Circulo de Leitura (parte III)	- Apresentações e discussões finais
4ª e 5ª aula	- Aplicação do Questionário	- A professora entregará para cada aluno, um questionário sobre o decorrer das aulas e da atividade de leitura até então proposta. - Os alunos irão responder a um questionário de forma clara e objetiva, assim como serão as perguntas feitas a eles. Observação: - A professora explicará cada questão e estará disponível para eventuais dúvidas no decorrer da aula, sempre auxiliando os alunos no que for possível. - Assim, termina a leitura das HQs.
	- Leitura do livro II: *Dom Quixote das crianças* em prosa	Tarefa: iniciar a leitura do livro em prosa para que possamos apresentá-lo no decorrer das próximas aulas, que chamaremos de "Círculo de Leitura". - O "Círculo de Leitura" será realizado da seguinte forma: serão distribuídos os capítulos que serão explicados pelos alunos somente no momento. Todos deverão ler os capítulos e na hora da aula serão sorteados os alunos que irão fazer as apresentações dos capítulos e

		isso, deve ocorrer em todas as outras aulas, pois teremos mais capítulos para todos os alunos, podendo o aluno já sorteado apresentar novamente. - Capítulos que serão apresentados na próxima aula: 1. Emília descobre o Dom Quixote... 7 2. Dona Benta começa a ler o livro... 9 3. Primeiras aventuras... 13 4. Terrível combate... 17 5. D. Quixote volta para casa. A queima dos livros ... 19 6. Primeiras aventuras em Companhia de Sancho ... 23 26. Novas aventuras pela estrada. Os frades... 25 27. Conversas de D. Quixote e Sancho... 27 28. A pousada com os cabreiros... 28 29. Renascimento do Visconde... 32 30. Grande combate de arrieiros. Pancadaria em D. Quixote e Sancho... 33 31. Aventuras na estalagem... 34 32. Combate com os carneiros ... 39
	- 5ª tarde pedagógica -	
1ª, 2ª e 3ª aula	- Círculo de Leitura (parte I)	Livro II: *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato (prosa) - Início do "Círculo de Leitura" (explanação da história lida pelos alunos até os capítulos estabelecidos), por meio de sorteio. - Reflexões sobre as temáticas que estão envolvidas no enredo: cavalaria andante, a família de D. Quixote, a biblioteca e os desenhos ilustrados em preto e branco do livro. - Discussões coletivas

4ª e 5ª aula	- Produzindo o "nosso Dom Quixote" - (Parte lúdica) - Ilustrações das personagens	- Para aguçar o apreço pela leitura da história, os alunos irão elaborar o seu ver as personagens de destaque no livro: D. Quixote, Sancho Pança, Dulcinéia, Rocinante, pelo menos até onde eles leram a história. - O material será fornecido pela escola, - A professora dará orientação a todas as equipes. Tarefa: Ler os capítulos: 33. Conquista do Elmo de mambrino, o mais famoso do mundo... 47 34. A aventura com os galerianos... 49 35. Fim da penitência. O príncipe etíope. Espantosa briga... 52 36. A aventura dos odres de vinho ... 54 37. O que aconteceu na estalagem... 58 38. A volta do engaiolado ... 60 39. Terceira saída de D. Quixote com o cavaleiro dos Espelhos ... 67 40. A grande coragem de Dom Quixote diante dos leões... 70 41. A barca encantada. D. Quixote encontra o Duque... 75 42. História de dolorida. O cavalo encantado... 77 43. Conselhos de D. Quixote. Sancho assume o governo da ilha... 80
	- 6ª tarde pedagógica -	
1ª e 2ª aula **3ª, 4ª e 5ª aula**	- Término das ilustrações - Círculo de Leitura (parte II)	- Entrega das ilustrações - Apresentações (Círculo de Leitura); - Discussões coletivas Tarefa: Ler os capítulos 10. Sancho abandona a ilha e o que lhe acontece pelo caminho... 83

		11. Dom Quixote em Barcelona. O cavaleiro da Branca Lua... 85 12. Doença e Morte de D. Quixote... 88
	7ª tarde pedagógica	
1ª, 2ª e 3ª aula **4ª e 5ª aula**	- Círculo de Leitura (parte III)	- Apresentações (Círculo de Leitura) - Discussões coletivas - No final os alunos responderão a um questionário para depois ser analisadas as respostas.

Observação: - No final da aula, a professora irá recolher os questionários e usará este material para averiguar como está sendo o trabalho com a leitura em sala de aula, quais as expectativas dos alunos, bem como, usará as respostas dos alunos para análise em sua pesquisa de mestrado, que está direcionada ao incentivo à leitura literária dentro e fora do ambiente escolar.

APÊNDICE C – Questionário I (Grupo I) – referente à leitura do livro em prosa *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato

Pesquisa para a dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – UNISUL
Mestranda: Fernanda Maccari Guollo

Aluno (a): _____
(nome foi substituído por números de 1 a 6)

Questionário referente à leitura do livro *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato

1. Com que frequência você lê livros?
   ( ) toda semana ( ) de mês em mês ( ) de dois em dois meses
   ( ) de três em três meses ( ) de quatro em quatro meses ( ) de seis em seis meses ( ) outros períodos – Quais? Explique.
   R:_____
   _____
   _____
   _____
   _____

2. Você costuma ler livros de Monteiro Lobato? ( ) Sim ( ) Não
   Quais os títulos que você já leu?
   _____
   _____
   _____
   _____
   _____
   _____
   _____
   _____

3. Você gostou da história do cavaleiro andante? ( ) Sim ( ) Não Por quê?
   R:_____
   _____

_____
_____
_____

4. Quais os nomes das personagens que compõem a história?
   R:_____
   _____
   _____
   _____
   _____

5. Você conseguiu compreender a história? ( ) Sim ( ) Não Por quê?
   R:_____
   _____
   _____
   _____
   _____
   _____

6. O livro possui desenhos atrativos? ( ) Sim ( ) Não

7. Qual dos capítulos chamou mais a sua atenção? Descreva-o e diga o porquê.
   R:_____
   _____
   _____
   _____
   _____

8. Descreva com suas palavras como era Dom Quixote.
   R:_____
   _____
   _____
   _____
   _____

9. Quem era o grande amor de Dom Quixote? Descreve a personagem.

   R:_____
   _____
   _____
   _____
   _____

10. Quem era o seu fiel escudeiro? Como Dom Quixote conseguiu convencê-lo a acompanhá-lo em suas aventuras?
    R:_____
    _____
    _____

11. Todos da turma do Sítio do Picapau Amarelo estavam prestando atenção na história contada por Dona Benta. Por que a história que Cervantes escreveu foi preciso ser recontada às crianças por Dona Benta?
    R:_____
    _____
    _____
    _____
    _____

12. Qual a personagem do Sítio que se parece mais com Dom Quixote? Por quê?

    R:_____
    _____
    _____
    _____
    _____

13. O que aconteceu com o Visconde no início da história? Explique.
    R:
    _____
    _____
    _____
    _____
    _____

14. Por que Dom Quixote ficou louco?
    R:_____
    _____
    _____
    _____
    _____

15. Qual das aventuras do cavalheiro andante, Dom Quixote, mais chamou a sua atenção? Por quê?
    R:_____
    _____
    _____
    _____
    _____

16. Sancho Pança ganhou de Dom Quixote a recompensa por ajudá-lo em suas andanças? ( ) Sim ( ) Não Explique o quê aconteceu.
    R:_____
    _____
    _____

17. Descreva o que aconteceu com Dom Quixote no final da história.
    R:_____
    _____
    _____
    _____

18. Emília, ao ver que Dona Benta estava terminando a história com a morte de Dom Quixote, se revolta. Explique o que Emília pensa a respeito e dê a sua opinião sobre o fim da história. Você concordou ou não? Dom Quixote merecia outro fim? ( ) Sim ( ) Não Por quê?
    R:_____
    _____
    _____
    _____
    _____
    _____
    _____

APÊNDICE D – Questionário II (Grupo I) referente à leitura da narrativa *Dom Quixote das crianças* em prosa e em história em quadrinhos

Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem

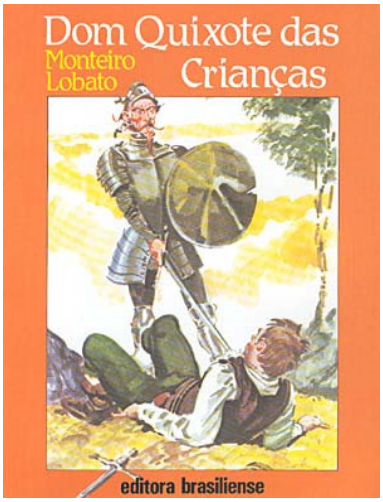
Mestranda: Fernanda Maccari Guollo
Pesquisa de dissertação de Mestrado

Aluno (a): _____
(o nome foi substituído por números de 1 a 6)

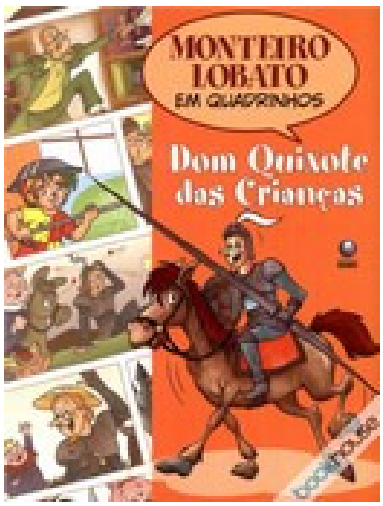
Questionário referente à leitura do livro *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato (em prosa) e de André Simas (em história em quadrinhos - HQs)

1. Qual dos dois livros você gostou mais?

( ) *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato em prosa.



( ) *Dom Quixote das crinaças*, de Monteiro Lobato adaptado por André Simas para as histórias em quadrinhos (HQs).



Justifique sua resposta:

_____
_____
_____
_____
_____

2. A linguagem usada por Lobato é de fácil compreensão ?
   ( )sim ( ) não Por quê? Você poderia dar um exemplo?

_____
_____
_____
_____

3. E nas histórias em quadrinhos, a linguagem é mais fácil de compreender? ( ) Sim ( ) Não Por que? Como são expressas as falas das personagens? Cite um exemplo.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

4. No decorrer da história, de Lobato, há ilustrações em preto e branco. Elas contribuem para que a história seja entendida? Ou você prefere as coloridas do livro em HQs? Por quê?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

5. No final do livro em HQs, André Simas, mudou o rumo da história escrita por Lobato. Você gostou desta mudança? ( ) Sim ( ) Não
   Ou preferia como Lobato havia deixado? Por quê?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

6. Qual final você daria para a história de Dom Quixote? Ele merecia o fim que teve? ( ) Sim ( ) Não Por quê?

APÊNDICE E – Questionário III (Grupo II) referente à leitura do livro adaptado para as histórias em quadrinhos *Dom Quixote das crianças*, de André Simas.

Mestranda: Fernanda Maccari Guollo
Pesquisa de dissertação de Mestrado

Aluno (a): _____
(o nome foi substituído por números de 7 a 12)

Questionário referente à leitura do livro *Dom Quixote das crianças*, Adaptado para as histórias em quadrinhos (HQs), por André Simas

1. Você costuma ler livros de Histórias em Quadrinhos (HQs)? ( ) Sim ( ) Não

2. Com que frequência você lê livros de histórias em quadrinhos (HQs)?
( ) toda semana ( ) de mês em mês ( ) de dois em dois meses
( ) de três em três meses ( ) de quatro em quatro meses ( ) de seis em seis meses ( ) outros períodos – Quais? Explique.
R:_____
_____
_____
_____

3. Você gostou de ler o livro *Dom Quixote das Crianças*, em histórias em quadrinhos?
( ) Sim ( ) Não Por quê?

R:_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

4. A história é interessante? ( ) Sim ( ) Não Por quê?
R:_____
_____
_____

_____
_____

5. Quais os nomes de todas as personagens que compõem a história?
   R:_____
   _____
   _____
   _____
   _____
   _____

6. Descreva com suas palavras como era Dom Quixote.
   R:_____
   _____
   _____
   _____
   _____

7. Quem era o grande amor de Dom Quixote? Ela apareceu nos quadrinhos? Descreva este momento.

   R:_____
   _____
   _____
   _____
   _____

8. Quem era o seu fiel escudeiro? Como Dom Quixote conseguiu convencê-lo a acompanhá-lo em suas aventuras?
   R:_____
   _____
   _____
   _____

9. Você conseguiu entender a história somente com o que estava escrito nos balões ou as imagens ajudaram a compreender melhor o que estava acontecendo com Dom Quixote (suas ações e aventuras)? Explique.
   R:_____
   _____
   _____
   _____
   _____
   _____

10. Todos da turma do Sítio do Picapau Amarelo estavam prestando atenção na história contada por Dona Benta. Por que a história que Cervantes escreveu foi preciso ser recontada as crianças por Dona Benta?

R:_____
_____
_____
_____
_____

11. Qual a personagem do Sítio que se parece mais com Dom Quixote? Por quê?

R:_____
_____
_____
_____
_____

12. O que aconteceu com o Visconde no início da história? Explique.

R:
_____
_____
_____
_____
_____

13. Por que Dom Quixote ficou louco?

R:_____
_____
_____
_____
_____

14. Qual das aventuras do cavalheiro andante, Dom Quixote, mais chamou a sua atenção? Por quê?

R:_____
_____
_____
_____
_____

15. Sancho Pança ganhou de Dom Quixote a recompensa por ajudá-lo em suas andanças? ( ) Sim ( ) Não Explique o que aconteceu.

R:_____
_____
_____
_____
_____

16. Os quadrinhos mostravam realmente o que estava acontecendo para que você, leitor, conseguisse entender a história? ( ) Sim ( ) Não Explique.

R:_____
_____
_____
_____

17. Explique como André Simas representou a morte de Dom Quixote.
R:_____
_____
_____
_____

18. O que mais chamou a sua atenção ao apreciar os desenhos na história? Comente a sua resposta.
( ) as cores.
( ) os traços das personagens: expressão facial (olhares, sorrisos, as testas franzidas, etc.).
( ) os movimentos, as ações de cada personagem.
( ) Os *feedbacks* (as lembranças ou a imaginação de cada cena contada por Dona Benta) que foram desenhadas n um contorno que representa nuvens.
( ) a ordem dos acontecimentos retratados nas páginas com leitura da esquerda para a direta.
( ) Outras
_____
_____
_____

19. Emília, ao ver que Dona Benta estava terminando a história com a morte de Dom Quixote, se revolta. Explique o que Emília fez e dê a sua opinião sobre como ela terminou a história. Você concordou ou não com o fim criado pela boneca de pano?
R:
_____
_____
_____
_____
_____
_____

APÊNDICE F – Questionário IV (Grupo II) referente à leitura da narrativa *Dom Quixote da crianças* em história em quadrinhos e em prosa

Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem

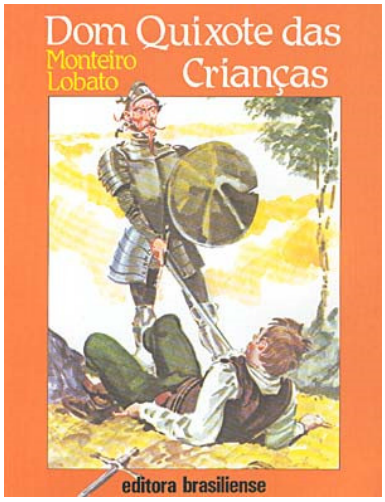
Mestranda: Fernanda Maccari Guollo
Pesquisa de dissertação de Mestrado

Aluno (a): _____
(o nome foi substituído por números de 7 a12)

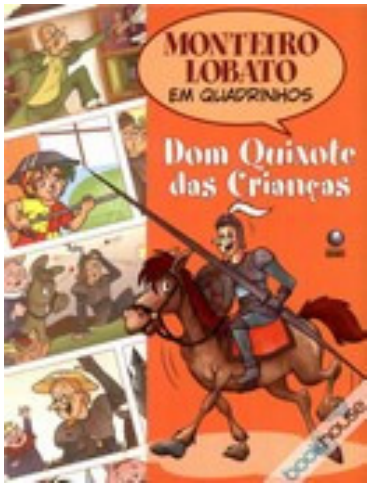
Questionário referente à leitura do livro *Dom Quixote das crianças*, adaptação para as histórias em quadrinhos (HQs) por André Simas e *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato em prosa.

1. Qual dos dois livros você gostou mais de ler?

( )
Dom Quixote das crianças, de Monteiro Lobato em prosa.



( )
Dom Quixote das crianças, de Monteiro Lobato adaptado por André Simas para as histórias em quadrinhos (HQs).



Justifique sua resposta:

_____
_____
_____
_____

2. A linguagem usada por Lobato é de fácil compreensão:
   ( )sim ( ) não Por quê? Você poderia dar um exemplo?

_____
_____
_____

3. E nas histórias em quadrinhos, a linguagem é mais fácil de compreender?
   ( ) Sim ( ) Não Por que?

Como são expressas as falas das personagens? Cite um exemplo.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

4. No decorrer da história, de Lobato, há ilustrações em preto e branco. Elas contribuem para que a história seja entendida? Ou você prefere as coloridas do livro em HQs? Por quê?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

5. No final do livro em HQs, André Simas, mudou o rumo da história escrita por Lobato.
   Você gostou desta mudança? ( ) Sim ( ) Não
   Ou preferia como Lobato havia deixado? Por quê?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

6. Qual final você daria para a história de Dom Quixote? Ele merecia o fim que teve?
   ( ) Sim ( ) Não Por quê?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____